



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

GUILHERME AUGUSTO ASCENCIO ROSA DE SOUZA

**EMPATIA NA LITERATURA ANALÍTICO-
COMPORTAMENTAL:
UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Londrina
2022

GUILHERME AUGUSTO ASCENSCIO ROSA DE SOUZA

**EMPATIA NA LITERATURA ANALÍTICO-
COMPORTAMENTAL:
UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Área de concentração: Análise do Comportamento

Orientador: Prof.^a Dra. Márcia Cristina Caserta Gon

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Souza, Guilherme Augusto Ascencio Rosa de Souza.

Empatia na literatura analítico-comportamental: Uma revisão integrativa / Guilherme Augusto Ascencio Rosa de Souza Souza. - Londrina, 2022.
133 f. : il.

Orientador: Márcia Cristina Caserta Gon.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Empatia - Tese. 2. Análise do Comportamento - Tese. 3. Comportamento empático - Tese. 4. Revisão integrativa - Tese. I. Gon, Márcia Cristina Caserta. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

CDU 159.9

GUILHERME AUGUSTO ASCENSCIO ROSA DE SOUZA

**EMPATIA NA LITERATURA ANALÍTICO-
COMPORTAMENTAL:
UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.
Área de concentração: Análise do Comportamento

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.^a Dra. Márcia Cristina Caserta Gon
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Robson Zazula
Universidade Federal da Integração Latino
Americana - UNILA

Prof.^a Dra. Maria Rita Zoéga Soares
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof.^a Dra. Renata Grossi
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof.^a Dra. Edmárcia Manfredin Vila
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 22 de setembro de 2022.

Agradecimentos

Em um primeiro momento, agradeço a minha mãe, Nilza, e meu pai, Sérgio, por todas as oportunidades que me foram oferecidas até aqui. É difícil não ser determinista aqui, mas, para mim, a verdade é clara: sem o apoio e esforço de vocês, eu não teria chegado nem perto dessa jornada. Vocês me colocaram perto dos livros e por ali eu fiquei e vou ficando...

Obrigado por, mais uma vez, me deixarem sonhar.

Agradeço também a minha avó Célia, Tia Rosane e Tia Tata que, também, fizeram tudo que puderam para que eu tivesse as condições de morar em Londrina e poder aproveitar momentos tão marcantes e valiosos na minha formação. Jamais esquecerei de tamanha compaixão e cuidado comigo. Cada uma com suas especificidades, mas todas com atitudes e crenças inspiradoras. Obrigado pelo apoio e inspiração.

Deixo aqui um agradecimento especial a minha amiga e parceira Mariana, que tanto me incentivou e participou do Mestrado como um todo. Agradeço pela sua paciência nos momentos de dificuldade e pela distribuição de pontapés que me tiraram de amarras cômodas quando precisei me mexer. Você é uma jóia rara e fico feliz de ter tido a chance de te encontrar e dividir grandes e pequenos momentos com você.

Aos meus amigos Débora, Heitor e Luiza, obrigado por me deixarem fazer parte desse momento único de vocês e, também, por fazerem parte do meu. Nossa estrada começou lá atrás e fico feliz de poder ter seguido esse trecho lado a lado. Obrigado pelas conversas sobre as disciplinas e problemas na pesquisa que “atravessaram” os corredores da UEL/UEM e estão permeadas nesse texto. Obrigado, também, aos meus amigos mais recentes, Felipe e Rachel, que, em outrora, foram apenas companheiros de pesquisa. Nossa aproximação durante o mestrado foi um enorme ganho e motivo de felicidade para mim.

Agradeço muito à minha orientadora. Márcia, você, mais do que todos e todas sabe como foi o meu processo de escrita e as dificuldades envolvidas. Já adianto meu pedido de

desculpas por não ter sido um último orientando ideal, rs. De toda forma, obrigado por ter topado e questionado minhas ideias. Sua boa influência e conselhos acertados me ajudaram muito e espero que, em alguma medida, eu possa ter contribuído com algo de bom para você. Obrigado pela compreensão e paciência com meus erros e eventuais sumiços. Você foi uma parte essencial deste trabalho.

Por fim, agradeço à CAPES pelo apoio financeiro parcial que possibilitou uma dedicação exclusiva ao desenvolvimento deste trabalho.

Souza, G. A. A. R. **Empatia na literatura analítico-comportamental: uma revisão integrativa.** 2022. 132 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMO

Entender o outro ou entender os sentimentos dos outros parece ser um requisito para o bom convívio social e, também, para boas práticas terapêuticas. Entre outros campos de estudo, o Behaviorismo Radical, como base filosófica, e a Análise do Comportamento, também tratam sobre a empatia. Mesmo que de maneira breve, Skinner menciona a empatia ao falar sobre eventos privados e ressalta a impossibilidade de sentirmos precisamente o que os outros sentem. Para além de Skinner, a Análise do Comportamento, em suas diferentes naturezas de trabalho (básica, aplicada e teórica), parece apresentar alguns aspectos sobre a empatia. Um desses aspectos é a concepção da empatia como um comportamento operante social que pode ser treinado e desenvolvido. Ao mesmo tempo, também aparecem concepções que trazem a empatia como uma Operação Estabelecadora (OE) e, assim, um evento que atua sobre comportamentos. Por mais que as concepções versem sobre um fenômeno, cada uma delas traz definições diferentes para um mesmo termo, havendo parecer pouco consenso sobre a empatia na literatura analítico-comportamental e considerando a clareza conceitual para a realização de estudo e instrumentos. Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa é sistematizar o conceito de empatia na literatura analítico-comportamental. Assim, foi feita uma revisão integrativa de literatura com base em artigos referenciados pela Análise do Comportamento e que tratem da empatia. O material foi buscado por meio da combinação de palavras-chaves específicas sobre a empatia e, também, sobre a produção científica da Análise do Comportamento. Foram utilizadas bases nacionais e internacionais para a realização da busca, alcançando um total de 2724 artigos, de maneira que 25 artigos que atenderam os critérios de inclusão e exclusão foram recuperados. Deste total, 18 artigos foram selecionados via busca nas bases de dados internacionais e sete de revistas nacionais. O material selecionado foi sistematizado em tabelas, nas quais foram compiladas informações sobre os dados bibliométricos e de natureza da pesquisa. As definições encontradas sugerem que a empatia é entendida como um elemento complexo do comportamento. Apesar de alguns autores entenderem o conceito como uma emoção ou operação motivacional, a maioria dos textos compreendem empatia como um comportamento social. A maior parte dos estudos encontrados visaram discutir a empatia como um comportamento desejável ao terapeuta atuante na clínica e não o conceito por si só, de maneira que poucos estudos conceituais e exclusivos sobre a empatia foram encontrados.

Palavras-chave: empatia; análise do comportamento; comportamento empático; revisão integrativa.

Souza, G. A. A. R. **Empathy in behavior-analytic literature: an integrative review.** 2022. 132 p. Dissertation (Master's Degree in Behavior Analysis) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

ABSTRACT

Comprehending the Other or comprehending the other's feelings seems to be a requirement for a good social living and, also, for good therapeutic practices. Both the Radical Behaviorism, as a philosophical support, and the Behavior Analysis do contribute about empathy. Skinner mentioned empathy as he wrote about private events and highlights the impossibility of feeling precisely what the others feel. Beyond Skinner, the Behavior Analysis, in its many natures of work (experimental, applied and theoretical), seems to present some aspects about empathy. One of these aspects is the conception of empathy as a social operant behavior that, for definition, can be trained and developed. At the same time, empathy appears described as a Motivational Operation (MO) and, so, defined as an event that act through behaviors. Although these conceptions verse about the phenomena, each one of these brings distinct definitions about the same term. In that way, there seems to be little consensus about empathy in the behavior-analytic literature, and considering the need of conceptual clarence about any concept, the main aim of the present study was to conduct an integrative review of the concept of empathy in the behavior-analytic literature. There so, an integrative review was conducted to search and analyse Behavior Analysis papers that approached empathy. Research material was found through use specific keywords that aimed empathy to study one of more aspects of empathy and, also, the scientific production of Behavior Analysis. Both Brazilian and international databases were used, reaching a total of 2724 papers, in a way that all retrieved material were selected according to exclusion and inclusion criteria. At the end, remained only 35 papers. Of those, only seven papers were retrieved from the national bases and 18 came from international databases. All selected material was systematized in ordered tables to compile information about bibliometric data and the nature of the study. The interpretative. All founded definitions suggests that empathy is understood as a complex element of behavior. Although some authors comprehend the concept as an emotion or a motivational operation, most of the studies presented empathy as a social behavior. Significant number of studies aimed to discuss empathy as a desirable behavior in the therapist behavioral repertoire. In the same way, little number of conceptual studies that exclusively focused about empathy were found.

Key words: empathy; behavior analysis; empathic behavior; integrative review.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Fluxograma de todos os artigos selecionados	32
Figura 2 -	Fluxograma dos artigos selecionados a partir de periódicos nacionais especializados da Análise do Comportamento	34
Figura 3 -	Fluxograma dos artigos selecionados por meio da fonte de dados PsycNet	36
Figura 4 -	Fluxograma dos artigos selecionados por meio da fonte de dados Springer.....	38
Figura 5 -	Relação dos artigos analisáveis selecionados a partir das bases de dados internacionais e as combinações de palavras chaves utilizadas.....	39
Figura 6 -	Distribuição de artigo por natureza de pesquisa em Análise do Comportamento.....	41
Figura 7 -	Distribuição temporal dos artigos selecionados.....	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Combinações de palavras-chaves que serão buscadas em portais eletrônicos em português	26
Tabela 2 -	Combinações de palavras-chaves que serão buscadas em bases de dados internacionais	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
OBJETIVOS	23
GERAL	23
ESPECÍFICOS	23
MÉTODO	24
NATUREZA DA PESQUISA	24
NATUREZA DAS FONTES E BASES DE DADOS UTILIZADAS	24
PROCEDIMENTO	25
Etapa 1: Delimitação das Palavras-Chave	25
Etapa 2: Definição dos Critérios de Inclusão e Exclusão	27
Critérios de inclusão	27
Critérios de exclusão	27
Etapa 3: Busca e Organização das Publicações	28
Etapa 4: Seleção das Publicações	28
Etapa 5: Leitura e Sistematização das Fontes	29
Etapa 6: Análise de Dados	30
ANÁLISES	30
RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA	31
ANÁLISE INTERPRETATIVA	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
APÊNDICES	62
APÊNDICE A	63
APÊNDICE B	78
APÊNDICE C	100

APÊNDICE D	121
APÊNDICE E.....	128
APÊNDICE F.....	132

Introdução

Podemos rastrear as origens do termo empatia à diferentes idiomas. No grego, encontramos *empathia* (“paixão, estado de emoção”), sendo uma composição de *em* (“dentro”) e *páthos* (“sentimento”), (Vilardaga, 2009). No século XIX, entretanto, são encontradas adaptações de *empathia* para o idioma alemão, chegando ao termo *Einfühlung* (“sentindo em”), que passa a ser presente na disciplina de estudos sobre a arte denominada Estética¹. O termo *Einfühlung* “[...] refere-se a um ato de se projetar em outro corpo ou ambiente”² (Ganczarek et al., 2018, p. 141), e, segundo Stueber (2019), foi inicialmente traduzido e introduzido na psicologia por Edward Titchener (1867-1927) como *empathy*.

No contexto da teoria psicanalítica freudiana, Cherix e Coelho (2017), a descrevem como uma capacidade de caráter cognitivo que o terapeuta deveria possuir para que pudesse se colocar no lugar do paciente, bem como compreender os sentimentos deste. Entretanto, para Coelho (2004), essa noção mais cognitiva de empatia se distanciaria da definição do termo usada por Ferenczi, isto é, a empatia do terapeuta seria de uma natureza “mais afetiva ou emocional” (p. 76). Ainda que tenha sofrido mudanças em sua definição ao longo da obra rogeriana, o conceito ocupa um papel importante para a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). De acordo com Moreira e Torres (2013), a compreensão empática é uma das “*condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica da personalidade*” (p. 186). Essa compreensão é de responsabilidade do terapeuta, sendo cumprida quando o próprio terapeuta fosse sensível aos sentimentos do paciente de modo que pudesse apreendê-los “de dentro”, assim como o paciente os vê, e comunicasse o paciente sobre algo dessa compreensão (Rogers, 1961).

Empatia como Habilidade Social: os estudos de Del Prette e outros colaboradores

¹ Disciplina filosófica da arte e do belo. Segundo Abbagno (2007): “*análise, investigação ou especulação que tenha por objeto a arte ou o belo, independentemente de doutrinas e escolas*” (p. 367).

² [...] to an act of projecting oneself into another body or environment.

Além das abordagens psicológicas psicanalíticas e rogerianas sobre empatia, que se evidenciam na literatura sobre o tema em diversas áreas do conhecimento, no Brasil o conceito se destaca nos estudos de habilidades sociais. Del Prette e Del Prette (2001) apresentam a empatia como “*a capacidade de compreender e sentir o que alguém pensa e sente em uma situação de demanda afetiva, comunicando-lhe adequadamente tal compreensão e sentimento*” (p. 86). Os autores, então, indicam que tal definição seria composta por componentes de diferentes naturezas, sendo eles: o cognitivo, o afetivo e o comportamental. O componente *cognitivo* refere-se à compreensão do conteúdo não só da fala, mas também, dos sentimentos do interlocutor. Já o componente *afetivo* é descrito como “*experenciar a emoção do outro, mantendo controle sobre ela*” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 85), enquanto o componente *comportamental* seria a expressão de “*compreensão e sentimentos relacionados às dificuldades ou êxito do interlocutor*” (p. 85).

Tendo por base a definição de empatia proposta por Del Prette e Del Prette (2001), Pinheiro, Haase, Del Prette, Amarante e Del Prette (2006) realizaram um estudo sobre treinamento de habilidades sociais para pais de crianças com problemas de comportamento. Neste, os autores fizeram uma descrição operacional da empatia da seguinte forma:

- (a) prestar atenção aos sinais que a criança emite quando está vivenciando algum problema (mudança na fisionomia, postura, fala, etc.);
- (b) ouvir de maneira atenta o que a criança tem a dizer; colocando-se no lugar da criança
- (c) expressar verbalmente compreensão e apoio;
- (d) consequenciar positivamente as manifestações empáticas da criança;
- (e) oferecer modelo de comportamento empático no ambiente doméstico no relacionamento com o cônjuge (p. 410).

Portanto, ainda que o estudo de Pinheiro et al. (2006) não tenha abordado a empatia de maneira conceitual, ao descrevê-la operacionalmente os autores identificam respostas que devem ser apresentadas pelos pais diante do problema de comportamento da criança que são consideradas como empáticas pela definição de Del Prette e Del Prette (2001). Além disso, a definição apresentada pelos autores no artigo parece indicar apenas as respostas dos pais que são esperadas, não abarcando, também, as consequências tanto para os pais quanto para os

filhos. Isto é, mesmo com a proposição da empatia dividida em três componentes (Del Prette & Del Prette, 2001), o componente comportamental parece ser o destacado no estudo.

Skinner e o conceito de empatia

O conceito de empatia apresenta-se de maneira diversa na Psicologia, a depender do aporte teórico que o embasa. Na Análise do Comportamento, ciência que tem o Behaviorismo Radical como referencial filosófico, se encontram poucas menções de Skinner (1904-1990) sobre o termo. Em uma busca prévia nesta literatura observou-se que embora não seja especificamente abordado ou definido, o termo foi encontrado no capítulo XVIII -“*The self*”- da obra *Science and human Behavior* (1953/1965a). Nas duas menções presentes no capítulo, Skinner (1953/1965a) apresenta a empatia como uma denominação, em geral, atribuída a um modo especial de contato interpessoal.

Já na obra *About the Behaviorism* (1974), Skinner afirma que “*a atribuição de sentimentos a outros é chamada de empatia*” (p. 172, tradução nossa)³, sugerindo que o conceito em questão seria usado comumente como uma forma de inferência sobre os sentimentos de outras pessoas. Aqui, mais uma vez, ele apenas menciona a empatia e não a descreve. Alguns anos mais tarde, Skinner (1989) escreveu o capítulo “*The place of feeling in the Analysis of Behavior*” no qual ele mostra a empatia como sendo um dos efeitos da imitação, afirmando que “*por razões genéticas ou pessoais, tendemos a fazer o que outras pessoas estão fazendo e podemos, então, ter estados corporais similares para sentir*” (p. 9, tradução nossa), contudo, não podemos sentir o que as outras pessoas sentem. Isto porque parte do que sentimos depende do contexto no qual o comportamento ocorre (Skinner, 1989). Assim, como poderíamos sentir o que outras pessoas sentem se nos falta o contexto no qual o comportamento ocorre?

³The attribution of feelings to other is called empathy.

O uso do conceito de empatia por analistas do comportamento em suas pesquisas

Apesar de serem encontradas poucas menções de empatia na obra de Skinner, o conceito parece ter sido estendido para a produção em conhecimento da Análise do Comportamento. Mesmo de maneira preliminar, analistas do comportamento fazem uso do conceito em seus trabalhos teóricos e empíricos (e.g., Fernandes, 2012; Fogaça, 2015; Kanamota et. al., 2016; Oshiro, 2011; Zamignani & Meyer, 2011)

Considerando a Análise do Comportamento em suas três grandes áreas de produção do conhecimento (i.e., teórica, experimental e aplicada), como discutem Carvalho Neto (2002) e Tourinho (1999; 2003), deveria ser possível encontrar estudos sobre o conceito de empatia em cada uma delas. Isto porque, conforme pontuou Tourinho (1993, p. 214), *“lugar dos estudos conceituais não se define, porém, sem a referência às outras áreas de produção do saber analítico-comportamental”*. Assim, partindo do princípio que essas diferentes áreas de conhecimento compartilham dos pressupostos do que chamamos de Análise do Comportamento, uma investigação acerca de como este ou aquele conceito é abordado em cada uma delas parece necessária.

Na área da Análise Aplicada do Comportamento, em uma busca prévia, constatou-se que os trabalhos encontrados nos quais o conceito de empatia foi mencionado se referem à relação terapêutica. O primeiro exemplo é o de Zamignani (2007), o qual apresenta diferentes categorias de comportamentos do terapeuta que poderiam ser encontradas na relação terapêutica e que são identificadas por meio do Sistema Multidimensional de Categorização de Comportamentos da Interação Terapêutica (SiMCCIT). Neste, as categorias criadas pelo autor e que são base para análise das gravações de interações terapêuticas são de dois tipos: categoria evento e categoria estado. A diferença entre estas categorias é que as de “evento” têm menor duração e é composta por verbalizações e respostas não vocais breves; e as de “estado” são

compostas por respostas que tenham maior tempo de duração e, para questões de análise de gravações a partir do SiMCCIT, necessitam de uma demarcação de seu início e término (Zamignani, 2007). Assim como as categorias como “Informação”, “Solicitação de Reflexão” e “Solicitação de Relato”, a empatia (EMP) também seria uma categoria do tipo “estado”. Nesta, a empatia é descrita, enquanto categoria geral, como *“ações ou verbalizações do terapeuta que sugerem acolhimento, aceitação, cuidado, entendimento, validação da experiência ou sentimento do cliente”* (Zamignani 2007, p. 129) e encontra-se dividida em dez subcategorias que são: (1) Nomeação e inferência de sentimentos; (2) Normalizações e validação de sentimentos; (3) Exclamações e expressões de interesse; (4) Verbalizações de cuidado; (5) Auto-revelações sobre experiências similares; (6) Validação de discordâncias ou críticas do cliente; (7) Humor; (8) Apoio; (9) Paráfrases; (10) Comentários de entretenimento (Zamignani, 2007). Para cada subcategoria, o autor também apresenta exemplos de verbalizações que estariam associadas *“à criação de um ambiente terapêutico amistoso, seguro e não punitivo, para que o cliente se sinta à vontade para verbalizar eventos que, em outros contextos, poderiam ser alvo de punição”* (Zamignani 2007, p. 129).

O segundo exemplo é o estudo de Argott, Townsend e Poulson (2017), no qual o desenvolvimento de comportamentos empáticos do cliente e que podem ser observados publicamente foram alvo de investigação e de análise. Os autores conduziram um estudo de delineamento experimental de linha-de-base múltipla sobre aquisição e generalização de respostas empáticas complexas entre crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Estas receberam treinamento no qual foram utilizadas instruções verbais, por meio de modelagem por vídeo, modelagem ao vivo e reforçamento mediante ocorrência da resposta apropriada. Os resultados obtidos mostraram um aumento sistemático do número das respostas empáticas que foram treinadas, levando Argott et al. (2017) a concluir que, de maneira geral, a empatia é considerada uma resposta complexa, descrita operacionalmente em termos comportamentais, e

que pode ser ensinada por meio de técnicas operantes de reforçamento diferencial, modelagem e *prompting*. Uma vez que não podemos observar diretamente o sentimento de outras pessoas (Argott et al., 2017; Skinner 1989), o comportamento público (e.g., comportamento emocional observável) sugere uma resposta encoberta correspondente. Ao chamarem esse comportamento emocional observável de afeto, Argott et al. (2017) apresentam o conceito de empatia como um responder “*ao estímulo afetivo do outro com um estímulo afetivo correspondente*” (Argott et al., 2017, p. 107, tradução nossa)⁴. Eles consideraram ainda a empatia como uma habilidade de interação social que consiste em quatro componentes que são: “(1) *uma declaração verbal feita na (2) entonação correta acompanhada pela (3) expressão facial e (4) gesticulação correspondente ao afeto demonstrado*” (p. 108, tradução nossa)⁵.

Outro estudo que, embora não trate da empatia na relação terapêutica, destaca-se por apresentá-la como um comportamento operante é o de Schrandt, Townsend e Poulson (2009), no qual realizaram um treinamento de habilidades em crianças com TEA utilizando a apresentação de vinhetas que mostravam vários tipos de afeto entre bonecas e bonecos, modelagem, instruções manuais, ensaios comportamentais e reforçamento como formas de intervenção. Nesta pesquisa, as autoras descreveram operacionalmente a empatia como:

(...) uma resposta contextualmente apropriada a uma demonstração de afeto por uma boneca, marionete ou pessoa que conteve componentes motores e vocais (em qualquer ordem) e que começou [a resposta empática] dentro de três segundos após o final da demonstração [de afeto] (Schrandt et al., 2009, p. 20, tradução nossa)⁶

Ao abordarem as dificuldades de responder de maneira empática que os indivíduos com TEA apresentaram no estudo, Schrandt et al. (2009) pontuam que estas não devem ser explicadas por uma possível falha no repertório, mas sim em virtude de uma “*inabilidade em*

⁴ to the affective stimulus of another with a corresponding affective stimulus.

⁵(1) verbal statements in the (2) appropriate intonation, (3) contextually appropriate facial expressions, and (4) gestures corresponding to the affect displayed.

⁶contextually appropriate response to a display of affect by a doll, puppet, or person that contained motor and vocal components (in any order) and began within 3 s of the end of the display.

diferenciar o estímulo no qual respostas específicas (e.g., oferecer assistência, demonstrar interesse) seriam apropriadas” (Schrandt et al., 2009, p. 18, tradução nossa)⁷. Esta inabilidade parece suportar o entendimento de empatia como um comportamento operante, uma vez que existiram mudanças no comportamento dos indivíduos após introdução da intervenção. Além disso, os autores também apontam para um processo precário de discriminação de estímulos presente na relação. Dito de outra forma, a não apresentação de assistência (resposta empática) por parte do indivíduo com TEA aconteceria devido ao reconhecimento falho do contexto e não pela ausência daquele comportamento em seu repertório (Schrand et al., 2009).

Um estudo similar ao de Schrandt et al. (2009) foi realizado por Sivaraman (2017), que consistiu em ensinar respostas empáticas a duas crianças com TEA diante de três emoções (felicidade, frustração e tristeza/dor). Sivaraman (2017) reafirma a relação entre respostas empáticas e uma discriminação de estímulos apropriada. Isso porque *“os estímulos discriminativos que evocam respostas de empatia são um tanto complexos e provavelmente envolvem combinações de estímulos vocais, motores e afetivos”* (Sivaraman, 2017, p. 338, tradução nossa)⁸. Outro ponto trazido pela autora é que esse responder de maneira apropriada ao sentimento do outro compõe uma parte importante do repertório do indivíduo (Sivaraman, 2017). Temos aqui, também, a noção de empatia como comportamento social relevante para o desenvolvimento de outros comportamentos sociais (e.g., ajudar outros indivíduos) e que não são observados no TEA.

Para Taylor, LeBlanc e Nosik (2018), a empatia estaria enraizada à tomada de perspectiva, de maneira que *“um deve perceber a experiência da perspectiva do outro e ter uma compreensão da resposta emocional da pessoa dentro daquela experiência”* (p. 655,

⁷ inability to differentiate the stimuli in the presence of which specific responses (e.g., offering assistance, demonstrating interest) would be appropriate.

⁸ the discriminative stimuli that evoke empathy responses are quite complex and likely involve combinations of vocal, motor and affective stimuli.

tradução nossa)⁹. A empatia é entendida como uma habilidade do indivíduo que, por se tratar de um comportamento operante, poderia ser modificado. As respostas classificadas como empáticas presentes na relação terapêutica envolveriam, dessa forma, a experiência do próprio terapeuta. Nesse sentido, Taylor et al. (2018) afirmam que:

um analista do comportamento interagindo com um pai que está chorando enquanto descreve o diagnóstico recente de sua criança deve ser capaz de responder às dicas de discriminação do evento privado provável do pai, assim como à experiência emocional do mesmo (p. 656, tradução nossa)¹⁰

De acordo com o que foi mencionado até o presente momento, entende-se que a empatia pode ser estabelecida no repertório comportamental do indivíduo e parece ser explicada como um comportamento social específico (De Rose & Rabelo, 2012; Rehfeldt, Dillen, Ziomek & Kowalchuk, 2007; Shaffer, Kotchick, Dorsey, & Forehand, 2001; Sundberg, 2016;). Além disso, na literatura analítico-comportamental de estudos aplicados, o conceito de empatia parece estar relacionado com: (1) categorias de verbalizações do terapeuta (Fernandes, 2012; Fogaça, 2015; Kanamota, Bolsoni-Silva, & Kanamota, 2016; Oshiro, 2011; Zamignani, 2007; Zamignani & Meyer, 2011) e (2) treinos de habilidades empáticas em crianças com TEA (Argott et al., 2017; Schrandt et al., 2009; Sivaraman, 2017).

A concepção de empatia como um comportamento operante social parece não esgotar os usos do termo empatia na literatura analítico-comportamental. Na Análise Experimental do Comportamento (AEC), encontrou-se um estudo sobre respostas empáticas em roedores conduzido por Hachiga et al. (2018) que investigaram se um rato, que está livre, liberta um outro rato que está aprisionado em um tubo devido a uma motivação empática ou por uma busca de contato social. Os autores em questão utilizaram um labirinto em modelo “E”, no qual os

⁹one must perceive the experience from the other’s perspective and have an understanding of the person’s emotional response within that experience.

¹⁰a behavior analyst interacting with a parent who is crying as she is describing the recent diagnosis of her child must be able to respond to cues for discrimination of the likely private event of the parent, as well as the parent’s emotional experience.

ratos eram colocados no corredor central e deveriam escolher entre os outros dois lados. O experimento tinha três condições: (1) o sujeito poderia escolher entre duas caixas-avos, uma contendo outro rato preso no tubo de restrição e a outra estava vazia; (2) ambas as caixas-avos estariam ocupadas, uma com um rato preso em no tubo de restrição e a outra com um rato dentro de um tubo de restrição com a parte de trás aberta, permitindo que ele pudesse sair do tubo; e na (3) terceira condição, o rato livre deveria escolher entre uma caixa-alvo vazia e outra contendo um rato em um tubo de restrição aberto.

Para além de discutir sobre a empatia em indivíduos não humanos, o estudo em questão não parece se referir à empatia apenas como uma habilidade, mas, também, como uma motivação ao comportamento. Esta motivação parece estar relacionada com eventos ambientais (i.e., privação) que alterariam propriedades da resposta em questão (i.e., libertar um rato que está aprisionado), uma vez que, ao se referirem ao tempo de abertura dos tubos, os autores afirmam que *“possivelmente, restrição de longo prazo é o que é requerido para criar verdadeiro estresse nesses sujeitos [ratos aprisionados] que poderiam então aproveitar a motivação empática presente nos ratos livres”* (Hachiga et al., 2018, p. 274, tradução nossa)¹¹. Ainda que os resultados do estudo em questão não fortaleçam a hipótese de que o comportamento de libertar o rato aprisionado tenha ocorrido sob controle de uma motivação empática, a interpretação da empatia como uma motivação para além de um comportamento ou habilidade do indivíduo implica em uma compreensão mais complexa do conceito.

A compreensão e descrição da empatia como um comportamento operante destaca-se na literatura analítico-comportamental conforme constatou-se em uma busca bibliográfica prévia. Nesta, o conceito de empatia é descrito operacionalmente em termos de respostas observáveis, mensuráveis e controláveis (e.g., Schrandt et al., 2009; Sivaraman, 2017; Taylor

¹¹ possibly longer-term restraint is what is required to create true distress in these subjects that could then tap into the empathic motivation present in free rats.

et al., 2018). Tal explicação, não é, entretanto, a única que foi encontrada na literatura analítico-comportamental. Uma outra apresentação do conceito afirma que a empatia funcionaria como um contexto ambiental ou operação estabelecadora, explicada como “*repostas emocionais vicárias sinalizadas por dicas e respostas emocionais do outro*” (Peláez, 2001, p. 12, tradução nossa)¹². Ainda que a empatia, como operação estabelecadora¹³, facilite a ocorrência de comportamentos altruístas (Peláez, 2001; Diller & Boornazian, 2015), esse parece não ser o único tipo de comportamento do qual ela participa. Segundo ela, por fortalecer o valor dos reforçadores associados ao comportamento, empatia também poderia ser manifestada com comportamentos que denotam culpa ou raiva na presença de um indivíduo angustiado que está respondendo emocionalmente.

Desse modo, Peláez (2001) ainda afirma que, “*devido à dificuldade de diferenciar a empatia de outras emoções*” (p.12, tradução nossa)¹⁴, seu fator estabelecador ou emocional teria sido negligenciado pela Análise do Comportamento. Além disso, parece ser “[...] *crucial que empatia seja entendida em termos de seu aspecto emocional e não se torne equivalente às respostas pró-sociais e morais que se presume motivar*” (Peláez, 2001, p. 12, tradução nossa)¹⁵. Sendo assim, Peláez (2001) entende a empatia como uma operação estabelecadora e também a relaciona com diferentes emoções e seus possíveis efeitos sobre o comportamento do indivíduo. Uma vez que operações motivacionais e emoções não têm o mesmo significado na literatura analítico-comportamental, a empatia, como apresentada pela autora parece abarcar dois componentes comportamentais, o evento ambiental e a emoção. Contudo, nem as implicações

¹²vicarious emotional response signaled by another’s emotional cue and responses.

¹³As operações estabelecadoras, ou, como sugerido por Miguel (2000), operações motivacionais, seriam eventos ambientais com dois principais efeitos (Michael, 1993; Miguel 2000). Segundo Miguel (2000) uma operação motivacional (1) “altera a efetividade reforçadora (ou punidora) de um estímulo” (p. 260) e (2) um efeito que “imediatamente evoca (ou suprime) comportamentos que no passado produziram consequências cuja efetividade tenha sido alterada em (1)” (p. 260).

¹⁴due to the difficulty in distinguishing empathy from other emotions.

¹⁵crucial that empathy is understood in terms of its emotional aspect and not become equivalent to the prosocial or moral responses it is presumed to motivate, that is, to serve as a setting factor.

de entender empatia como um evento ambiental, nem as implicações de entendê-la como uma emoção do indivíduo ficam claras.

Portanto, em uma busca bibliográfica prévia, foram encontradas pelo menos, duas concepções diferentes sobre a empatia na literatura analítico-comportamental. A primeira delas aponta para empatia como um comportamento operante que pode ser observado e desenvolvido no repertório do indivíduo. A segunda concepção notada é a de empatia como um evento ambiental que altera e evoca ou suprime comportamentos do indivíduo e, portanto, não é, em si, um comportamento.

Um conceito tão relevante para a Psicologia deveria, assim, estar bem estabelecido na Análise do Comportamento. Tal sistematização implica, então, em olharmos para os estudos de natureza teórica, experimental e aplicada que compõem o campo de produção de conhecimento desta ciência. A parte teórica é composta pelos trabalhos conceituais e filosóficos que compartilhem dos princípios do Behaviorismo Radical (Tourinho, 2003). Essa divisão, entretanto, não quer dizer que a teoria está presente apenas nessa área de produção de conhecimento. É o compartilhamento dos pressupostos filosófico-teóricos entre as três áreas que as une no que chamamos de Análise do Comportamento (Zilio, 2019). Os trabalhos conceituais e teóricos tornam-se uma investigação e registros do elemento integrativo entre as outras áreas. Tal coesão e convergência, entretanto, não é garantida, uma vez que estudos aplicados e experimentais nem sempre se utilizam da mesma definição, operacionalização ou, até mesmo, instrumento para medir um comportamento. Além disso, segundo Zilio (2019), trabalhos conceituais podem apresentar definições que não estejam “[...] *sob o controle de dados produzidos via manipulação direta de variáveis relacionadas ao fenômeno de interesse*” (p. 239), mas que são interpretações do fenômeno e, assim “corre-se o risco da apropriação dos conceitos e modelos da área e aplicação não criteriosa” (p. 239).

Ainda, essa falta de consenso e multiplicidade de definições (Sivaraman, 2017) sobre o conceito de empatia parece indicar um quesito problemático no que diz respeito elaboração de instrumentos direcionados às intervenções para estudar/alterar comportamentos empáticos dos indivíduos. Isto é, se “[...] *confusão na teoria significa confusão na prática*” (Skinner, 2003, p. 10, tradução nossa)¹⁶, um uso multifacetado do mesmo termo pode comprometer resultados nas diferentes áreas de pesquisa em Análise do Comportamento (básica, teórica e aplicada).

Assim, uma sistematização do conceito de empatia que olhe para os diferentes tipos de pesquisa que estão presentes na Análise do Comportamento, pode ser útil para organizar o que já foi produzido sobre o assunto e, também, sustentar futuras contribuições que trespassem a empatia na literatura analítico-comportamental.

¹⁶ confusion in theory means confusion in practice.

Objetivos

Objetivo Geral

Realizar uma revisão integrativa na literatura analítico-comportamental acerca do conceito de empatia.

Objetivos Específicos

- Caracterizar a natureza dos estudos analítico-comportamentais sobre *empatia*.
- Examinar os dados bibliométricos dos artigos recuperados.
- Examinar as definições do conceito de *empatia* na literatura analítico-comportamental.
- Identificar as divergências e convergências das discussões sobre *empatia* na literatura analítico-comportamental.

Método

Natureza da pesquisa

A pesquisa foi de natureza bibliográfica a qual deve ser desenvolvida com base em um material, majoritariamente livros e artigos científicos, que já foi publicado (Gil, 2002). Uma das vantagens desse tipo de pesquisa é que ela permite “ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 2002, p. 45). A pesquisa bibliográfica promove a obtenção de informações, tanto atuais quanto anteriores, sobre o tema e, dessa forma, uma avaliação sobre similaridades ou diferenças entre discussões sobre o mesmo tema (Silva & Menezes, 2005).

Seguindo um dos modelos de pesquisas bibliográficas, esta pesquisa foi caracterizada como uma revisão integrativa. Dessa maneira, foi possível avaliar mais amplamente os métodos e resultados encontrados na literatura, uma vez que “*permite a combinação de dados da literatura empírica e teórica que podem ser direcionados à definição de conceitos, identificação de lacunas nas áreas de estudos, revisão de teorias e análise metodológica dos estudos sobre um determinado tópico*” (UNESP, 2015, p. 2).

Tendo em vista que esta pesquisa buscou sistematizar a discussão sobre o conceito de empatia presente na literatura analítico-comportamental e considerando-se que tal literatura exhibe estudos de diferentes naturezas, esta caracteriza-se como uma revisão integrativa¹⁷ de literatura.

Natureza das fontes e bases de dados utilizadas

Os materiais bibliográficos utilizados como fontes de análise foram artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais. As bases nacionais foram *IndexPsi* e *SciELO*, por

¹⁷ O termo “integrativo” aqui, faz referência ao método escolhido e que permite uma análise que abarque diferentes tipos de pesquisas (e.g., teórica, aplicada e experimental). É importante ainda ressaltar que o “integrativo” não diz respeito ao que se espera dos resultados alcançados sobre a revisão sistemática do conceito de empatia, isto é, não se prevê uma integração de diferentes explicações para o conceito.

conterem muitos periódicos da Psicologia (e.g., Psicologia em estudo, Psicologia: Reflexão e Crítica, Psicologia USP, Psicologia: Teoria e pesquisa), enquanto as fontes internacionais foram *PsycINFO*, por abranger os principais periódicos de Análise do Comportamento (*Acta Comportamentalia; Analysis of Verbal Behavior; Behavior and Social Issues; Journal of Applied Behavior Analysis; Journal of the Experimental Analysis of Behavior; Psychological Record*), e a base *Springer*, uma vez que também continham periódicos relevantes para a teoria analítico-comportamental (e.g., *Perspectives on Behavior Science*). Também foi feita uma busca específica nas principais revistas de Análise do Comportamento nacionais (Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva; Revista Perspectivas em Análise do Comportamento; Revista Brasileira de Análise do Comportamento).

Procedimento

O procedimento será descrito em seis etapas. Foram elas:

Etapa 1: delimitação das palavras-chaves.

As palavras-chave em português (empatia, empático e empática) e em inglês (*empathy, empathic e empathetic*) foram escolhidas. Também, palavras-chave em português (Análise do Comportamento, Behaviorismo, Comportamentalismo, comportamento operante, contingência tríplice e seleção pelas consequências) e em inglês (*Behavior Analysis, Analysis of Behavior, behaviorism, operant behavior, three-term contingency e selection by consequence*) foram escolhidas por tratarem de conceitos fundamentais ao Behaviorismo Radical e Análise do Comportamento. Nas bases de dados que permitiram a utilização do mecanismo de *wildcard*, foi feita a busca das palavras-chaves *Behavior Analysis, Analysis of Behavior, Behaviorism e operant behavior*, por conta da diferença gramática existente entre o inglês americano e o inglês de origem britânica.

No procedimento de busca utilizado nas revistas brasileiras especializadas em Análise do Comportamento, as palavras-chave que faziam referência aos termos característicos da

Análise do Comportamento não foram utilizadas. Dessa forma, as únicas palavras-chave buscadas em tais periódicos foram “empatia”, “empático” e “empática”.

As combinações de palavras-chaves utilizadas na busca nas bases de dados podem ser vistas nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1

Combinações de palavras-chaves que serão buscadas em portais eletrônicos em português

<i>Número da pesquisa</i>	<i>Combinações</i>
1	Empatia AND “Análise do Comportamento”
2	Empatia AND “behaviorismo”
3	Empatia AND “comportamentalismo”
4	Empatia AND “comportamento operante”
5	Empatia AND “contingência tríplice”
6	Empatia AND “seleção pelas consequências”
7	Empática AND “Análise do Comportamento”
8	Empática AND “behaviorismo”
9	Empática AND “comportamentalismo”
10	Empática AND “comportamento operante”
11	Empática AND “contingência tríplice”
12	Empática AND “seleção pelas consequências”
13	Empático AND “Análise do Comportamento”
14	Empático AND “behaviorismo”
15	Empático AND “comportamentalismo”
16	Empático AND “comportamento operante”
17	Empático AND “contingência tríplice”
18	Empático AND “seleção pelas consequências”

Tabela 2

Combinações de palavras-chaves que serão buscadas em bases de dados internacionais

<i>Número da pesquisa</i>	<i>Combinações</i>
19	<i>Empathy</i> AND “ <i>Behavior Analysis</i> ”
20	<i>Empathy</i> AND “ <i>Analysis of Behavior</i> ”
21	<i>Empathy</i> AND “ <i>behaviorism</i> ”
22	<i>Empathy</i> AND “ <i>operant behavior</i> ”
23	<i>Empathy</i> AND “ <i>three-term contingence</i> ”

24	<i>Empathy</i> AND “ <i>selection by consequences</i> ”
25	<i>Empathic</i> AND “ <i>Behavior Analysis</i> ”
26	<i>Empathic</i> AND “ <i>Analysis of Behavior</i> ”
27	<i>Empathic</i> AND “ <i>behaviorism</i> ”
28	<i>Empathic</i> AND “ <i>operant behavior</i> ”
29	<i>Empathic</i> AND “ <i>three-term contingence</i> ”
30	<i>Empathic</i> AND “ <i>selection by consequences</i> ”
31	<i>Empathetic</i> AND “ <i>Behavior Analysis</i> ”
32	<i>Empathetic</i> AND “ <i>Analysis of Behavior</i> ”
33	<i>Empathetic</i> AND “ <i>behaviorism</i> ”
34	<i>Empathetic</i> AND “ <i>operant behavior</i> ”
35	<i>Empathetic</i> AND “ <i>three-term contingence</i> ”
36	<i>Empathetic</i> AND “ <i>selection by consequences</i> ”

Etapa 2: definição dos critérios de inclusão e exclusão

Crterios de inclusão

Foram incluídos os trabalhos que apresentarem termos específicos da Análise do Comportamento (e.g., behaviorismo, comportamentalismo, comportamento operante, seleção pelas consequências) e, também, o(s) termo(s) *empatia*, *empático* ou *empática* no título, resumo e/ou corpo do texto.

Crterios de exclusão

Os textos orientados teoricamente pela Análise do Comportamento que não trataram sobre empatia foram descartados. Também foram excluídos os textos que apresentaram termos referentes à Análise do Comportamento (i.e., reforçamento, reforço), mas que não concordavam com os pressupostos filosóficos analítico-comportamentais.

Os trabalhos nos quais os termos “*empatia*”, “*empático*” e/ou “*empática*” não apareceram pelo menos cinco vezes, sendo, ao menos, uma dessas no corpo do texto, também foram excluídos. Esse mesmo critério também foi utilizado para os artigos internacionais, com a diferença de que os termos que deveriam somar pelo menos cinco vezes, sendo, ao menos uma delas no corpo do texto são: “*empathy*”, “*empathetic*” e/ ou “*empathic*”.

Os textos que contém as palavras-chave e não apresentaram uma discussão sobre empatia em termos analítico-comportamentais também foram excluídos. Os trabalhos que trataram da empatia apenas de maneira periférica, como citações dispersas e/ou sem uma definição apresentada, também foram excluídos. Os arquivos recuperados que não eram artigos (e. g., anais de congresso, resumos de livros, resenhas de livros) também foram excluídos.

Etapa 3: busca e armazenamento dos artigos

Foi feito o *download* e armazenamento dos arquivos recuperados na Etapa 2 em uma pasta com o nome da base de dados da qual o arquivo foi recuperado e com o número de pesquisa relacionado a combinação de palavras-chaves utilizada para realizar a busca. Dessa forma, as pastas das bases de dados contiveram, previamente, 36 subpastas (denominada em relação aos números de pesquisa utilizados em sua busca).

Além disso, nas bases de dados internacionais, foi feito, também, o *download* de um arquivo do tipo CSV (*Comma-Separated Values*), com os resultados da busca realizada e para cada número de pesquisa. Foram criadas 18 pastas de cada base de dados as quais continham os arquivos “baixados” e o arquivo CSV que foi utilizado como forma de garantia de armazenamento da busca realizada.

Quanto aos periódicos nacionais especializados em Análise do Comportamento, foi feito o *download* de todos os volumes e números das revistas no formato de *PDF* para que posteriormente fossem organizados em pastas com o nome do periódico, ano de publicação e volume.

Etapa 4: seleção dos materiais

Após o exame e a exclusão de materiais de acordo com os critérios estabelecidos, foi utilizada a ferramenta de busca intratextual *ctrl + f* para buscar as palavras-chaves supracitadas. Como teste do funcionamento da ferramenta, foi feita uma busca de uma palavra encontrada no título, no resumo e no corpo do texto. Caso todas as palavras fossem encontradas por meio da

ferramenta, outras buscas seriam feitas utilizando as palavras-chaves. Para cada palavra-chave encontrada, foi feita a leitura do parágrafo no qual ela está inserida. Quando necessário, outros parágrafos do texto foram lidos, a fim de contextualizar o conceito de empatia no artigo. Caso a busca pela palavra teste não fosse bem-sucedida, os textos foram lidos na íntegra e, de acordo com os critérios supracitados, selecionados ou excluídos. Para aqueles textos em que a busca teste fosse bem-sucedida, os textos foram selecionados ou excluídos mediante a leitura descrita acima e, também, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão já estabelecidos.

Quanto à seleção dos materiais encontrados nos periódicos nacionais especializados em *Análise do Comportamento*, cada texto foi aberto e, então, examinado pelo mesmo mecanismo de busca *ctrl + f* para as palavras-chaves “empatia”, “empática” e “empático”.

Etapa 5: leitura e sistematização dos materiais

Uma vez que a seleção dos materiais estava finalizada, foi realizada a sistematização dos artigos selecionados por meio de quatro tipos de tabela. O primeiro registro consistiu na sistematização bibliométrica, por meio da qual as informações foram classificadas da seguinte forma: entrada da referência, nomes dos autores, natureza do trabalho (teórica, aplicada ou experimental), ano de publicação, periódico, instituição vinculada, palavras-chaves.

Tanto o segundo quanto o terceiro registro foram feitos de maneira que informações das pesquisas de natureza básica e aplicada sejam, respectivamente, sistematizadas em tabelas específicas para cada uma delas. Em ambos os registros, as seguintes informações serão ordenadas: (a) referência do trabalho, (b) objetivos, (c) delineamento de pesquisa, (d) procedimento utilizado, (e) variáveis manipuladas, (f) definições e (g) explicações apresentadas sobre a empatia.

O quarto tipo de registro refere-se às pesquisas de natureza teórica e para o qual estão sendo utilizadas as duas primeiras etapas do Procedimento de Interpretação Contextual de Texto (PICT), de Lopes e Laurenti (2016). A primeira etapa consiste no levantamento dos principais

conceitos que aparecem no texto, enquanto na segunda etapa, é feita uma caracterização das teses encontradas. Aqui, diferem-se as teses defendidas por outros autores ou teorias e que, posteriormente, foram criticadas pelos(as) autores(as) do artigo, classificadas como “teses tradicionais”. Em seguida, identificam-se “críticas” feitas às teses tradicionais, de maneira que os argumentos utilizados possam ser, também, classificados. Na sequência, são identificadas e classificadas as “teses alternativas” propostas pelos(as) autores(as) de maneira que estas possam substituir as teses tradicionais mencionadas. Assim, este registro conteve: a referência do trabalho, objetivos, definições e explicações encontradas, tese tradicionais, críticas e teses alternativas, conclusão e comentários a respeito do texto.

Etapa 6: Análise dos dados

Esta etapa foi subdividida em dois tipos de análises distintas: Análise bibliométrica e Análise interpretativa.

Análise

Consistiu em uma análise sobre os dados bibliométricos encontrados nos artigos, de maneira que possam ser compilados em gráficos. Os dados examinados foram: número de publicações do assunto para cada periódico; períodos em que as publicações sobre o assunto foram mais ou menos frequentes; palavras-chaves mais utilizadas para tratar empatia na Análise do Comportamento; autores que mais discutem o assunto; quantidade de trabalhos publicados em relação à natureza deles; delineamentos ou procedimentos mais utilizados. A análise interpretativa consistiu na leitura e análise dos artigos selecionados, por meio da elaboração de tabelas, sendo realizada à medida que as tabelas de sistematização dos dados obtidos de cada artigo.

Resultados e Discussão

Por uma questão de preferência do autor, os resultados e discussões serão apresentados no mesmo tópico. Primeiramente, será apresentada a Análise Bibliométrica dos artigos selecionados. Em um segundo momento, será apresentada a Análise interpretativa dos artigos selecionados.

Análise Bibliométrica

Na soma total das buscas nas bases de dados nacionais e internacionais e, também, o número de artigos de cada periódico nacional especializado da Análise do Comportamento, foram encontrados 2724 (dois mil setecentos e vinte e quatro) resultados. Desses, é importante mencionar todos os artigos das revistas nacionais especializadas supracitadas foram examinados, de forma que nem todos continham pelo menos uma combinação de palavras-chave escolhida para pesquisa ou, até mesmo, alguma das palavras-chaves. Todo o processo de seleção dos artigos pode ser visto na Figura 1.

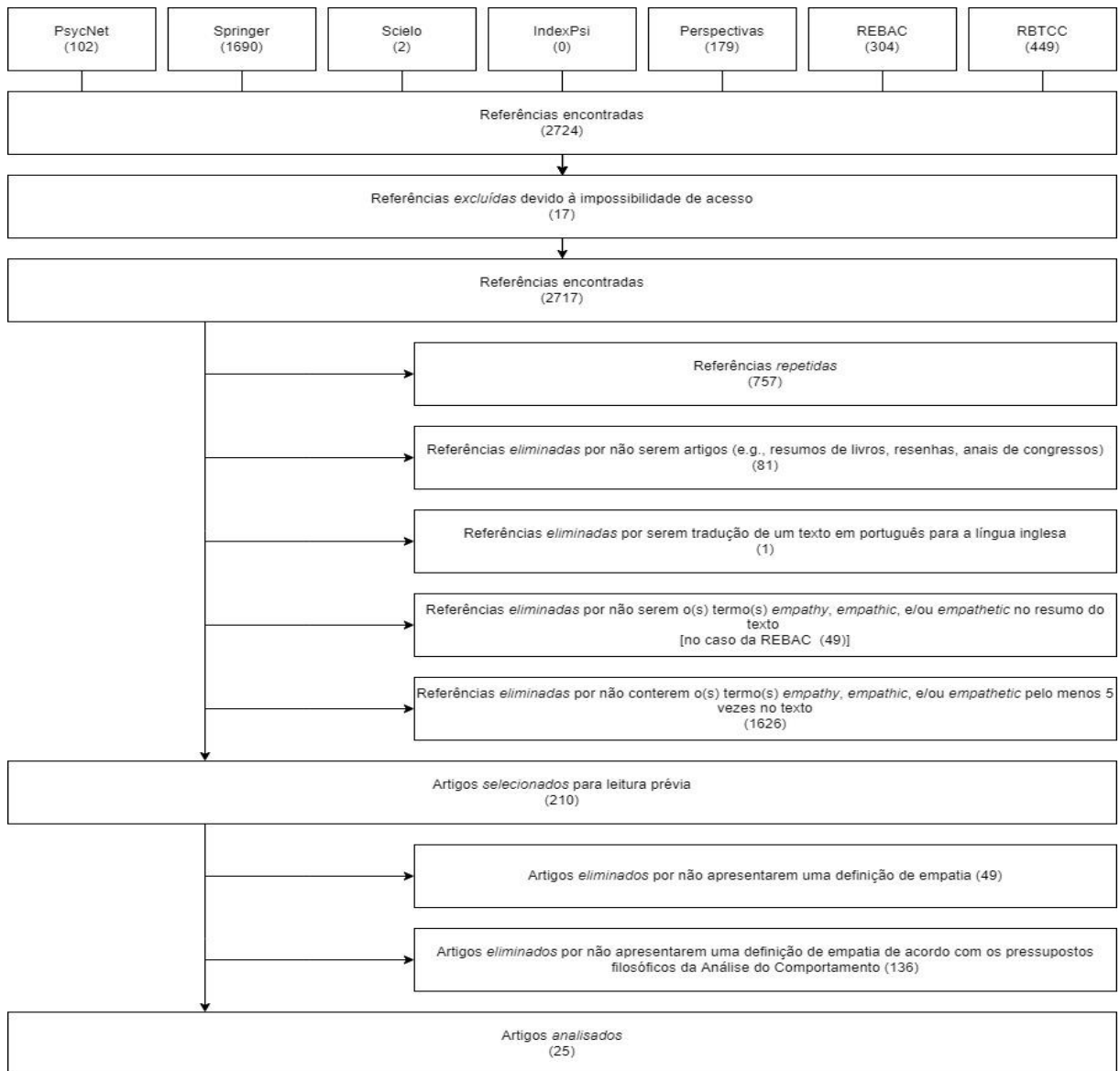


Figura 1. Fluxograma de todos os artigos selecionados para análise final.

Apenas dois resultados foram encontrados a partir da busca das combinações de palavras-chaves nas bases de dados nacionais (*Indexpsi* e *Scielo*). Ambos os resultados foram descartados, visto que o estudo de Pinheiro et al. (2006) foi encontrado a partir da combinação do número de pesquisa 1 (*empatia* AND “Análise do comportamento”) e descartado porque não continha uma definição específica de empatia; e o estudo de De Nero (1994), encontrado a partir do número de pesquisa 2 (*empatia* AND *behaviorismo*), não estava em acordo com os pressupostos filosóficos do Behaviorismo Radical e utilizou-se do termo *behaviorismo* como forma de antagonismo ao que estava sendo proposto no artigo.

No caso dos periódicos nacionais especializados da Análise do Comportamento, a busca pelas combinações de palavras-chaves não iria alcançar todos os artigos dos periódicos nacionais, visto que alguns dos artigos publicados não foram digitalizados de maneira que o mecanismo de busca dos sites ou, até mesmo o mecanismo *ctrl + f* pudesse alcançar resultados. Isso quer dizer que, ainda que os artigos estejam disponíveis digitalmente, não era possível selecionar, rabiscar ou grifar partes do texto.

Dessa forma, todos os arquivos dos três periódicos selecionados para essa pesquisa tiveram seus resumos lidos. Caso algum dos termos referentes a empatia fosse encontrado, o texto seria lido na íntegra até que as aparições do termo somassem pelo menos cinco vezes ao longo de todo o corpo do texto. Nos artigos que permitiam a seleção de algum trecho do texto, o mecanismo *ctrl + f* foi utilizado para buscar os termos “empatia”, “empático” e “empática”. A descrição da seleção e exclusão dos artigos dos periódicos nacionais pode ser encontrada na Figura 2.

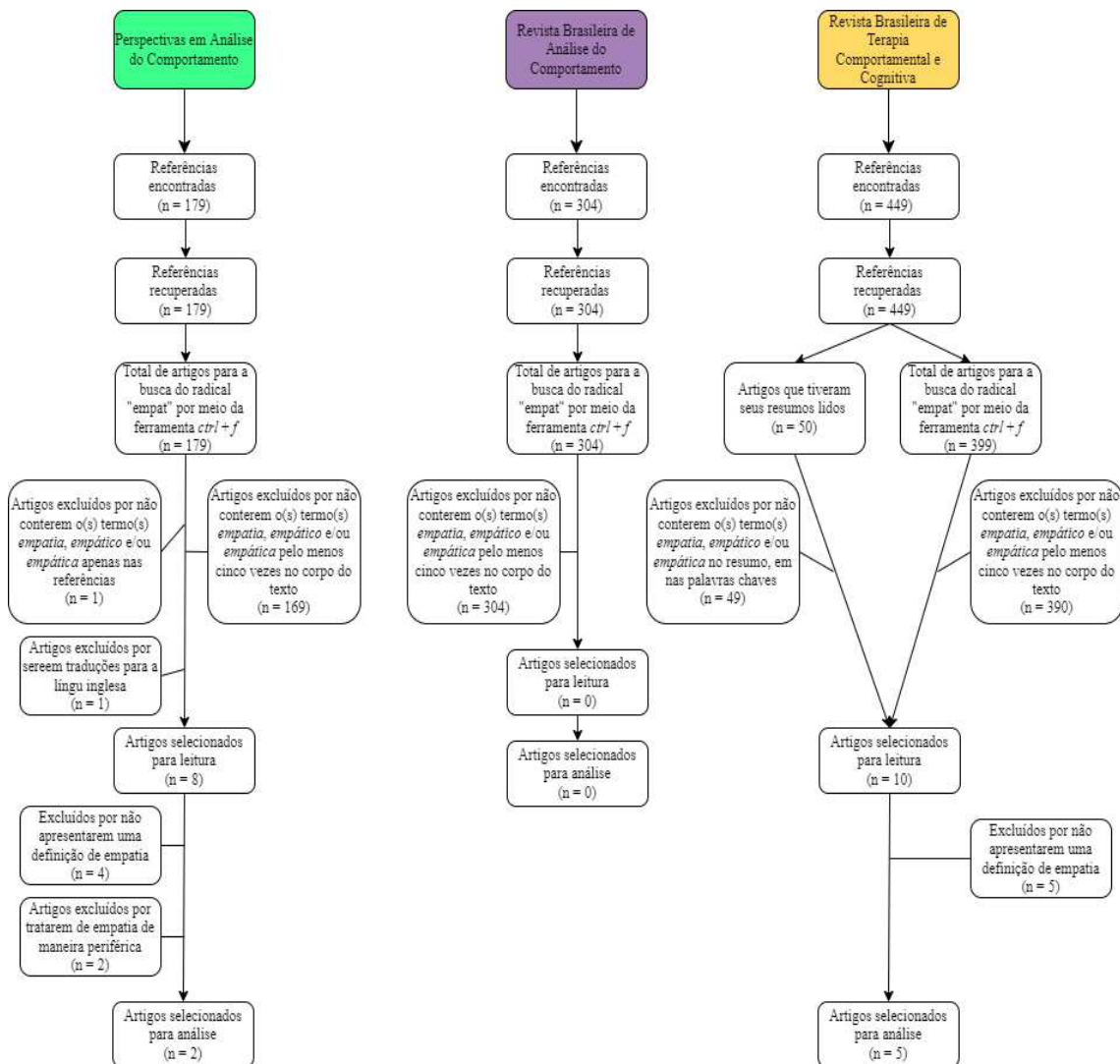


Figura 2. Fluxograma dos artigos selecionados a partir de periódicos nacionais especializados da Análise do Comportamento.

Considerando que o periódico *Revista Brasileira de Análise do Comportamento* (REBAC) não continha nenhum artigo com cinco ou mais aparições dos termos relacionados à empatia, não houve artigos selecionados desse periódico. Do periódico *Perspectivas em Análise do Comportamento* (PERSPECTIVAS) foram selecionados oito artigos para leitura integral, visto que metade deles foram descartados por não apresentarem uma definição de empatia descrita no artigo. No fim, foram selecionados dois artigos da revista PERSPECTIVAS, chegando apenas em 1,1% de artigos selecionados sobre o total da revista.

Por último, na RBTCC, 449 referências foram recuperadas, de maneira que 50 delas

tiveram seus resumos lidos em busca de termos relacionados a empatia, uma vez que os arquivos digitais não permitam a seleção ou utilização do mecanismo de busca. Por meio de leitura dos resumos, apenas uma referência foi selecionada para a leitura integral. Para além dessas 50 referências iniciais, o procedimento de busca pelo *ctr + f* foi realizado em outras 399 referências. Com apenas dez arquivos apresentando os termos relacionados a empatia pelo menos cinco vezes ao longo do texto, aqui, mais uma vez, apenas metade destes apresentou uma definição de empatia. Restaram, então, cinco artigos para a realização das análises. Com isso, a taxa de aproveitamento dos artigos da RBTCC foi, também, de 1,1%.

Ao olharmos para os artigos nacionais selecionados que continham os termos relacionados a empatia pelo menos cinco vezes no corpo do texto, e para os artigos que foram descartados por não conterem uma definição de empatia, cabe um apontamento. Tanto na revista PERSPECTIVAS quanto na RBTCC, metade dos artigos selecionados para leitura foram descartados por não conterem uma definição específica de empatia. Ainda que alguns deles utilizassem instrumentos de avaliação (e.g., Nobile et al., 2017; Tozze et al., 2015) ou, até mesmo, estudo teóricos de revisão que, entre outros conceitos, discutissem empatia (e.g., Fumo et al., 2009), não apresentaram uma definição sobre o que estava sendo medido ou discutido. Ainda que os artigos estejam vinculados a periódicos especializados da Análise do Comportamento, seria interessante que as definições de conceitos fossem adicionadas aos artigos que se propõe a medir comportamentos relacionados ao conceito.

Resultados da busca em bases de dados internacionais

Quanto aos resultados obtidos apenas a partir da busca de combinações de palavras-chaves em bases de dados internacionais, foram encontrados 1792 resultados nas bases *Psycinfo* e *Springer*. O percurso dos procedimentos de seleção e exclusão dos resultados encontrados pode ser visto nas figuras 3 e 4 respectivamente. Das 102 referências encontradas da base

Psycnet, 8 foram selecionadas para as análises, chegando a uma taxa de 7,84% do total de referências recuperadas. É importante mencionar aqui que a base de dados em questão permitia aplicar filtros aos resultados para que apenas arquivos do tipo artigo aparecessem.

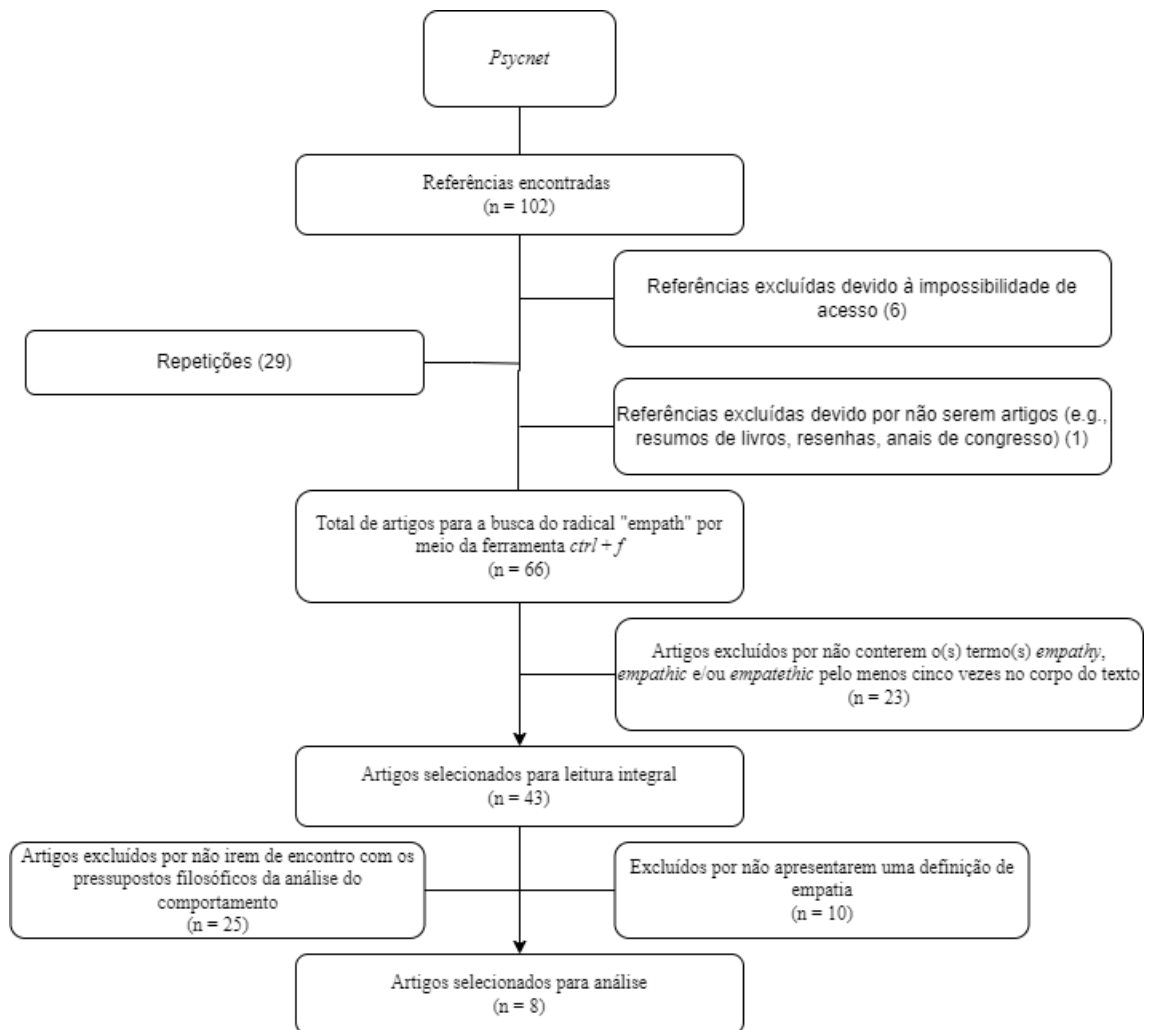


Figura 3. Fluxograma dos artigos selecionados por meio da fonte de dados Psycnet.

Quanto à base *Springer*, a soma das buscas de todas as combinações de palavras-chaves foi de 1690 referências encontradas. Essa fonte, entretanto, ainda que oferecesse o filtro para que apenas artigos aparecessem nos resultados, 80 referências foram excluídas por não serem artigos. Além disso, 11 referências foram descartadas pela impossibilidade de serem acessadas, por exemplo, Hartzell et al. (2020) e Kern et al. (2020) não puderam ser acessadas nem mesmo

pelo número de DOI (*Digital Object Identifier*). Da mesma forma, outras referências foram descartadas por não estarem escritas em português ou em inglês (e.g. Zoerner et al., 2017).

Devido ao expressivo número de 1690 artigos alcançados na base de dados *Springer*, foi criada uma planilha no *Excel* para que as repetições fossem encontradas mais facilmente. Além disso, essa tabela continha o link de acesso ao artigo e categorias que foram criadas para a separação de todos os artigos em algumas características. Exemplo dessas categorias são os artigos que buscavam discutir sobre a utilização de empatia na criação de robôs e desenvolvimento de inteligências artificiais, para isso, métodos para que a empatia fosse medida e controlada artificialmente (e.g., Ruiz-Garcia et al., 2018; Justo et al., 2020; Simão et. al., 2021; Chung, 2021).

Outro exemplo dessas categorias são os textos que continham as palavras-chaves características da Análise do Comportamento, mas faziam uso desses termos para críticas ou de maneira a afastar a teoria comportamentalista do que seria abordado no estudo (e.g., Gaier, 2007; Perovic & Radenovic, 2010). Considerando os 1690 artigos encontrados e os 15 selecionados, a taxa de aproveitamento dos artigos nessa base de dados foi de 0,88%. É importante, entretanto, mencionar que parte das repetições encontradas nessa base foram descartas por se tratarem de artigos que já haviam sido recuperados da base *Psycnet*.

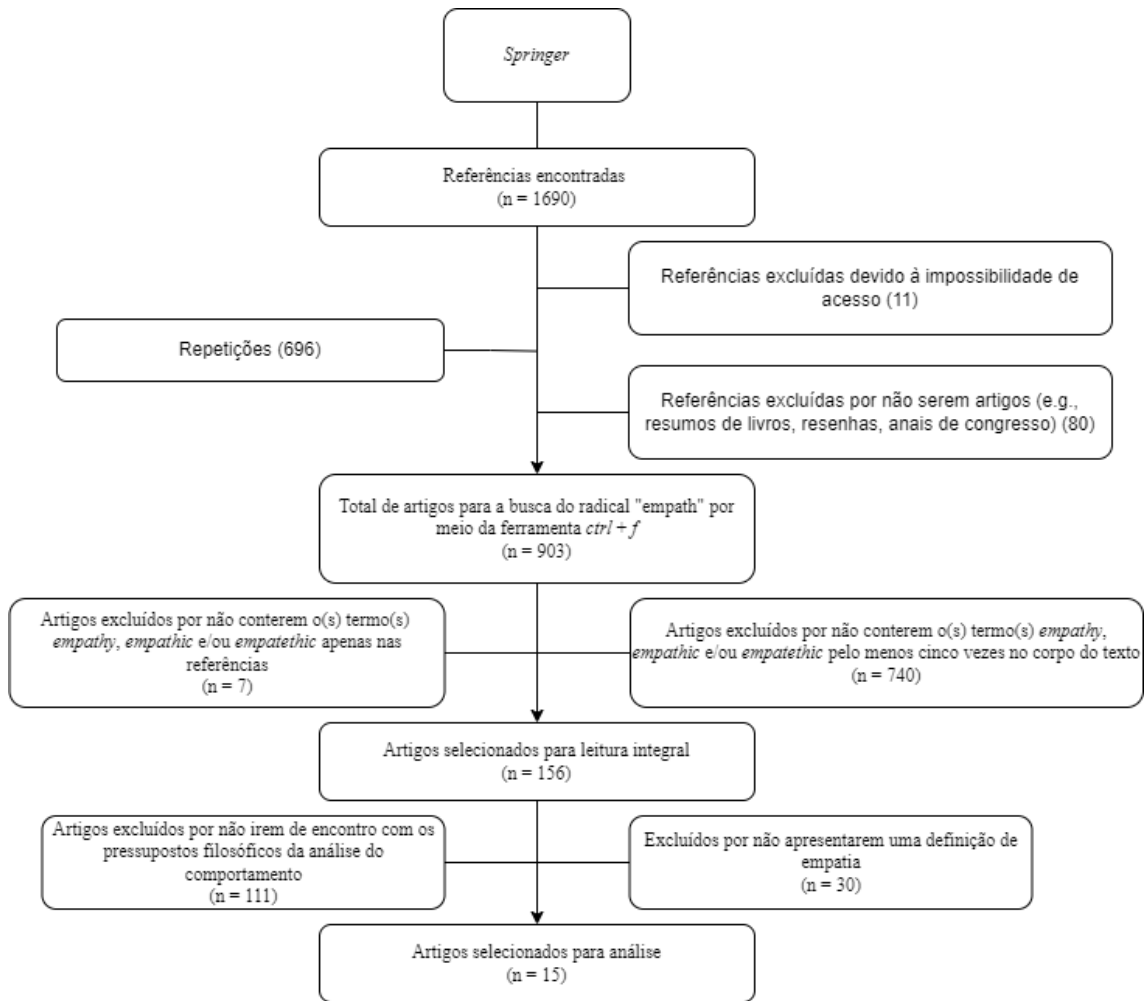


Figura 4. Fluxograma dos artigos selecionados por meio da fonte de dados Springer.

Considerando o total de 36 combinações de palavras-chaves utilizadas nas buscas em bases de dados (i.e., 18 para os termos na língua portuguesa e 18 para a língua inglesa), apenas seis delas resultaram nos arquivos selecionados. Como as combinações não foram utilizadas para busca nas revistas nacionais, a Figura 5 faz referência, apenas, aos 23 artigos selecionados em bases internacionais.

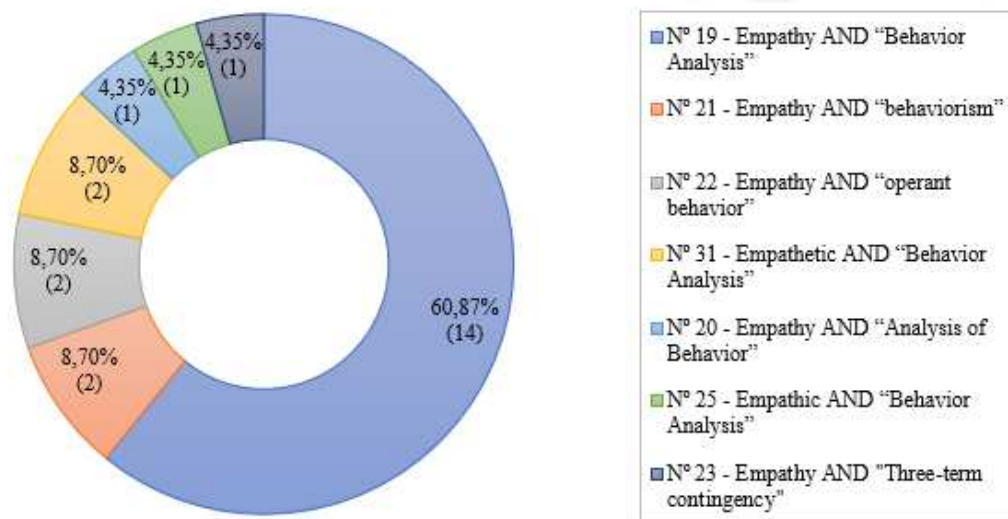


Figura 5. Relação dos artigos analisáveis selecionados a partir das bases de dados internacionais e as combinações de palavras chaves utilizadas.

Nota: Os números que acompanham as combinações de palavras-chaves fazem referência aos números de pesquisa aos quais foram previamente atribuídas (conferir Tabela 2).

Como visto, a combinação de palavras-chaves que resultou em mais artigos foi a de número 19 (*Empathy AND "Behavior Analysis"*), chegando a 439 artigos quando somados os da base *Springer* (403) e os da base *Psycnet* (36). É importante mencionar ainda que, apesar da grande diferença no total de artigos encontrados em cada base de dados, foram selecionado sete artigos de cada base para essa combinação. Isto é, dos 403 artigos encontrados na *Springer*, apenas 2,02% desses foram selecionados, enquanto na *Psycnet* os artigos selecionados representam 20,59% dos artigos encontrados na base com a combinação de nº19.

As buscas realizadas com as combinações de números de pesquisa, 24 (*Empathy AND "selection by consequences"*), 26 (*Empathic AND "Analysis of Behavior"*), 27 (*Empathic AND "Analysis of Behavior"*), 28 (*Empathic AND "operant behavior"*), 29 (*Empathic AND "three-term contingency"*), 32 (*Empathetic AND "Analysis of Behavior"*), 33 (*Empathetic AND "behaviorism"*) e 34 (*Empathetic AND "operant behavior"*) também encontraram artigos.

Entretanto, todos os artigos encontrados foram descartados por se tratar de repetições e/ou foram excluídos devido aos critérios pré-estabelecidos. Em geral, as buscas realizadas na *Springer* resultaram em mais artigos encontrados, quando comparada com os resultados obtidos por meio da busca na *Psycnet*. As combinações de número 30 (*Empathic* AND “*selection by consequences*”) e 36 (*Empathetic* AND “*selection by consequences*”) foram as únicas que não alcançaram nenhum artigo em ambas as bases de dados. Tanto o termo “*empathic*” quanto “*empatethic*” tem a ver com o conceito estudado de maneira a adjetivar outros substantivos que poderiam estar relacionados (e.g., comportamentos, repostas, condutas, estímulos). É importante destacar, também, que a palavra-chave “*selection by consequences*” foi procurado de maneira a respeitar os operadores booleanos de cada base utilizada para que tanto a forma plural do termo quanto sua singular alcançassem artigos.

As combinações de número de pesquisa de 1 ao 18 não serão apresentadas aqui por meio de figuras porque a utilização de apenas duas delas nas buscas em bases de dados nacionais resultaram em artigos encontrados. Ademais, os dois arquivos encontrados foram descartados devido aos critérios de exclusão. Diante da diferença na obtenção de 1690 artigos internacionais para apenas dois nacionais, questiona-se o funcionamento das bases nacionais utilizadas. Isso porque publicações com tais termos existem na literatura analítico-comportamental nacional, vide os artigos analisáveis encontrados na busca em periódicos específicos da Análise do Comportamento, mas que não apareceram nas bases de dados.

Dados bibliométricos dos artigos selecionados

Na soma dos artigos internacionais e nacionais, o total de artigos selecionados para as análises bibliométricas e interpretativas foi de 25. Em relação a natureza do método utilizado em cada artigo selecionado, tivemos que apenas quatro artigos (16%) apresentavam um modelo de estudo experimental sobre a empatia. A maioria dos artigos selecionados são, na verdade, de

natureza teórica, somando 13 artigos do total (52%). A partir de tais dados (Figura 6), cabe questionar a discrepância entre as naturezas de pesquisa, uma vez que, historicamente, o processo de produção em conhecimento da Análise do Comportamento parece partir das pesquisas básicas¹⁸ e, então, ser integrado e/ou questionado pelas outras áreas (Tourinho, 2003). Ainda que as três áreas (i.e., teórica, aplicada e básica) tenham relevância, não foi encontrada uma distribuição proporcional, uma vez que as pesquisas teóricas somaram mais da metade das produções encontradas.

É possível que o baixo número de artigos de estudos experimentais selecionados esteja relacionado aos termos relacionados ao conceito em questão, uma vez que a empatia está historicamente relacionada à ACP proposta por Rogers (Fernandes, 2017). Isto é, levando em consideração as divergências já apresentadas entre a teoria cognitivista de Rogers e a proposta do Behaviorismo Radical, termos diretos como “empatia”, “empática” ou “empático” podem ter sido evitados na elaboração de estudos de laboratório de maneira a evitar contradições teórico-epistemológicas e, de maneira geral, enfraquecer o estudo.

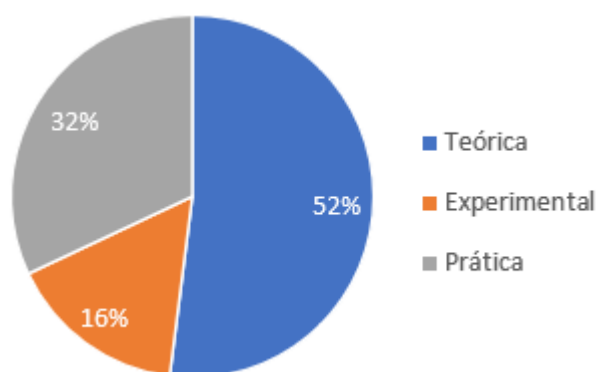


Figura 6. Distribuição de artigo por natureza de pesquisa em Análise do Comportamento.

¹⁸ Quando a compreensão de comportamento como as relações entre o indivíduo e o ambiente vem à tona, o método adotado para o estudo do comportamento foi, primeiramente, o experimental. Segundo Tourinho e Sérgio (2010): “E essa maneira de produzir conhecimento passou também a caracterizar a Análise do Comportamento, que, sintomaticamente, autodenominou-se Análise Experimental do Comportamento” (p. 2).

Outro ponto que merece destaque é que os artigos selecionados de natureza aplicada totalizaram 8 artigos (32%), sendo que seis deles eram internacionais e apenas dois artigos foram selecionados da literatura analítico-comportamental nacional. Aqui, vale mencionar que diversos artigos de natureza aplicada que buscavam avaliar a efetividade e/ou eficácia de instrumentos de avaliação e/ou escalas foram excluídos por não apresentarem uma definição de empatia no próprio artigo.

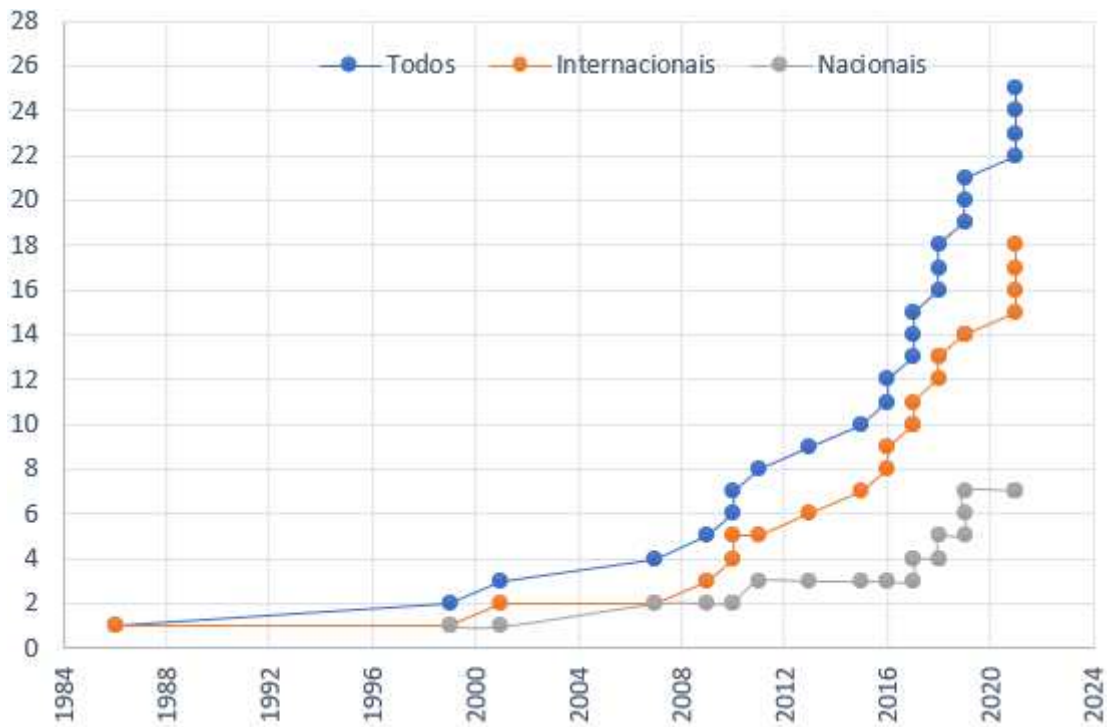


Figura 7. Distribuição temporal dos artigos selecionados.

Como visto na Figura 7, a primeira publicação selecionada data de 1986, mas é a partir do ano de 2010 que 80% dos artigos foram publicados. Em uma investigação sobre o conceito de altruísmo na Análise do Comportamento, Guimarães (2019) aponta um aumento das publicações selecionadas a partir de 2011 que “[...] coincide com as discussões feitas por outras áreas de conhecimento e pela própria Análise do Comportamento: conflitos políticos e econômicos ameaçam o mundo; a intolerância tornou-se pauta de muitos debates, de cunho racial, social, religioso, sexual” (p. 44). É possível que o aumento nas publicações sobre

empatia a partir de 2010 também tenha relação com o aumento descrito no caso do altruísmo.

Análise interpretativa

Durante a realização das análises interpretativas dos artigos selecionados notou-se que o conceito de empatia é, de fato, descrito em diferentes maneiras na literatura analítico-comportamental. É importante, porém, destacar que tais descrições não são antagonistas entre si por natureza, mas que também podem apresentar algumas convergências importantes para a compreensão do conceito.

Em um primeiro momento, uma possível confusão conceitual parece, até hoje, se fazer presente quando fala-se de empatia e simpatia. Entretanto, essa relação só foi vista nos artigos de língua inglesa, sendo que nos artigos na língua portuguesa, o termo *simpatia* não foi apresentado. Uma razão que pode explicar essa ausência de termos relacionados ao conceito de simpatia nos textos nacionais é a diferença nos significados do senso comum entre os termos *sympathy*, utilizado na língua inglesa, e *simpatia*, já na língua portuguesa.

Na literatura nacional, uma das definições encontradas sobre o termo *simpatia* a descreve como: “1. Sentimento de atração moral que duas pessoas sentem uma pela outra; 2. Tendência natural para uma coisa.” (PRIBERAM, 2022), para além de outras entradas no dicionário que se referem à rituais religiosos ou práticas de cunho místico. Esse sentimento moral descrito na primeira entrada do dicionário poderia compreendido como um elemento presente na relação empática (Falcone, 1999).

Já nos textos de língua inglesa, o termo *sympathy* apareceu fortemente relacionado com *empathy*, visto que é descrito como ações relacionadas à compreensão do sofrimento do outro e/ou ações relacionadas ao suporte oferecido ao sofrimento do outro (SYMPATHY | definition in the Cambridge English Dictionary, 2022).

Essa diferenciação entre simpatia e empatia parece estar sendo adotada pela maior parte dos autores dos artigos encontrados. A comparação com a simpatia torna a aparecer com mais frequência quando a empatia é entendida como uma emoção, o que parece concordar com Skinner (1953; 1989), uma vez que o autor, em diferentes momentos, parece entender a simpatia como uma emoção.

Para além da simpatia, a empatia também aparece relacionada a outros termos e, assim, vai se mostrando um conceito complexo para a literatura analítico-comportamental. Os analistas do comportamento parecem concordar que existe mais de um elemento presente no que se entende sobre empatia. Se os cognitivistas delimitavam pelo menos três dimensões da empatia: cognitiva, afetiva e intelectual (Rogers, 1961), na literatura analítico-comportamental, também existem concordâncias acerca da complexidade da empatia ().

Empatia e compaixão

Um dos pontos de convergências encontrados foi a diferenciação entre empatia e compaixão. Apesar de diferentes artigos mencionarem a compaixão, foram poucos os que trouxeram uma definição do conceito. Em geral, o termo parece ser entendido como “um passo adiante” da empatia (Rorher et al., 2021). Esse avanço aconteceria por meio de uma ação dirigida a resolver o sofrimento do outro (Catagnus et al., 2021; Rohrer et al., 2021; Slim et al., 2021; Taylor et al., 2019).

É importante mencionar que essa diferenciação e definição de compaixão como um comportamento mais complexo do que empatia apareceu em poucos artigos analisados. Além disso, parece ser um tópico recente, dado as datas das publicações que essa diferenciação foi encontrada (Catagnus et al., 2021; Rohrer et al., 2021; Slim et al., 2021; Taylor et al., 2019). Ainda que os autores em questão não utilizem exatamente a mesma definição de empatia, o limite do conceito parece ser encontrado na ação do terapeuta com função de remover/mitigar o sofrimento do outro (Catagnus et al., 2021). Isto é, pelo menos no contexto da relação

terapêutica, a compaixão parece ser descrita como um comportamento parcialmente controlado por reforçamento negativo.

Tal definição parece ir de encontro com o entendimento de Skinner (1989), que coloca a compaixão como um sentimento caracterizado por vivenciar um contexto de sofrimento similar ao do outro. Dessa forma, de maneira similar ao que acontece com o conceito de empatia, são encontradas definições diferentes sobre um mesmo termo e, ainda que não sejam totalmente contrárias, também não são apresentadas de maneira complementares. Isto é, a compaixão também é definida como um comportamento e uma emoção.

Quanto à natureza dos estudos encontrados que se referiram à compaixão, é notado que todos os artigos mencionados eram de natureza teórica. Em dois deles, foram utilizados questionários aplicados em atuantes em Análise do Comportamento (Catagnus et al., 2021; Taylor et al., 2019) e os outros dois foram artigos de discussão conceitual (Rohrer et al., 2021; Slim et al., 2021).

Empatia e tomada de perspectiva

Outro ponto que pode ser levantando é a necessidade de uma “tomada de perspectiva” para que o comportamento de empatia fosse possível (Vilardaga, 2009). Esse conceito pode ser rastreado até a RFT, uma vez que se trata de uma relação específica de aprendizagem de comportamentos. Diferentemente das outras relações que estão baseadas em dimensões físicas, a relação dêitica tem “Eu-você”, “Aqui-Ali” e “Agora-Depois” como elementos principais (Taylor et al., 2019).

É, então, a partir da relação de “Eu-Você” que comportamentos apresentados como empáticos poderiam ser aprendidos (Catagnus et al., 2021; Fletcher et al., 2010; Montoya-Rodriguez et al., 2016; Taylor et al., 2018). Pensando em uma situação prática, um terapeuta deveria ser capaz de responder apropriadamente às dicas de um cliente que passa por uma

situação de luto, se, no passado, o próprio terapeuta passou por situações similares. É importante ressaltar que os autores não exigem uma simetria absoluta das situações vividas, apenas apontam a necessidade de uma similaridade entre elas.

Partindo da ocorrência de tais situações e/ou com o treino de como o terapeuta deveria responder às dicas emocionais do cliente, a empatia é, então, apresentada como um comportamento necessário ao “bom” terapeuta. Comportamentos descritos como empáticos resultariam em benefícios como aderência ao tratamento, satisfação do cliente, bem-estar do terapeuta e efetividade das intervenções propostas (Taylor et al., 2019).

Empatia e emoção

Para além de entender a empatia como um comportamento ensinável ou habilidades sociais, os analistas do comportamento também parecem utilizar do conceito de empatia como uma emoção. No estudo de Catagnus et. al. (2021), a empatia aparece como quase que um antecedente direto ao comportamento de compaixão do terapeuta. De maneira similar, Guimarães (2019), utilizando-se do texto de Peláez (2001), aponta para a importância da empatia como uma operação estabelecadora para o comportamento de altruísmo.

Dessa forma, a empatia deveria, então, apresentar as duas propriedades características de qualquer operação estabelecadora para a literatura analítico-comportamental. De acordo com Haydu (2004), as propriedades seriam: “(a) *afetam um organismo pela alteração momentânea na efetividade reforçadora ou punitiva de outro evento e (b) altera momentaneamente a força daquelas partes do repertório do organismo que foram reforçadas ou punidas por esses eventos*” (p. 59).

Partindo dessa definição de operação estabelecadora, é seguro dizer que apenas Peláez (2001) trouxe argumentos que colocariam a empatia como uma operação estabelecadora. Isso porque, após perceber o sofrimento do outro, comportamentos altruísticos (e.g., ações que

eliminasse esse contexto aversivo) teriam seu valor reforçador negativo alterado pela empatia. Tal compreensão é distinta de dizer que a empatia seria sentir o que o outro sente, isto é, no exemplo de um atendimento clínico, o contexto aversivo que o terapeuta tem acesso é o conjunto de respostas emocionais e verbais que o cliente apresenta (i.e., sofrimento), e não os estímulos aversivos relacionados ao sofrimento do cliente. São contextos aversivos diferentes.

Estudos como o de Catagnus et. al. (2021), Diller e Boornazian (2015) e Rohrer (2021) até mencionam a empatia como um comportamento, mas, quando vão defini-la, apresentam elementos que se assemelham com uma emoção. Essa apresentação da empatia em elementos que a caracterizam tanto como comportamento quanto emoção se repetiu em um estudo experimental. Hachiga et. al. (2018) até fizeram uma breve operacionalização do comportamento considerado “empático” dos sujeitos, mas, em vários outros momentos do texto, apresentam a empatia como uma motivação (e.g., “*there’s no need for an empathically motivated response...*”¹⁹, trecho encontrado na página 269).

Empatia e comportamento

A principal convergência encontrada nos artigos analisados foi a de empatia como um comportamento ensinável. Seja por meio dos estudos que relataram pesquisas aplicadas ou experimentais, a descrição do comportamento empático exigia, pelo menos, dois elementos necessários: a presença do outro na relação comportamental (i.e., comportamento social) e dicas contextuais que exigissem uma resposta apropriada por parte do indivíduo considerado empático.

A maior parte dos estudos teóricos também caminharam para a compreensão da empatia como uma habilidade necessária ao bom terapeuta. Seja por pesquisas utilizando questionários

¹⁹ Não tem necessidade de uma resposta empaticamente motivada porque o rato já é livre para sair de dentro do tubo de restrição

e seguidas de discussões sobre os resultados ou textos estritamente teóricos, os analistas do comportamento, em geral, parecem compreender a empatia como um comportamento complexo e socialmente controlado. Apesar disso, são poucos os estudos que apresentaram definições especificando, ou até mesmo dando indícios, do que seriam os elementos da contingência tríplice do comportamento de empatia (Zamignani & Meyer, 2011).

Dessa forma, por mais que as definições apontassem para uma compreensão da empatia como comportamento, não houve igual convergência quando o assunto é a forma do comportamento. Tanto os estudos que buscaram debater sobre comportamentos esperados dos terapeutas quanto aqueles que visaram ensinar comportamentos empáticos a crianças diagnosticadas com TEA, trouxeram operacionalizações pouco utilizáveis para além do contexto do estudo (Schrandt et. al., 2009, Verschuur et. al. 2019). Por exemplo, no caso de Schrandt et. al. (2009), a definição de empatia como *“uma resposta contextualmente apropriada para uma exposição de afeto por uma boneca, fantoche ou pessoa que conteve componentes vocais e motores (em qualquer ordem) e começou dentro de três segundos após o fim da exposição”* (p. 20)²⁰ é bastante útil na compreensão da resposta dentro do estudo, mas parece faltar quando tentamos generalizá-la para outros contextos.

É claro que ter uma operacionalização bem estabelecida do que se está estudando é essencial para direcionar a atenção e diminuir variáveis indesejáveis, mas, já que é colocado como um comportamento tão necessário e útil para boas relações, por que não acrescentar uma definição que ultrapassa os limites do desenho experimental? Por outro lado, estudos como Fletcher et. al. (2010) e Valentino et. al. (2016) apresentam definições tão generalistas que pouco acrescentam à compreensão do conceito de empatia.

Nesse ponto, cabe mencionar o estudo de Zamignani e Meyer (2011) que propôs a

²⁰ a contextually appropriate response to a display of affect by a doll, puppet, or person that contained motor and vocal components (in any order) and began within 3 s of the end of the display (p. 20).

empatia como uma categoria de comportamentos verbais do terapeuta que se assemelharia a uma validação de comportamentos do cliente. Entretanto, a empatia teria como principal diferença, uma inespecificidade quanto aos comportamentos do cliente que deveriam ser validados. Segundo os autores, o resultado de comportamentos empáticos por parte do terapeuta deveria ser o de criar *“um ambiente amistoso, seguro e não punitivo, para que o cliente se sinta à vontade para verbalizar eventos que, em outros contextos, poderiam ser alvo de punição”* (p. 32).

Essa inespecificidade da empatia também aparece em outros estudos analisados que definiram empatia como um comportamento (e.g., Valentino et. al., 2016). Entretanto, um outro texto que também aponta para essa característica é o de Peláez (2001), quando a autora defende que a empatia, entendida ali como uma operação estabelecadora, deveria ser capaz de modificar comportamentos para além daqueles tradicionalmente relacionados às habilidades sociais e acolhimento (Kanamota et al., 2016; Slim et al., 2021). Segundo a autora, a empatia poderia acontecer frente a respostas emocionais (de outro indivíduo) de estresse, culpa e até mesmo raiva. Se, do lado daqueles que caracterizam a empatia como um comportamento, esse caráter inespecífico é entendido como uma divergência, de outro, ele parece apontar para uma convergência das definições que ultrapassa essa dicotomia entre emoção e comportamento.

Não parece difícil que, ao longo dos anos e de diferentes publicações, a empatia tenha sido utilizada com definições multifacetadas e poucas vezes explicadas. Afinal, a literatura analítico-comportamental é alimentada com trabalhos relacionados à diferentes áreas do conhecimento (Tourinho, 2003). De toda forma, a empatia mostrou-se um conceito complexo e permeado de elementos que, à primeira vista, podem ter parecido contrastantes (i.e., emoção e comportamento).

Ao final da análise, fica notório que a literatura analítico-comportamental coloca a empatia como um comportamento, no qual os elementos antecedentes são discutidos e mais

bem definidos do que os elementos consequentes. Essa, talvez, seja uma possível explicação para as definições de empatia como emoções e, portanto, operações estabelecedoras.

Considerações finais

Em um primeiro momento, parece importante mencionar a limitação encontrada referente às bases de dados nacionais. Mesmo com 18 combinações de palavras-chaves, foram encontrados poucos resultados. Além disso, não foram encontrados resultados na base de dados *Indexpsi*. Dito isso, questiona-se o funcionamento de tais plataformas e as implicações que isso traz para o acúmulo e busca pelo conhecimento nacional. Uma possível saída para isso poderia ser a adição de mais revistas ao método de busca e leitura manual dos artigos em busca das palavras-chaves escolhidas.

Da mesma forma, questiona-se o funcionamento dos campos de busca das revistas nacionais especializadas da Análise do Comportamento utilizadas nesse trabalho. A utilização do método *ctr + f* foi inviável em alguns casos, uma vez que nem todos os volumes antigos estavam digitalizados propriamente.

Para além das dificuldades no procedimento de busca, é importante ressaltar a relevância que o método de uma revisão bibliográfica integrativa permitiu acesso e combinação de resultados de estudos de diferentes naturezas. Entretanto, a escolha pelo modelo *PICT* para análise dos artigos de natureza teórica não abrangeu todos os tipos de artigos encontrados, uma vez que os artigos de revisão e de natureza exploratória, com uso de questionários seguidos de discussões, não apresentavam muitas *teses tradicionais* e *críticas*. Isso parece concordar com a recomendação dos próprios autores do *PICT*, uma vez que os artigos conceituais parecem ter mais espaço para apresentar os elementos supracitados.

Mesmo com as limitações supracitadas, foi possível delimitar a presença desse caráter ambíguo do conceito de empatia na literatura-analítico comportamental. É necessário que tanto o papel da empatia como uma emoção, quanto os comportamentos empáticos sejam, pelo menos, diferenciados nos estudos que abordarem empatia.

Por fim, buscar compreender o que a literatura analítico-comportamental tem falado sobre a empatia mostrou um trabalho tão complexo quanto o próprio conceito. A prevalência da empatia como um comportamento ficou notória, mas as diferenças entre as definições do comportamento empático encontradas parecem apontar para mais estudos sobre o tema. Quais seriam os limites teóricos entre o que tem sido chamado de comportamentos empáticos e comportamentos compassivos? A empatia estaria limitada ao ‘reconhecer o sofrimento do outros’ e qualquer coisa que ultrapassasse isso deveria ser considerada compaixão? E para além do contexto da clínica, existiriam ambientes mais favoráveis ao ensino de comportamentos empáticos? É esperado que a sistematização e discussão feitas nesse trabalho auxiliem futuros estudos que visem “resolver” a questão da empatia.

Referências bibliográficas

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de Filosofia* (5ª ed, A. Bosi & I. C. Benedetti, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1971).
- Argott, P. J., Townsend, D. B., & Poulson, C. L. (2017). Acquisition and generalization of complex empathetic responses among children with autism. *Behavior Analysis in Practice, 10*(2), 107-117.
- Barnes-Holmes, Y., Barnes-Holmes, D., Roche, B., Healy, O., Lyddy, F., Cullinan, V., & Hayes, S. C. (2001). Psychological development. In S. C. Hayes, D. Barnes-Holmes, & B. Roche (Eds). (2001). *Relational frame theory: A post-skinnerian account of human language and cognition*. New York: Plenum.
- Blell, Z. D., Alai-Rosales, S., & Rosales-Ruiz, J. (2018). The effects of a supportive communication training workshop on the verbal behavior analysis. *Behavior and Social Issues, 19*(1), 144-166.
- Carvalho Neto, M. B. (2002). Análise do comportamento: Behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. *Interação em Psicologia, 6*(1), 13-18.
- Catagnus, R.M., Griffith, A.K. & Umphrey, B.J. (2021). Anger, Fear, and Sadness: How Emotions Could Help Us End a Pandemic of Racism. *Behavior Analysis in Practice, 14*(2), 1- 12.
- Coelho, N. E., Jr. (2004). Ferenczi e a experiência da einfuhlung. *Ágora, 3*(1), 73-85.
- Cherix, K., & Coelho, N. E., Jr. (2017). O cuidado de idosos como um campo intersubjetivo: reflexões éticas. *Interface, 21*(63), 579-588.
- Chung, E.Y.(2021). Robot-Mediated social skill intervention programme for children with autism spectrum disorder: an ABA time-series study. *International Journal of Social Robotics, 13*, 1095–1107 (2021).

- De Rose, J. C., & Rabelo, L. (2012). Teoria das molduras relacionais e possíveis aplicações à educação. *Revista de Deficiência Intelectual*, 3, 10-15.
- Del Nero, Henrique Schützer. (1994). Complexos e complexidade. *Estudos Avançados*, 8(20), 105-119. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000100015>.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Editora Vozes.
- Diller, J. W., & Boornazian, E. S. (2015). The Bonobo and the Behaviorist: Frans de Waal's Bottom-Up Morality. *The Behavior Analyst*, 38(2), 293–307.
- Falcone, E. (1999). A avaliação de um programa de treinamento de empatia com universitários. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1(1), 23-32.
- Ferreira, A. B. H. (2010). *Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa* (8ª ed.). Curitiba: Positivo.
- Fernandes, F. A. D. (2012). *Relação terapêutica: Uma análise dos comportamentos de terapeuta e cliente em sessões iniciais de terapia* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Fernandes, T. A. L., Popovitz, J. M. B., & da Silveira, J. M. (2017). A utilização da terminologia sobre os fatores comuns na análise comportamental clínica. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 4(1), 19-31.
- Fletcher, L. B., Schoendorff, B., & Hayes, S. C. (2010). Searching for Mindfulness in the Brain: A ProcessOriented Approach to Examining the Neural Correlates of Mindfulness. *Mindfulness*, 1(1).
- Fogaça, F. F. S. (2015). *Avaliação de habilidades sociais de adolescentes em conflito com a lei em interações com familiares e amigos: uma análise de metacontingências* (Tese de doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

- Fumo, V. M. S., Manolio, C. L., Bello, S., & Hayashi, M. C. P. I. (2008). Produção científica em habilidades sociais: estudo bibliométrico. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 11(2), 246-266.
- Ganczarek, J., Hünefeldt, T. & Olivetti Belardinelli, M. (2018). From “Einführung” to empathy: exploring the relationship between aesthetic and interpersonal experience. *Cognitive Processing* 19, 141–145.
- Gaier, R. R. (2007). On the Value of Phenomenology Across Disciplines and Traditions. *Human Studies*, 30(3), 269–273. doi:10.1007/s10746-007-9054-9.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). Atlas.
- Gouveia, M. de A., Porfírio, F., Silva, J. M. da, Ocalxuk, L., & Ingberman, Y. K. (2017). Procedimento de bloqueio de respostas de esquiva e aumento da tolerância emocional. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 19(2), 24-41.
- Guimarães, R. K. (2019). Uma sistematização da literature analítico-comportamental sobre o conceito de altruísmo. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Londrina), Londrina, PR, Brasil.
- Haber, G. M., & Carmo, J. S . (2007). O fantasiar como recurso na clínica comportamental infantil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 45-61
- Hachiga, Y., Schwartz, L. P., Silberberg, A., Kearns, D. N., Gomez, M., & Slotnick, B. Does a rat free a trapped rat due to empathy or for social contact?. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 110(2), 267-274.
- Hartzell, R. I., Lane, C. J., Umbreit, J., Liaupsin, C. J., & Hanks, M. (2020). Peer-Supported Inclusive Social Skills Instruction for Elementary Students with Emotional and Behavioral Disorders. *Education and Treatment of Children*, 43(3), 237-250
- Hargrove, D. S. (1974). Verbal interreaction analysis of empathic and nonempathic responses of therapists. *Journal of Counseling and Clinical Psychology*, 42(2), p. 305.

- Haydu, V. B. 2004. O que é operação estabelecadora?. In: C. E. Costa, J. C. Luzia, & H. H. N. Samt'anna (Eds.). *Primeiros passos em análise do comportamento e cognição*, v2 (pp. 59-66) Santo André
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (2001). *Relational frame theory: A post-skinnerian account of human language and cognition*. New York: Plenum.
- Hoffman, M. L. (1982). Development of prosocial motivation: Empathy and guilt. In N. Eisenberg (Ed), *The development of prosocial behavior* (pp. 281-314). New York: Academic Press.
- Justo, R., Ben Letaifa, L., Palmero, C. et al. (2020). Analysis of the interaction between elderly people and a simulated virtual coach. *J Ambient Intell Human Comput* **11**, 6125–6140. <https://doi.org/10.1007/s12652-020-01983-3>
- Kanamota, P. F. C., Bolsoni-Silva, A. T., & Kanamota, J. S. V. (2016). A influência dos comportamentos de empatia e recomendação do terapeuta na a interação terapeuta-cliente. *Revista interamericana de psicologia*, *50*(3), 304-316.
- Kern, L., Simonsen, B. & Wilkinson, S. A Review of Behavior-Based Interventions that Address Bullying, Aggressive, and Inappropriate Student Behavior during Recess. *Educ. Treat. Child.* **43**, 377–391 (2020)
- Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In C. Laurenti, C. E. Lopes, & S. F. Araujo (Orgs.), *Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 41-69). São Paulo: Hogrefe.
- Marques, N.S., de Almeida, J.A.T. (2021). Brazilian Presidential Pronouncements in the Pandemic: Effectiveness in Crisis Communication and Rule Properties. *Behavior and Social Issues*, *30*, 428–44.
- Michael, J. (1993). Establishing operations. *The Behavior Analyst*, *16*(2), 191-206.

- Miguel, C. F. (2000). O conceito de operação estabelecadora na análise do comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16*(3), 259-267.
- Moreira, V., & Torres, R. B. (2013). Empatia e redução fenomenológica: possível contribuição ao pensamento de Rogers. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 65*(2), 181-197.
- Montoya-Rodriguez, M., Molina, F., & McHugh, L. (2016). A review of relational frame theory research into deictic relational responding. *Psychological Record, 67*(4), 569-579.
- Nobile, Glauca Fernanda Galeazzi, Garcia, Vagner Angelo, & Bolsoni-Silva, Alessandra Turini. (2017). Análise Sequencial dos comportamentos do terapeuta em psicoterapia com universitários com transtorno de ansiedade social. *Perspectivas em análise do comportamento, 8*(1), 16-31. <https://dx.doi.org/10.18761/pac.2016.030>
- Oshiro, C. K. B. (2011). *Delineamento experimental de caso único: a Psicoterapia Analítico Funcional com dois clientes difíceis* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, SP, Brasil.
- Peláez, M. (2001). Morality as a system of rule-governed behavior and empathy. *Behavioral Developmental Bulletin, 1*, 8–13.
- Perovic, S., & Radenovic, L. (2010). Fine-tuning nativism: the “nurtured nature” and innate cognitive structures. *Phenomenology and the Cognitive Sciences, 10*(3), 399–417. doi:10.1007/s11097-010-9180-0.
- Pinheiros, M. I. S., Haase, V. G., Del Prette, A., Amarante, C. L. D., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 19*(3), 407-414.
- Rehfeldt, R. A., Dillen, J. E., Ziomek, M. M., & Kowalchuk, R. K. (2007). Assessing

- relational learning deficits in perspective-taking in children with high-functioning autism spectrum disorder. *The Psychological Record*, 57(1), 23-47.
- Richartz, M., Zazula, R., & Gon, M. C. C. (2018). Avaliação comportamental de um caso de tricotilomania em uma adolescente. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 20(2), 105-119.
- Rohrer, J.L., Marshall, K.B., Suzio, C., & Weiss, M. J. (2021). Soft skills: the case for compassionate approaches or how behavior analysis keeps finding its heart. *Behavior Analysis in Practice*, 14, 1135–1143.
- Ruiz-Garcia, A., Elshaw, M., Altahhan, A., & Palade, V. (2018). A hybrid deep learning neural approach for emotion recognition from facial expressions for socially assistive robots. *Neural Computing and Applications*, 29(7), 359–373
- Silberberg, A., Allouch, C., Sandfort, S., Kearns, D., Karpel, H., & Slotnick, B. (2014). Desire for social contact, not empathy, may explain “rescue” behavior in rats. *Animal Cognition*, 17(3), 609–618.
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Florianópolis: UFSC.
- Simão, A. M. V., Ferreira, P. C., Pereira, N., Oliveira, S., Paulino, P., Rosa, H., Ribeiro, R., Coheur, L., Carvalho, J. P., & Trancoso, I. (2021). Prosociality in cyberspace: Developing emotion and behavioral regulation to decrease aggressive communication. *Cognitive Computation*, 13(3), 736–750.
- Sivaraman, M. (2017). Using multiple exemplar training to teach empathy skills to children with autism. *Behavior Analysis in Practice*, 10(4), 337-346.
- Shaffer, A., Kotchick, B. A., Dorsey, S., & Forehand, R. (2001). The past, present, and future of behavioral parent training: Interventions for child and adolescent problem behavior. *The Behavior Analyst Today*, 2(2), 91-105

- Schrandt, J. A., Townsend, D. B., & Poulson, C. L. (2009). Teaching empathy skills to children with autism. *Journal of Applied Behavior Analysis, 42*(1), 17–32.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. Free Press.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1989). The place of feeling in the analysis of behavior. In B. F. Skinner, *Recent issues in the analysis of behavior* (Cap. 1, pp. 3-12). Columbus, OH: Merrill Publishing Company.
- Slim, L., & Reuter-Yuill, L. M. (2021). A behavior-analytic perspective on interprofessional collaboration. *Behavior Analysis in Practice, 14*, 1238-1248.
- Sundberg, M. L. (2016). The value of a behavior analysis of language for autism treatment. In R. G. Romanczyk & J. McEachin (Eds.), *Comprehensive models of autism spectrum disorder treatment: Points of divergence and convergence* (pp. 81-116). New York: Springer.
- Stueber, K. (2019). Empathy. In: E. N. Zalta (ed.), *The Stanford encyclopedia of philosophy*. Metaphysics Research Lab, Standford University.
<https://plato.stanford.edu/archives/fall2019/entries/empathy/>.
- Taylor, B.A., LeBlanc, L.A., & Nosik, M.R. (2018). Compassionate care in Behavior analytic treatment: can outcomes be enhanced by attending to relationships with caregivers?. *Behavior Analysis in Practice, 12*, 654-666.
- Tourinho, E. Z. (1993). Individualismo, behaviorismo e história. *Temas em Psicologia, 1*(2), 1-9.
- Tourinho, E. Z. (2003). A produção de conhecimento em psicologia: A análise do comportamento. *Psicologia: Ciência e Profissão, 23*(2), 30-41.
- Tourinho, E. Z., & Sérgio, T. M. A. P. (2010). In E. Z. Tourinho & S. V. Luna (Orgs.), *Análise do comportamento: investigações históricas, conceituais e aplicadas* (pp. 1-13).

- Tozze, K. F., Silva, A. T. B., Garcia, V. A., & Nunes, P. L. (2017). Análise da interação terapeuta-cliente em sessões iniciais de atendimento. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 6(1), 24-39. <https://doi.org/10.18761/pac.2015.6.1.a02>
- UNESP. (2015). *Tipos de revisão de literatura*. Botucatu.
- Valentino, A. L., LeBlanc, L. A., & Sellers, T. P. (2016). The Benefits of Group Supervision and a Recommended Structure for Implementation. *Behavior Analysis in Practice*, 9(4), 320–328.
- Verschuur, R., Huskens, B., & Didden, R. (2019). Effectiveness of Parent Education in Pivotal Response Treatment on Pivotal and Collateral Responses. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 49(9), 3477-3493.
- Vilardaga, R. (2009). A relational frame theory account of empathy. *International Journal of Behavioral Consultation and Therapy*, 5(2), 178-184.
- Watanabe, S., & Ono, K. (1986). An experimental analysis of “empathic” response: effects of pain reactions of pigeon upon other pigeon’s operant behavior. *Behavioural Processes*, 13, 269-277.
- Williams, H. (2016). Explicating the Key Notions of Copresence and Verification in Relation to Husserl’s Use of the Term Direct to Describe Empathy. *Human Studies*, 40(2), 157–174. doi:10.1007/s10746-016-9414-4.
- Zamignani, D. R. (2007). *O desenvolvimento de um sistema multidimensional para a categorização de comportamentos na interação terapêutica* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Zamignani, D., & Meyer, S. B. (2011). Comportamentos verbais do terapeuta no Sistema Multidimensional para a Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica (SiMCCIT). *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2(1), pp. 25-45.

Zilio, D. (2019). O que nos torna analistas do comportamento? A teoria como elemento integrador. *Acta Comportamentaliza*, 27(2), 233-249.

Zoerner, D., Moebert, T. & Lucke, U. IT-gestütztes Training sozio-emotionaler Kognition für Menschen mit Autismus. *Informatik Spektrum* 40, 546–555 (2017).
<https://doi.org/10.1007/s00287-017-1074-x>.

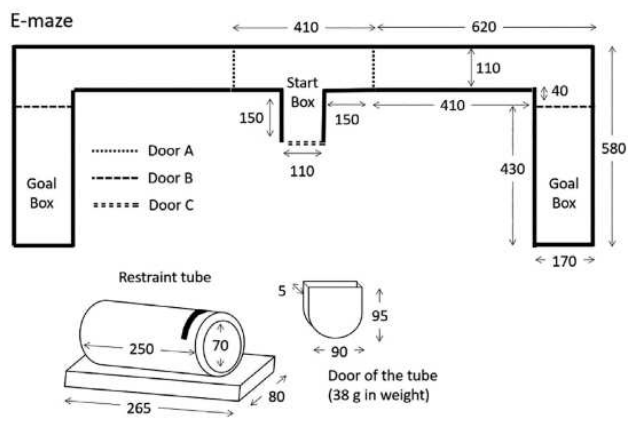
Apêndices

Apêndice A

Tabelas de sistematização de estudos caracterizados como *experimentais*.

Tabela de análise do estudo de Hachiga et. al. (2018)

Referência	Hachiga, Y., Schwartz, L. P., Silberberg, A., Kearns, D. N., Gomez, M., & Slotnick, B. (2018). Does a rat free a trapped rat due to empathy or for sociality? <i>Journal of the Experimental Analysis of Behavior</i> , 110(2), 267-274.
Objetivo do trabalho	<p>“This report evaluates whether a rat releasing a trapped rat from a restraint tube is better explained as due to its empathic motivation or to the pursuit of social contact” (p. 267);</p> <p>Avaliar se um rato liberta outro que está aprisionado em um tubo de restrição é melhor explicado pela motivação empática ou pela busca de contato social.</p>
Sujeitos	18 ratos machos “Sprague–Dawley” com aproximadamente duas semanas de vida na chegada à colônia.
Condições de habitação	Alocados em trios em seis jaulas com acesso ilimitado à água e comida por dez semanas antes do experimento começar. Mantidos em um ciclo de 12/12 com as luzes sendo acesas às 08:00.
Procedimento	<p>Os sujeitos foram divididos em três grupos para o resto do experimento: <i>ratos livres</i>, <i>ratos com o tubo de restrição aberto</i> e <i>ratos com o tubo de restrição fechado</i>. Após seis tentativas forçadas (i.e., os ratos livres eram colocados no centro do labirinto e apenas uma das portas centrais era aberta), os experimentadores iniciavam as tentativas livres, nas quais o procedimento era praticamente o mesmo, a não ser pelas portas centrais, que ficavam ambas abertas. A partir dessas condições básicas, o experimento ocorreu em três condições especiais.</p> <p>Na primeira delas, o sujeito poderia escolher entre duas caixas-avos, uma contendo outro rato preso no tubo de restrição e a outra estava vazia. Na segunda condição, ambas as caixas-avos estão ocupadas, uma com um rato preso em no tubo de restrição e a outra com um rato dentro de um tubo de restrição com a parte de trás aberta, permitindo que ele pudesse sair do tubo. Na terceira condição, o rato livre deveria escolher entre uma caixa-alvo vazia e outra contendo um rato em um tubo de restrição aberto.</p>

	<p style="text-align: center;">Segue uma ilustração do aparato utilizado no experimento</p>  <p style="text-align: center;">Fig. 1. Schematic of E maze, restraint tube, and restraint-tube door drawn to scale. All measures of length are in mm. The height of the maze was 110 mm.</p> <p style="text-align: center;">(p. 270).</p>
Definição/Explicação	<p>(1) - “On its face, such behavior arguably qualifies as empathic action—that is, behavior in a rescuer intended solely to relieve distress in another.” (p. 267);</p> <p>[“De maneira superficial, tal comportamento discutivelmente se qualifica como ação empática – isso é, comportamento em um resgatador intencionado somente para aliviar angústia no outro” (p. 267)];</p> <p>(2) - “The predictions of an empathic-action account are less clear-cut because it is silent about free-rat preference when choosing between an empty goal box and a second goal box containing a rat and an open restraint tube. There is no need for an empathically motivated response because the rat is already free to walk out of the restraint tube. For this reason, we accept any outcome in this, the third condition, as compatible with the predictions of an empathic-action account. Regarding the first condition, an empathically motivated rat would be expected to prefer the rat locked in the restraint tube over the empty goal box. This, of course, is the same prediction as the social-contact account. The critical test between accounts is in the second condition. As noted earlier, a socially motivated free rat should be indifferent between goal boxes. An empathically motivated free rat, on the other hand, should prefer the goal box with the rat trapped in the restraint tube” (p. 269);</p> <p>[“As previsões de uma explicação de ação empática são menos bem definidas porque é silenciosa sobre as preferências do rato livre quando escolhendo entre uma caixa alvo vazia e a segunda caixa alvo contendo</p>

	<p>um rato e um tubo de restrição aberto. Não tem necessidade de uma resposta empaticamente motivada porque o rato já é livre para sair de dentro do tubo de restrição. Por essa razão, nós aceitamos qualquer resultado neste, a terceira condição, como compatível com as previsões de uma explicação de ação empática. Apesar da primeira condição, seria esperado que um rato empaticamente motivado iria preferir o rato preso no tubo de restrição ao invés da caixa alvo vazia. Essa, claro, é a mesma previsão da explicação de contato social. O teste crítico entre as explicações é a segunda condição. Como dito anteriormente, um rato livre socialmente motivado deveria ser indiferente entre as caixas alvos. Um rato livre empaticamente motivado, por outro lado, deveria preferir a caixa alvo com o rato preso no tubo de restrição” (p. 269)];</p> <p>(3) - “The empathic-action hypothesis, on the other hand, predicts a preference for the goal box containing the rat locked in its restraint tube because only such a choice can relieve the presumed distress of the restraint-tube occupant.” (p. 273);</p> <p>[“A hipótese de ação empática, por outro lado, prevê a preferência pela caixa alvo contendo o rato preso em seu tubo de restrição porque somente tal escolha pode aliviar a presumida angústia do ocupante do tubo de restrição” (p. 273)].</p>
Variáveis independentes	Motivação empática; Busca por contato social.
Variável dependente	Libertar outro rato preso em um tubo de restrição.
Expressões relacionadas à empatia	“empathic action”; “empathic-action”; “empathic motivation”.
Conclusão do estudo	De acordo com os resultados do estudo, a hipótese de que o comportamento de liberar outro rato preso, devido à motivação empática, foi enfraquecida.
Comentários	<p>O principal achado como definição nesse artigo consiste na explicação encontrada (i.e., representada nesta tabela pelo número 1). Ainda que esteja falando de motivação empática, fica claro que o conceito em questão envolveria uma intenção do sujeito e, além disso, seria uma intenção única.</p> <p>Apesar disso, os autores não descartam a hipótese de motivação empática por completo, apenas apontam que os resultados obtidos não a fortalecem.</p>

Tabela de análise do estudo de Watanabe & Ono (1986)

Referência	Watanabe, S., & Ono, K. (1986). An experimental analysis of "empathic" response: Effects of pain reactions of pigeon upon other pigeon's operant behavior. <i>Behavioural processes</i> , 13(3), 269-277.
Objetivo do trabalho	Examinar a supressão de comportamento operante de pombos pela exposição às reações de dor de coespecíficos.
Sujeitos	Oito pombos (<i>Columbia livia</i>)
Condições de habitação	-
Procedimento	<p><i>Descrição do aparato utilizado:</i></p> <p>Uma câmara com dois compartimentos de mesmo tamanho separados por uma parede transparente de acrílico. No compartimento da esquerda, havia um botão de bicar e um funil do qual o alimento escorregava para o compartimento. Também havia uma lâmpada acima de cada compartimento. Os choques eram gerados por meio de eletrodos implantados embaixo dos ossos da púbis dos pombos.</p> <p><i>Procedimento:</i></p> <p>Dos oito pombos, dois foram usados apenas como "alvos dos choques" e os outros seis passaram por procedimentos de reforçamento. Os treinos desses últimos consistiram em um esquema de vi de 60 segundos, no qual o acesso ao comedouro era permitido durante três segundos após bicarem o botão. Cada sessão de treino consistiu em 30 acessos ao comedouro.</p> <p><i>Fase 1 (adaptação às reações de dor dos pássaro "alvos de choque"):</i></p> <p>Os pombos alvos eram colocados no compartimento da direita e recebiam choques elétricos diariamente por meio de intervalos variáveis. Os choques eram dados em períodos (com duração de um minuto) nos quais um pulso era emitido a cada quatro segundos. Esse período começava quando ocorria uma mudança de</p>

	<p>pelo menos 5% na taxa de resposta do pássaro do compartimento da esquerda nos últimos três minutos.</p> <p>As sessões terminavam quando o pombo "alvo de choque" recebia quatro períodos de choques. Essa fase durou cinco dias.</p> <p style="text-align: center;"><i>Fase 2:</i></p> <p>Os sujeitos foram divididos em três grupos.</p> <p>O grupo de condicionamento: recebiam um choque após o pombo alvo receber um período de 30 segundos de choque (um pulso a cada dois segundos), de maneira que as reações de dor do pombo alvo pudessem se tornar um estímulo condicionado para o choque do pássaro da esquerda.</p> <p>Grupo de exposição aos choques: recebia o mesmo choque o que o grupo de condicionamento, com a diferença de que o pombo alvo não recebia os choques.</p> <p>Grupo sem choques: Os pombos eram colocados no aparato mas nenhum choque era aplicado a qualquer pombo.</p> <p>Após a fase 2, ocorreu o teste 1 no qual todos os grupos receberam treinamento em intervalo variável por cinco dias com o mesmo procedimento que na fase 1, com a diferença de que apenas um choque era dado em cada sessão.</p> <p style="text-align: center;"><i>Fase 3:</i></p> <p>o grupo de exposição ao choque receberam treinamento de supressão condicionada por duas sessões.</p> <p>o grupo sem choque sfoi exposto aos choques.</p> <p>Após isso, os grupos da fase três receberam cinco sessões de treino iguais às do teste 1.</p> <p style="text-align: center;"><i>Fase 4:</i></p> <p>O grupo sem choque recebeu o mesmo treino de supressão condicionada que o grupo de condicionamento na fase 2.</p>
Definição/Explicação	<p>[1] - “‘empathy’ means stimulus generalization in which an original stimulus has emotional properties for the concerned subject” (p. 276);</p>

	[“empatia’ significa generalização de estímulos na qual um estímulo original tem propriedades emocionais para o sujeito em questão” (p. 276)].
Variáveis independentes	Exposição às reações de dor de pombos coespecíficos Choques elétricos
Variável dependente	Comportamento de bicar de pombos
Expressões relacionadas à empatia	“empathy” (p. 269; p. 274; p. 275) “empathic responses” (p. 269)
Conclusão do estudo	<p>Os autores apresentam duas conclusões principais. A primeira delas é que a reação de dor de um animal pode se tornar um estímulo condicionado no procedimento de supressão condicionada. A segunda é que a reação de dor de um pássaro se torna um estímulo aversivo para outro pássaro que foi exposto ao choque elétrico.</p> <p>Ao final das conclusões, os autores apresentam que os resultados do estudo sugerem “that a pain reaction of one Bird should share common stimulus elements with a pain reaction of conspecific” (p. 276) [“que a reação de dor de um pássaro deve compartilhar elementos de estímulos em comum com a reação de dor de um coespecífico” (p. 276)]. Dessa forma, eles apresentam a definição 2 de empatia, isto é, sendo uma generalização de estímulos para um sujeito que ocorreria por conta de propriedades emocionais compartilhadas com outro estímulo de outro sujeito.</p>
Comentários	Se a empatia é uma generalização de estímulos, então ela não seria um comportamento em si, mas sim um processo que ocorreria no ambiente do indivíduo. Assumindo a definição proposta pelos autores, os comportamentos empáticos de um indivíduo deveriam ser aqueles que tiveram como antecedente esse estímulo que compartilha de propriedades emocionais com estímulos proporcionados (mesmo que não diretamente) por outro indivíduo.

	<p>Outro ponto que deixa a desejar, é que os autores não apresentam maiores discussões acerca das propriedades emocionais que mencionam e, no estudo em questão, falam apenas dos movimentos corporais que os pombos fazem ao receberem os choques (como exemplo de reação de dor).</p> <p>Em relação à fase um do experimento, na qual os períodos de choques eram iniciados caso houvesse menos de cinco por cento de mudança na taxa de resposta nos últimos três minutos, não seria mais apropriado evidenciar a presença de empatia pelo tempo máximo que o outro pombo ficava sem receber o choque?</p> <p>De toda forma, os autores parecem explicar a empatia de maneira não tradicional, isto é, diferente de um comportamento, mas sim como uma forma de generalização de estímulos que ocorreria a partir de propriedades emocionais.</p>
--	--

Tabela de análise do estudo de Falcone (1999)

Referência	Falcone, E. (1999). A avaliação de um programa de treinamento de empatia com universitários. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i> , 1(1), 23-32.
Objetivo do trabalho	“Avaliar a eficácia de um Programa de Treinamento de Empatia (PTE) no desenvolvimento de comportamento empático de estudantes universitários” (p. 26)
Participantes	17 estudantes de graduação da UERJ. Sendo dez no grupo controle e sete participantes no grupo experimental.
Delineamento de pesquisa utilizado	A intervenção foi apresentada em três fases: (a) Linha de base; (b) Treinamento e pós-treinamento; (c) <i>Follow up</i> .
Procedimento	Os sujeitos foram entrevistados e tiveram quatro situações hipotéticas nas quais deveriam desempenhar um papel fictício. Em duas delas, deveriam desempenhar um papel de ajuda, enquanto nas outras duas, o papel a ser desempenhado seria o de resolução de conflito). Tanto na entrevista como nos jogos de

	<p>papéis, tiveram seus componentes de comportamento empático verbal e não verbal avaliados por seis juízes.</p> <p>Na fase de treinamento, o PTE focou em quatro capacidades: “(1) identificar sinais emocionais não-verbais no comportamento dos outros; (2) ouvir e compreender a perspectiva e os sentimentos da pessoa-alvo, sem julgar; (3) declarar entendimento da perspectiva e dos sentimentos da pessoa-alvo; (4) demonstrar compreensão e aceitação através de comunicação não verbal” (p. 27).</p> <p>As técnicas utilizadas no PTE foram: “(1) explicação de como se comportar empaticamente em situações de ajuda e em situações de conflito; (2) identificação dos motivos que podem dificultar ouvir e compreender os outros, impedindo a manifestação de empatia; (3) imaginação de cenas envolvendo situações de interação, vivenciadas pelos sujeitos; (4) dramatização ou desempenho de papéis, onde os sujeitos tentavam manifestar empatia; (5) prática das habilidades aprendidas no contexto relacional dos estudantes” (p. 27).</p> <p>Após o encontro inicial que tinha caráter mais explicativo sobre como funcionariam os grupos de atividades, as normas do programa e a própria estrutura do PTE, os outros dez encontros que se seguiram foram bastante similares quanto seu formato. A sessão tinha início com uma explicação sobre o que seria trabalhado naquele dia; os grupos treinavam essa etapa em jogos de papéis; após esse treino, era pedido que os sujeitos tentassem aplicar o que foi aprendido com pessoas de seu convívio.</p> <p>Após aprenderem todas as etapas previamente estabelecidas pelo programa, eles deveriam interagir em jogos de papéis aplicando todas as etapas aprendidas em conjunto.</p>
Instrumento de análise/Escala	<ul style="list-style-type: none"> - Sistema de Avaliação do Comportamento Empático – Forma Verbal (SACE-V); - Sistema de Avaliação do Comportamento Empático – Forma Não-verbal (SACE-NV);

	- Um questionário de avaliação do treinamento da empatia (QUATE).
Variáveis independentes	Programa de treinamento de empatia (PTE)
Variável dependente	Comportamento empático
Definição/Explicação do conceito	<p>[1] – [“Uma variedade de pesquisas sobre os efeitos sociais da empatia sugere que essa habilidade social: é mais útil do que a assertividade da manutenção da qualidade dos relacionamentos (hansson et al., 1984, in Davis & Oathout, 1987); mostra uma tendência para provocar efeitos interpessoais mais positivos do que a auto-revelação (revisão de Brems, Fromme & Johnson, 1992); pode afetar efeitos sociais importantes, tais como: popularidade com os amigos, solidão e satisfação em relações românticas (revisão de Davis e Oathout, 1992); ajuda a desenvolver habilidades de enfrentamento e reduz problemas emocionais psicossomáticos nos amigos e familiares (revisão de Burleson, 1985); é preditiva de ajustamento marital (Long & Andrews, 1990) e afeta a satisfação na relação conjugal, através de suas influências sobre comportamentos específicos de mediação (Davis & Oathout, 1987); é positiva para o ajustamento conjugal (revisão de Ickes & Simpson, 1997).” (§ 1, p. 23)];</p> <p>[2] – [“A empatia é definida como uma habilidade de comunicação, que inclui três componentes: (1) um componente cognitivo. Caracterizado pela capacidade de compreender, acuradamente, os sentimentos e perspectivas de outra pessoa; (2) um componente afetivo, identificado por sentimentos de compaixão e simpatia pela outra pessoa, além de preocupação com o bem-estar desta; (3) um componente comportamental, que consiste em transmitir um entendimento explícito do sentimento e da perspectiva da outra pessoa, de tal maneira que esta se sinta profundamente compreendida (Ver Davis, 1980, 1983a, 1983b; Barrett-Lennard, 1993; Egan, 1994).” (§4, p. 2)];</p>

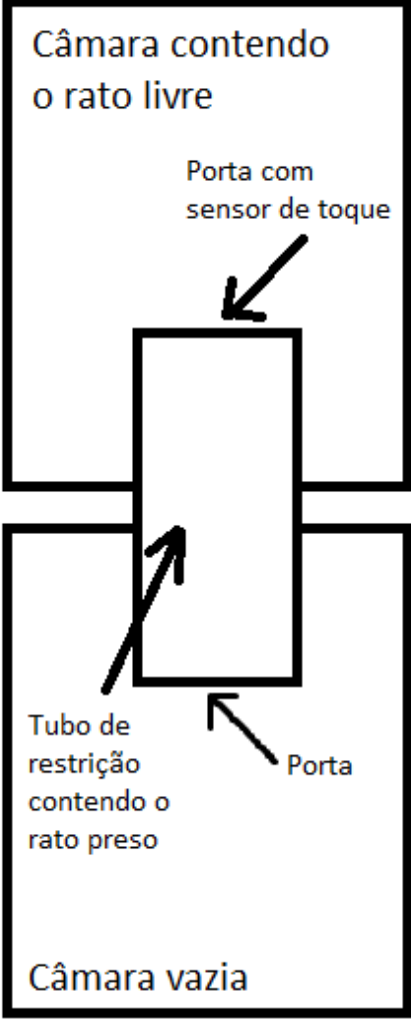
	<p>[3] – “A habilidade empática ocorre em duas etapas. Na primeira etapa, o indivíduo que empatiza está envolvido em compreender a perspectiva e os sentimentos da pessoa-alvo e, de algum modo, experienciar o que está acontecendo com ela naquele momento. A segunda etapa consiste em comunicar esse entendimento de forma sensível. A compreensão empática prestar atenção e ouvir sensivelmente. A comunicação empática de entendimento inclui verbalizar sensivelmente” (p. 24);</p> <p>[4] – “Concluindo, a empatia corresponde a uma habilidade de comunicação que parece se adequar cada vez mais às necessidades do mundo atual. A capacidade de compreender acuradamente os sentimentos e pensamentos das outras pessoas e de manifestar essa compreensão de forma sensível e apropriada, tem sido bastante valorizada nas relações pessoais e profissionais. Considerando-se que essa habilidade pode ser desenvolvida através de treinamento específico, promovendo resultados satisfatórios na qualidade das relações interpessoais (aumento de vínculo, redução de conflitos e de rompimento)...” (p. 31).</p>
Expressões relacionadas à empatia	<p>“atitude empática” (p. 23);</p> <p>“habilidade empática” (p. 24);</p> <p>“compreensão empática” (p. 24);</p> <p>“manifestação de empatia” (p. 30)</p>
Resultados/Conclusão do estudo	<p>Em relação ao comportamento empático por meio de componentes verbais, o grupo experimental melhorou muito mais do que o controle e, consideravelmente, quando comparado com seu próprio histórico. No que condiz às situações imaginadas, de 70% a 100% dos participantes tiveram seu nível de comportamento empático aumentado quando comparados aos registros prévios ao PTE.</p> <p>Já em relação aos componentes não verbais do comportamento empático, o PTE não se mostrou muito eficaz. O maior aumento</p>

	<p>notado se deu nos componentes relacionados às pernas e braços (i.e., dois de 12 dos componentes avaliados).</p>
Comentários	<p>Como pode ser visto na definição [2], a autora traz a empatia como uma habilidade de comunicação/social que inclui três componentes, sendo eles: cognitivo, afetivo e comportamental. Logo em seguida, a autora também apresenta a definição [3] de empatia no contexto de interação com o outro e não, propriamente da habilidade em si. Aqui, também, a autora apresenta empatia em três componentes, com a diferença de que estes aparentam ter um caráter mais comportamentalista, sendo examinados mais de perto.</p> <p>O primeiro dos componentes a serem explicitados é o de “Prestar atenção” (p. 24), no qual estão inclusos comportamentos como olhar diretamente para a outra pessoa; manter-se em uma postura específica; acenar com a cabeça ou breves vocalizações após a pessoa falar de algo importante. Além disso, deve-se também ficar atento às mensagens não-verbais, como: comportamento corporal, expressões faciais, relação entre voz e o comportamento, respostas autonômicas observáveis e aparência em geral.</p> <p>O segundo componente “Ouvir sensivelmente” (p.25) diz respeito a uma escuta sem julgamentos e que permita a elaboração de relações entre “o sentimento relatado, o contexto e o significado deste contexto para a outra pessoa” (p. 25). Ademais, a autora também menciona uma das definições de empatia mais encontradas no senso comum como um comportamento que faz parte deste componente de ouvir sensivelmente: “(c) colocar-se no lugar a outra pessoa, identificando-se com os sentimentos, perspectivas e desejos desta” (p. 25). Aqui, parece interessante notar que, assim como em outros momentos, a autora parece tentar adaptar definições de empatia trazidas de outras teorias e abordagens psicológicas, de maneira a uma proposição mais comportamentalista da empatia.</p>

	<p>Dito isso, colocar-se no lugar da outra pessoa seria o mesmo que identificar-se com os sentimentos, perspectivas e desejos da outra pessoa? Isto é, ainda que, segundo Skinner, fosse impossível experienciar plenamente os sentimentos de outra pessoa, o caminho para a compreensão empática do outro estaria pautado em nossos próprios sentimentos e perspectivas.</p> <p>O terceiro componente apresentado pela autora é o “Verbalizar sensivelmente”, incluindo estratégias que “(a) tentam explicar e validar os sentimentos e perspectivas da outra pessoa, sem julgar; (b) relacionam o contexto, a perspectiva e os sentimentos da outra pessoa” (p. 25). Aqui, além de alguns exemplos de verbalizações, a autora parece enfatizar as consequências da interação empática com o outro, de maneira que a pessoa deveria se sentir “entendida, reconhecida, aceita e valorizada” (p. 25) após uma verbalização empática bem sucedida.</p> <p>Ao longo de todo artigo, a autora coloca empatia como uma habilidade de comunicação e que, considerando a natureza do artigo, pode ser avaliada e, também, ensinada. O uso de instrumentos como o SACE-V e SACE-NV parecem corroborar o entendimento de empatia como uma classe de comportamentos, uma vez que tentam abranger a empatia em comportamentos verbais e não-verbais.</p>
--	--

Tabela de análise do estudo de Silberberg et. al. (2014)

Referência	Silberberg, A., Allouch, C., Sandfort, S., Kearns, D., Karpel, H., & Slotnick, B. (2014). Desire for social contact, not empathy, may explain “rescue” behavior in rats. <i>Animal Cognition</i> , 17(3), 609–618.
Objetivo do trabalho	Avaliar os resultados obtidos do experimento de Bem-Ami Bartal et al. (2011) sobre a motivação de um rato libertar outro rato de um tubo de restrição
Sujeitos	12 ratos fêmeas (<i>Sprague-Dawley</i>) com idade de três a seis meses

Condições de habitação	Os sujeitos foram separados em pares para a habitação com acesso irrestrito à alimentação e água. Foram mantidos em um ciclo de 12 horas de luz e 12 horas de escuridão.
Aparato do experimento	<p style="text-align: center;">Aparato 1</p> 
Procedimento	<p style="text-align: center;">Experimento 1</p> <p>Doze ratos foram separados em duplas e aleatoriamente escolhidos como ratos livres ou ratos presos para todo o experimento. Após a o período de habitação, cada dupla foi colocada em um Aparato 1 de acordo com sua denominação (livre ou preso). Na Condição 1 do experimento, ambas as portas permaneciam fechadas e qualquer resposta e qualquer resposta do rato livre a um sensor, localizado dentro de sua câmara, levantava a porta que prendia o rato preso e, assim, permita que ele acessasse a câmara vazia. As sessões eram</p>

	<p>de 30 minutos e ocorriam apenas uma vez por dia, somando um total de 15 sessões da Condição 1. Na Condição 2, na qual também ocorreram 15 sessões, os contatos do rato livre com o sensor da porta abriam essa mesma porta, permitindo que o rato preso se juntasse ao rato livre. A Condição 3 é um retorno as contingências da Condição 1 e durou 27 sessões.</p> <p style="text-align: center;">Experimento 2</p> <p>Os mesmos ratos e pares do experimento anterior foram utilizados aqui. Foi adicionada uma câmera de vídeo ao Aparato 1 com o intuito de gravar as sessões. A primeira sessão seguiu as mesmas contingências da Condição 3 e também foi analisada seguindo uma pontuação elaborada para o experimento, na qual o número e duração das respostas de contato à porta por parte do rato livre, e o número de entradas e duração do rato preso na câmara foram analisadas mais minuciosamente. Em seguida, ocorreram 15 sessões nas quais as respostas do rato livre não abriam nenhuma porta, isto é, o rato preso permaneceria preso durante toda a sessão.</p>
Definição/Explicação	<p>[1] – “when individuals empathize, they vicariously feel the emotions of others, which not only promote affective communication but depending on the context and social relationships may motivate to behave pro-socially toward other conspecifics.” (p. 609)</p> <p>[1] – [“quando indivíduos empatizam, eles sentem as emoções dos outros vicariamente, o que não só promove comunicação afetiva mas dependendo do contexto e das relações sociais pode motivar para comprotar-se prosocialmente em relação a outros coespecíficos” (p. 609)]’</p>
Variáveis independentes	Motivação social; Motivação empática.
Variável dependente	Comportamento de libertar outro rato preso

Expressões relacionadas à empatia	<p>“demonstration of empathy” (p.610)</p> <p>“empathy account” (p. 611)</p> <p>“empathetic intent” (p. 617)</p>
Conclusão do estudo	<p>Em geral, os resultados apontaram para a hipótese do contato social, uma vez que a maioria dos resultados de cada condição dos experimentos realizados apontou para esse lado. Além disso, a teoria de que o comportamento de libertar outro rato ocorreria por meio de uma motivação empática só recebe indícios favoráveis nos resultados da Condição 2 (que também apresenta indícios para a teoria do contato social).</p>
Comentários	<p>Apesar de não terem enfatizado exatamente o que estariam chamando de comportamento empático, os autores em questão tomaram bastante cuidado de perícia ao olhar para as respostas do rato livre. Com a possibilidade de realizarem um segundo experimento e, assim, gravarem a sessão, o nível de detalhe da resposta do rato livre é o que permite uma interpretação mais cuidadosa do que seria empatia. Assim, apesar de a empatia relacionada a um tipo de motivação, os autores parecem apresentar uma interpretação complexa de empatia, chegando a apresentar um critério de outro autor sobre uma intenção empática, sendo este: “an actor’s rescue behavior is outcomedependent” (p. 617).</p>

Apêndice B

Tabelas de sistematização de estudos caracterizados como *teóricas*.

Tabela de análise do estudo de Diller & Boornazian (2015)

Referência	Diller, J. W., & Boornazian, E. S. (2015). <i>The Bonobo and the Behaviorist: Frans de Waal's Bottom-Up Morality. The Behavior Analyst, 38(2), 293–307.</i> doi:10.1007/s40614-015-0031-8
Objetivo do trabalho	Analisar criticamente a obra “ <i>The Bonobo and the Atheist: In Search for Humanism Among the Primates</i> ” (2013) do autor Frans de Waal de uma perspectiva analítico-comportamental.
Definição/Explicação de empatia	<p>1-“empathy may work as a setting event or establishing operation. It refers to a vicarious emotional response signaled by another’s emotional cue and responses.”</p> <p>2 - “... showing altruistic behavior, self-sacrifice behavior, or helping in the presence of another person’s distress, often times is facilitated by empathy working as an establishing operation” (Peláez, 2001, p. 12, como citado em Diller & Boornazian, 2015, p. 5);</p> <p>3 - “[Empathy] develops with the increasing understanding, through learning experiences, that the emotional cues of others are relevant and contextually determined... It is crucial that empathy is understood in terms of its emotional aspect and not become equivalent to the prosocial or moral responses it is presumed to motivate, that is, to serve as a setting factor. For example, pressing the lever faster is not equivalent or the same as the rat being hungry.” (Peláez 2001,p. 12, como citado em Diller & Boornazian, 2015, p. 5);</p> <p>4 - “The capacity for empathy may be a deeply rooted, biologically based, feature of human motivation...</p> <p>5 - Even so, a biologically based empathetic capacity might be specific to particular individuals, in particular contexts of specific relationships, in different cultures, and at different stages of our lives. The role of empathy, as an establishing operation,</p>

	<p>could derive from aversive controlling histories. In this way, empathy is both biologically and contextually determined.” (Peláez 2001,p. 13, como citado em Diller & Boornazian, 2015, p. 6);</p> <p>6 - “In behavior analysis, empathy may be viewed as a state in which an organism’s behavior will be more readily reinforced by the removal of another’s distress or by engaging in altruistic behavior” (p. 7)</p> <p>“Alternatively, altruistic and empathic behavior may be mutually reinforcing, in that negative reinforcement may exist for both the person being helped and for the person helping” (p. 7)</p>
Tese tradicional	<p>A empatia é uma emoção presente tanto em animais humanos quanto em não-humanos e é a causa de comportamentos altruístas. Estes seriam mantidos pelo prazer de fazer o bem ao outro porque fazê-lo é prazeroso para si mesmo</p> <p>[“Despite downplaying the role of consequences in shaping behavior, he subsequently emphasizes the rewarding feelings associated with helping others, effectively demonstrating that ‘[d]oing good feels good” (p. 49)</p> <p>(Diller & Boornazian, 2015, p. 5)].</p>
Crítica	<p>A empatia é entendida como uma emoção que causa e origina comportamentos, adotando, assim, uma compreensão determinista e mentalista. Além disso, apesar de ser mencionado em de Waal (2013) que a empatia é um dos fatores que mantém a moralidade na sociedade, ela não parece ser afetada por contingências ontogenéticas ou sociais. Em outras palavras, a empatia do indivíduo só poderia ser afetada pelo nível filogenético de seleção.</p>
Tese alternativa	<p>Assim, como outras operações estabelecedoras, a empatia afetaria o valor do reforçador estabelecido na história de vida do indivíduo e estaria relacionada a comportamentos altruístas. Isto é, na relação com o outro, existem diferentes variáveis que podem agir como consequências mantenedoras de</p>

	<p>comportamentos caracterizados como empáticos. Para além disso, tais comportamentos podem ser treinados, uma vez que são afetados por contingências dos três níveis de seleção (i.e., filogenético, ontogenético e cultural).</p>
<p>Conclusão</p>	<p>Os autores afirmam que parte das propostas de de Waal (2013) sobre o conceito de empatia é diferente do que a análise do comportamento defende, uma vez que o biólogo propõe uma definição estrutural ao invés de uma funcional. Além disso, apesar afirmarem que a relação estabelecida por de Waal entre empatia e altruísmo existe, ela não ocorre da maneira que o biólogo defende. Ao usarem das explicações de Pelaéz (2001), fica claro que a empatia pode participar e facilitar a ocorrência de comportamentos altruístas, mas não os causar, como proposto por de Waal (2013).</p>
<p>Comentários</p>	<p>Na maior parte das definições e explicações sobre empatia apresentadas no texto, Diller & Boornazian (2015) tem por base Pelaéz (2001) segundo a qual a empatia é entendida uma operação estabelecadora. Na segunda explicação supracitada, a autora deixa ainda mais clara a diferença entre entender empatia como um estado e entendê-la como um conjunto de comportamentos pró-sociais;</p> <p>Talvez como uma maneira de fugir da tese tradicional de que comportamentos altruístas existiriam porque ajudar os outros seria reforçado positivamente porque “faz bem”, os autores apresentam a possibilidade de que outros esquemas de reforçamento possam controlar comportamentos empáticos ou altruístas.</p> <p>Ainda que comentem sobre uma possível manutenção do comportamento empático por meio de uma remoção de um estímulo aversivo de ver o outro sofrendo, a maioria das definições apresentadas pelos autores que criticam a obra de Frans de Waal (2013) trata a empatia como um estado.</p>

Tabela de análise do estudo de Haber & Carmo(2007)

Referência	Haber, G. M., & Carmo, J. S . (2007). O fantasiar como recurso na clínica comportamental infantil. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 9(1), 45-61.
Objetivo do trabalho	Comparar informações da literatura especializada sobre habilidades e conhecimentos úteis aos psicólogos e psicólogas quando utilizam o “fantasiar” como auxílio durante o processo terapêutico com crianças
Definição/Explicação	[1] – “a empatia é uma habilidade social que pode ser definida como ‘a capacidade de compreender acuradamente os pensamentos e sentimentos dos outros e de transmitir entendimento sem fazer julgamentos, de tal forma que a outra pessoa se sinta compreendida” (p. 46) [2] –“a investigação de quais variáveis estariam no controle de quaisquer comportamentos ditos empáticos, ou seja, o que leva ao desenvolvimento de relações comportamentais que são assim classificadas por apresentarem aspectos em comum. A origem do comportamento, portanto, está relacionada à interação com o meio” (p. 46)
Tese tradicional	-
Crítica	-
Tese alternativa	-
Conclusão do estudo	No que tange as habilidades e conhecimentos necessários, as informações obtidas a partir das entrevistas com as quatro participantes e as informações encontradas na literatura são coerentes entre si.
Comentários	O próprio artigo apresenta uma pequena discussão sobre diferentes definições de empatia encontradas na literatura especializada da Análise do Comportamento. Por se tratar de um artigo que tem o propósito de comparar informações da literatura com as obtidas por meio de entrevistas às psicólogas, parece fazer sentido que mais de uma definição aparecesse, isto é, tendo em vistas que as participantes tiveram formações diferentes, é possível que isso fosse visto nos resultados. Entretanto, apenas uma das participantes citou empatia como uma habilidade necessária ao profissional de psicologia que

	<p>utiliza do fantasiar e a classificou como uma habilidade terapêutica necessária em geral.</p> <p>A definição 1, transcrita diretamente do texto de Falcone (2000), coloca a empatia como uma habilidade social e, portanto, está mais de acordo a entender a empatia como uma classe de comportamentos sociais.</p> <p>Já a definição 2, embasada por Schlinger Jr. (1995), apesar de menos específica, parece compreender a empatia de maneira mais contextual e dependente do ambiente no qual o comportamento dito empático ocorre. Ainda que considere a empatia como um comportamento, Schlinger Jr. parece propor uma investigação das variáveis do ambiente sob as quais esse comportamento está sob controle.</p>
--	--

Tabela de análise do estudo de Peláez (2001)

Referência	Peláez, M. (2001). <i>Morality as a system of rule-governed behavior and empathy. Behavioral Development Bulletin, 10(1), 8–14.</i> doi:10.1037/h0100475
Objetivo do trabalho	Discutir os principais problemas de abordagens de desenvolvimento cognitivo tradicionais sobre a moralidade.
Definição/Explicação	<p>(1) - “From a behavior-analytic perspective, empathy may work as a setting event or establishing operation. It refers to a vicarious emotional response signaled by another's emotional cue and responses” (p. 12);</p> <p>[“De uma perspectiva analítico-comportamental, a empatia pode funcionar como um evento estabelecedor ou operação estabelecadora. Se refere a uma resposta emocional vicária sinalizada por respostas e dicas emocionais do outro” (p. 12)];</p> <p>(2) - “For example, feeling empathy, which works like feeling hungry or feeling thirsty, or feeling emotionally aroused, may enhance the value of reinforcers associated with behaving. Empathy is not only manifested in sympathetic behavior, but also may be manifested with behaviors denoting anger or behaviors denoting guilt in the presence of a distressed individual who is responding emotionally. In other words, empathy may increase the probabilities of altruistic behavior, but, on other occasions, may induce aggression. For example, it may appear as aggression</p>

towards an attacker, as when someone fights to defend another's rights. It may also appear as aggressive behavior towards a victim-as in the case of euthanasia. At other times, empathy may trigger self-deprecation or withdrawal from a given situation, as when a candidate for food in a prison or concentration camp may withdraw his opportunity to eat for the sake of another hungry or ill person” (p. 12);

[“Por exemplo, sentir empatia, que funciona como sentir fome ou sentir sede, ou se sentir emocionalmente excitado, pode aumentar o valor do reforçado associado com se comportar. Empatia não se manifesta somente com comportamentos simpatéticos, mas também pode ser manifestada com comportamentos denotando raiva ou comportamentos denotando culpa na presença de um indivíduo angustiado que está respondendo emocionalmente. Em outras palavras, empatia pode aumentar as probabilidades de comportamentos altruísticos, mas, em outras ocasiões, pode induzir agressão. Por exemplo, pode aparecer como agressão em direção a um atacante, no caso de quando alguém luta para defender os direitos do outro. Também pode aparecer como comportamento agressivo em direção à vítima - no caso da eutanásia. Em outros momentos, empatia pode desencadear autodepreciação ou retirada de uma certa situação, como quando um candidato para a comida em uma prisão ou campo de concentração pode retirar sua oportunidade de comer por causa de outra pessoa faminta ou doente.” (p. 12)];

(3) - “The development of empathy is multifaceted and relates to the interpretation of the emotional signals of others (i.e., social referencing). It develops with the increasing understanding, through learning experiences, that the emotional cues of others are relevant and contextually determined. Due to the difficulty in distinguishing empathy from other emotions, its role as a motivational or setting factor has been neglected in behavior analysis. It is crucial that empathy is understood in terms of its emotional aspect and not become equivalent to the prosocial or moral responses it is presumed to motivate, that is, to serve as a setting factor. For example, pressing the lever faster is not equivalent or the same as the rat being hungry” (p. 12)

[“O desenvolvimento da empatia é multifacetado e se relaciona com a interpretação de sinais emocionais de outros (i.e., referenciamento social). Se desenvolve com o aumento do entendimento, por meio de

	<p>experiências de aprendizagens, que as dicas emocionais de outros são relevantes e contextualmente determinadas. Devido à dificuldade em distinguir empatia de outras emoções, seu papel como um fator motivacional ou estabelecedor tem sido negligenciado na análise do comportamento. É crucial que a empatia seja entendida em termos de seu aspect emocional e não se torne equivalente ao respostas pró-sociais ou morais que presume motivar, ou seja, servir como um fator estabelecedor. Por exemplo, apertar a barra mais rápido não é equivalente ou o mesmo ao rato está faminto” (p. 13)];</p> <p>(4) - ”The capacity for empathy may be a deeply rooted, biologically based, feature of human motivation (Hoffinan, 1981a, 1981b). Even so, a biologically based empathic capacity might be specific to particular individuals, in particular contexts of specific relationships, in different cultures, and at different stages of our lives. The role of empathy, as an establishing operation, could derive from aversive controlling histories. In this way. empathy is both biologically and contextually determined” (p. 13)</p> <p>[“A capacidade para empatia pode ser uma característica de motivação humana profundamente enraizada e biologicamente embasada (Hoffman, 1981a, 1981b). Mesmo assim, uma capacidade biologicamente embasada pode ser específica a um indivíduo particular, em contextos particulares de relações específicas, em diferentes culturas e em difrentes estágios de nossas vidas. O papel da empatia, como uma operação estabelecadora, pode derivar de histórias de controle aversive” (p. 13)].</p>
<p>Tese tradicional</p>	<p>A autora traz à tona duas teses tradicionais: A primeira delas coloca a empatia como uma capacidade de compreensão cognitiva da perspectiva emocional do outro. Essa capacidade seria desenvolvida a partir da infância do ser humano.</p> <p>Outra tese tradicional que a autora traz é sobre a empatia ser entendida como apenas um conjunto de comportamentos que são comumente atribuídos como pró-sociais ou morais.</p>

Crítica	Tratar a empatia como uma capacidade ou um conjunto de respostas específico é negligenciar os aspectos emocionais e motivacionais da empatia.
Tese alternativa	A empatia seria uma emoção e, por assim, atuaria como uma operação estabelecadora sobre o indivíduo. Isso quer dizer que a empatia deveria elevar o valor de reforçadores que estão associados com um comportamento, independente do mesmo ser considerado pró-social ou não. Além disso, a empatia teria bases biológicas e poderia ser desenvolvida a partir de contextos específicos.
Conclusão	Apesar da autora apresentar vários fatores sobre a empatia, sua conclusão sobre o conceito é que pode estar relacionado com histórias de controle aversivo.
Comentários	<p>A autora parece ir na contramão do que é comumente apresentado como empatia pela literatura analítico-comportamental. Ainda que não sejam definições totalmente contraditórias, operação estabelecadora e comportamento são definições bem diferentes. O ponto que deve ser enfatizado é que a autora não nega que empatia possa ser entendida como comportamento, mas reitera que não deve ter suas propriedades motivacionais (i.e. propriedades de uma operação motivacional) negligenciadas.</p> <p>A autora apenas menciona que as dificuldades de diferenciar empatia de outras emoções pode ser o motivo de tal negligência, mas ela não chega a apresentar indícios de como os eventos privados ou públicos poderiam ser caracterizados como empatia.</p> <p>Ao apresentar os exemplos de empatia em contextos que, historicamente, não parecem ser entendidos como empatia, Peláez (2001) não menciona quais eventos teriam seu valor reforçador alterado e, também, quais comportamentos poderiam ser evocados ou suprimidos mediante as propriedades de uma operação motivacional.</p>

Tabela de análise referente ao estudo de Valentino, Leblanc & Sellers (2016)

Referência	Valentino, A. L., LeBlanc, L. A., & Sellers, T. P. (2016). The Benefits of Group Supervision and a Recommended Structure for Implementation. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 9(4), 320–328.
Objetivo do trabalho	Apresentar e discutir possíveis caminhos e características para que os analistas do comportamento possam otimizar a experiência de aprendizagem nas supervisões de grupo
Definição/Explicação	[1] - “Empathy can be operationally defined as a contextually appropriate response to a display of affect” (p. 322) [“Empatia pode ser operacionalmente definida como uma resposta contextualmente apropriada a uma demonstração de afeto” (p. 322)]
Tese tradicional	-
Crítica	-
Tese alternativa	Empatia é entendida como uma resposta apropriada à uma dica contextual
Conclusão do estudo	Em resumo as autoras sumarizam diferentes técnicas e atividades que podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades úteis aos analistas do comportamento, sendo empatia uma delas.
Comentários	Empatia é apresentada como uma característica desejável a um analista do comportamento e que poderia ser adquirida por meio de supervisões de grupo. Em geral as autoras definem a empatia como um comportamento que deveria estar presente no repertório dos analistas do comportamento. Também é proposto um planejamento com atividades específicas que deveriam ser capazes de facilitar o desenvolvimento da empatia nos mesmos, como por exemplo: Atividades em grupo e planejamento das atividades em grupo. A única definição que apresentam é apoiada pela referência de Schrand, Townsen, & Poulson (2009) e não chega a ser destrinchada. Apenas a apresentam com exemplos de como um supervisor poderia aprender a reagir apropriadamente ao relato de conduta de outro supervisor. Por conta dessa limitação na

	<p>descrição, parece que as autoras estão se limitando ao sentido mais comum do que consideram apropriado, uma vez que usaram apenas exemplos considerados como desejáveis socialmente. Isto é, empatia, aqui parece ser entendida como uma resposta que deveria ser apropriada ao contexto, mas, somente, este contexto for considerado benéfico para ambas as partes.</p>
--	---

Tabela de análise referente ao estudo de Taylor, LeBlanc e Nosik (2018).

Referência	Taylor, B. A., LeBlanc, L. A., & Nosik, M. R. (2018). Compassionate Care in Behavior Analytic Treatment: Can Outcomes be Enhanced by Attending to Relationships with Caregivers? Behavior Analysis in Practice.
Objetivo do trabalho	Apresentar uma visão geral de algumas habilidades terapêuticas que deveriam compor o repertório todo analista do comportamento atuante.
Definição/Explicação	[1] – “empathy is the act of being in touch with another’s personal experience by relating it to one’s own.” (p. 655) [empatia é o ato de entrar em contato com a experiência pessoal do outro por relacioná-la a sua própria experiência” (p. 655)]
Tese tradicional	Empatia como um constructo composto de dois elementos, um cognitivo e um afetivo.
Crítica	-
Tese alternativa	Empatia como uma classe de respostas que engloba reconhecimento dos sentimentos do outro, verbalizações desse reconhecimento e, até mesmo, “se permitir” sentir o que o outro está sentindo.
Conclusão	No que se refere à empatia e compaixão, os analistas do comportamento que participaram da pesquisa consideraram que são quesitos importantíssimos para uma prática na análise do comportamento. Entre os benefícios relacionados aos comportamentos mencionados, estão: aderência ao tratamento, satisfação do cliente e bem-estar do terapeuta.
Comentários	O texto em questão parece tratar a empatia como um comportamento bastante relacionado ao conceito de tomada de perspectiva na RFT. Também fazem questão de separar empatia de compaixão sistematicamente, uma vez que a segunda é tratada como um passo adiante no que se refere a um acolhimento. Apesar de citarem muito o termo, apresentam apenas uma definição do que seria empatia, focando mesmo em discutir a tomada de perspectiva. É curioso que mesmo considerando tantos bons resultados, ainda não seja um conceito claro para os atuantes. Não apresentam algum esquema que vise descrever as contingências que participariam do comportamento de empatia.

Tabela de análise referente ao estudo de Fletcher, Schoendorff & Hayes (2010).

Referência	Fletcher, L. B., Schoendorff, B., & Hayes, S. C. (2010). <i>Searching for Mindfulness in the Brain: A Process-</i>
-------------------	--

	<i>Oriented Approach to Examining the Neural Correlates of Mindfulness. Mindfulness, 1(1), 41–63. doi:10.1007/s12671-010-0006-5</i>
Objetivo do trabalho	Apresentar uma definição de <i>mindfulness</i> baseada em quatro processos psicológicos bem conhecidos.
Definição/Explicação	[1] – “empathy is a verbally mediated and trainable behavior” (p. 55); [“empatia é um comportamento verbalmente mediado e treinado” (p. 55)].
Tese tradicional	A empatia seria a capacidade de se colocar na posição do outro e experienciar o que imagina que o outro está sentindo. Em outros modelos ‘neurocientíficos’ apresentados, imaginar ou observar uma pessoa em um estado emocional específico seria o suficiente para que o observador ou imaginador apresentasse as mesmas respostas daquele estado específico [“imagining another person in a particular emotional state activates a representation of that state in the observer and its associated autonomic and somatic responses” (p. 55)
Crítica	Tais teses tradicionais das neurociências teriam suas definições em empatia baseadas na identificação de sentimentos subjetivos ao invés de processos objetivos. Com esse embasamento, torna-se mais difícil (quase impossível) de uma medição apropriada do conceito de empatia.
Tese alternativa	Empatia seria um comportamento verbal relacionado à tomada de perspectiva do indivíduo.
Conclusão	Apesar do artigo não ser direcionado apenas para o estudo da empatia, os autores sugerem que mais estudos das neurociências busquem compreender a empatia a partir de processos observáveis
Comentários	Em diferentes momentos do texto, os autores buscam separar como os processos psicológicos são comumente descritos na literatura das neurociências. Nesse caminho, a empatia é colocada, então, como um comportamento que requer mediação verbal e que, portanto, pode ser treinado. Ao mesmo tempo que esse distanciamento da empatia como um sentimento subjetivo para um comportamento treinável acontece, os autores não

	descartam a possibilidade estudos das áreas neurais possam contribuir para o entendimento de empatia.
--	---

Tabela de análise do estudo de Zamignani & Meyer. (2011).

Referência	Zamignani, D., & Meyer, S. B. (2011). Comportamentos verbais do terapeuta no Sistema Multidimensional para a Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica*(SiMCCIT). <i>Perspectivas em análise do comportamento</i> , 2(1), 25-45.
Objetivo do trabalho	“a apresentação de parte do Sistema Multidimensional para a Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica (SiMCCIT) e da avaliação da concordância entre observadores ao utilizá-lo” (p. 25)
Definição/Explicação	[1] - <div style="background-color: #f0f0f0; padding: 10px;"> <p>Terapeuta demonstra empatia (EMPATIA)</p> <p>Verbalizações do terapeuta que sugerem acolhimento, aceitação, cuidado, entendimento, validação da experiência ou sentimento do cliente. Diferentemente da categoria Aprovação, que se refere a uma avaliação sobre ações ou características específicas do cliente, a Empatia tem um caráter inespecífico, informando essencialmente que o cliente é aceito, “bem-vindo”, sem implicar avaliação ou julgamento. Essa classe de verbalizações tem sido associada tipicamente à criação de um ambiente terapêutico amistoso, seguro e não punitivo, para que o cliente se sinta à vontade para verbalizar eventos que, em outros contextos, poderiam ser alvo de punição.</p> </div> <p>(p. 32).</p>
Tese tradicional	-
Crítica	-
Tese alternativa	Empatia como uma categoria de comportamentos verbais que seria necessária a um bom terapeuta

Conclusão	A categoria de respostas verbais do terapeuta de Empatia, bem como as categorias de Facilitação e Aprovação, contém comportamentos que estariam relacionados ao bom estabelecimento da relação terapêutica.
Comentários	<p>Ainda que seja apenas uma definição encontrada, a descrição dos comportamentos esperados e, também, das possíveis consequências de tais respostas. Aqui, vale mencionar a ênfase que os autores ao apontarem o caráter inespecífico da categoria de Empatia, visto que o objetivo seria proporcionar um ambiente diferente do qual o cliente estaria exposto fora da terapia. Dessa forma, as definições de empatia que a colocavam apenas como o reconhecimento das dicas contextuais que precediam um comportamento compassivo parecem se diferenciar da definição de Zamignani & Meyer (2011).</p> <p>O caráter inespecífico da empatia apresentada por Zamignani & Meyer (2011) também abre alas para uma discussão sobre os sentimentos que serão validados. Diferente de artigos que apresentaram apenas o sofrimento do outro como possível antecedente para o comportamento empático, aqui, ela passa a ser descrita como uma resposta relacionada à diferentes antecedentes. Tal afirmação parece concordar com Peláez (2001) que, ao falar sobre a empatia como uma emoção, descreve-a como alteradora de reforçadores em contextos nos quais nenhum dos dois indivíduos exibem respostas emocionais relacionadas à tristeza.</p>

Tabela de análise do estudo de Fogaça et al. (2019).

Referência	Fogaça, F. F. S., Tatmatsu, D., Comodo, C. N., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2019). O desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência como ápice comportamental. <i>Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva</i> , 21(2), 217-231
Objetivo do trabalho	“apresenta uma discussão teórica sobre Habilidades Sociais na adolescência a partir do conceito de ápice comportamental” (p. 217)
Definição/Explicação	[1] - “A habilidade de Empatia é evidenciada por comportamentos como compartilhar emoções, colocar-se no lugar dos outros, ouvir sem julgar, respeitar

	e aceitar pontos de vista muito diferentes, perdoar ofensas, confortar e agir de forma altruísta” (p. 219).
Tese tradicional	-
Crítica	-
Tese alternativa	A empatia seria uma habilidade social
Conclusão	Em geral, a empatia aparece como uma das habilidades mais relevantes na promoção de comportamentos competidores com comportamentos inadequados.
Comentários	A definição de empatia encontrada no texto é apenas uma descrição de comportamentos que, muitas vezes, são encontrados no senso comum. De toda forma, os autores compreender a empatia como uma habilidade social e, portanto, um comportamento ensinável e almejável.

Tabela de análise do estudo de Montoya-Rodriguez et al. (2016).

Referência	Montoya-Rodriguez, M., Molina, F., & McHugh, L. (2016). A review of relational frame theory research into deictic relational responding. <i>Psychological Record</i> , 67(4), 569-579.
Objetivo do trabalho	Analisar as contribuições feitas pela relações dêiticas para a tomada de perspectiva em crianças e adultos de desenvolvimento típico e atípico.
Definição/Explicação	[1] – “For example, the RFT literature suggests that empathy is the transformation of emotional functions across deictic relations” (p. 577) [“Por exemplo, a literature de RFT sugere que empatia é a transformação de funções emocionais por meio das relações dêiticas” (p. 577)
Tese tradicional	Empatia seria um fenômeno de natureza cognitiva, tradicionalmente abordada pela Teoria da Mente
Crítica	A compreensão da empatia como um constructo cognitivo como proposto pela Teoria da Mente não seria capaz de explica-la de maneira satisfatória, limitando-se a uma descrição do fenômeno.

Tese alternativa	A empatia seria uma transformação de funções que aconteceria entre as relações dêiticas.
Conclusão	Apesar dos indícios encontrados na literatura, os autores apontam que faltam evidências da efetividade do treino de transformação de funções emocionais por meio das relações dêiticas.
Comentários	<p>Para a RFT, existe um outro tipo de operante que diz respeito ao responder relacional. Nesse tipo de operante, seria possível que indivíduos fizessem novas relações entre estímulos mesmo sem um treino direto e, também, mesmo sem que tais estímulos compartilhem de propriedades físicas. Partindo de um exemplo de relações que utilizam das molduras “MAIOR” e “MENOR”, tem-se que um indivíduo aprende por meio de treino direto que um carro é “MAIOR” que uma moto. Em outro treino, é dito que um caminhão é “MAIOR” que um carro. É, então, esperado que o indivíduo possa fazer a relação de que o caminho é “MAIOR” que a moto. Além de molduras como “MAIOR” ou “MENOR” a literatura da RFT também prevê as chamadas relações dêiticas. Aqui, as molduras notadas seriam “EU”, “AQUI”, “AGORA”, “ALI”, “ANTES”, etc. Dessa forma as molduras das relações dêiticas estão ligadas a diferentes noções de perspectiva exigidas do indivíduo. Por exemplo, em uma situação na qual dois indivíduos estão sentados de frente para o outro (um no divã e outro em uma cadeira de escritório) e um deles pergunta: “Onde eu estou sentado?” para o outro. A palavra “EU” representa uma moldura onde o indivíduo que irá responder a pergunta deve abstrair da sua perspectiva (das relações que geralmente estão presentes quando o estímulo “EU” controla seu comportamento) para tentar olhar pela perspectiva do outro.</p> <p>Dessa forma, a definição trazida pelos autores parece colocar a empatia como essa transformação da função dos estímulos que, no caso, estariam relacionados às emoções do indivíduo. Não fica claro, porém quais seriam as emoções envolvidas ou, até mesmo, algum exemplo de como essa transformação de funções</p>

	ocorreria. Além disso, os autores mesmo apontam que não existem evidências da efetividade de um treino de transformação de funções emocionais por meio das relações dêiticas.
--	---

Tabela de análise do estudo de Kanamota et al. (2019).

Referência	Kanamota, P. F. de C., Oliveira, A. C. F., Morais, W. L. da S., Zamignani, D. R., de Almeida, R. B. M., Ramos, A. C., Pantet, A., de Oliveira, A. D., de Andrade, L. M., Hayamizu, N., & Rodrigues, B. D. (2019). O conceito de responsividade na Terapia Analítico Comportamental e suas implicações para a pesquisa de processo resultado. <i>Perspectivas Em Análise Do Comportamento</i> , 10(1), 114-128.
Objetivo do trabalho	“conceituar o termo responsividade com base na visão analítico-comportamental e apresentar alguns aspectos relevantes para a sua consideração na produção de pesquisas no contexto clínico” (p. 114).
Definição/Explicação	[1] – “Destá forma, mais do que a es-colha da habilidade a ser usada (empatia, reco-mendação, interpretação, etc)” (p. 119); [2] – “Quando o terapeuta age de maneira respon-siva, as estratégias e habilidades terapêuticas que utiliza (empatia, solicitação de reflexão, re- comendação, interpretação...)” (p. 119).
Tese tradicional	-
Crítica	-
Tese alternativa	Empatia como uma habilidade terapêutica útil na responsividade com o cliente.
Conclusão	Acredito que um trecho retirado diretamente do texto ilustra bem a conclusão do artigo: “Para a Análise do Comportamento, além da empatia, as respostas do terapeuta precisam estar em harmonia com a análise molar do caso para que de fato a relação seja responsiva e as respostas do cliente sejam conseqüenciadas de forma a se observar futuramente um efeito, quer seja no vínculo terapêutico de confiança mútua, quer seja nos relatos de meta e melhora.” (p. 119).

Comentários	O presente estudo utilizou-se da definição de empatia como uma categoria de comportamentos verbais do terapeuta, tendo como base o SiMCCIT (Zamignani & Meyer, 2011). Para além disso, apresentou a empatia brevemente e, apenas, como uma habilidade terapêutica.
--------------------	--

Tabela de análise do estudo de Slim & Reuter-Yuill (2021)

Referência	Slim, L., & Reuter-Yuill, L. M. (2021). A behavior-analytic perspective on interprofessional collaboration. <i>Behavior Analysis in Practice, 14</i> , 1238-1248.
Objetivo do trabalho	elucidar o movimento maior em direção à prestação de serviços colaborativos com ênfase no interprofissionalismo.
Definição/Explicação	<p>[1] –“consists of reflecting on one’s own experiences that may elicit similar emotional responses” (p. 1244)</p> <p>[“consiste em refletir em suas próprias experiências que pode elicitar respostas emocionais similares”];</p> <p>[2] – “The clinician’s statement may be a member of a functional response class maintained by negative reinforcement (i.e., the attenuation or removal of others’ collateral behaviors associated with suffering) or positive reinforcement (i.e., a socially mediated response by the parent such as ‘Thank you for understanding’)” (p. 1244).</p> <p>[“A afirmação do clínico pode ser parte de uma classe de respostas funcional mantida por reforçamento negativo (i.e., a atenuação ou remoção de comportamentos colaterais do outro associados com sofrimento) ou reforçamento positivo (i.e., uma resposta socialmente mediada pelo pai como um “obrigado por entender”)] (p.1244).</p>
Tese tradicional	Empatia como um constructo.

Crítica	Entender a empatia como um constructo não permite que analistas do comportamento se utilizem de literaturas que versam sobre esse conceito.
Tese alternativa	[T1] - Empatia como um comportamento no sentido de uma reflexão por parte do terapeuta. [T2] – Empatia como um comportamento verbal e apresentado para o cliente em resposta às expressões faciais e corporais reconhecidas e/ou vocalizações do próprio cliente.
Conclusão	-
Comentários	As definições apresentadas parecem estar limitadas a uma empatia por parte do terapeuta em relação ao seu cliente. Entretanto, fica claro que entendem empatia como um comportamento, chegando a especificar algumas possíveis funções deste. Outro ponto que vale a pena ser mencionado é a diferenciação entre empatia e compaixão, uma vez que as autoras enfatizam que a compaixão seria uma ação em direção ao cliente. A afirmação de “eu entendo como está se sentindo” seria uma vocalização de empatia, enquanto que “trabalharemos em conjunto para resolver a questão” seria um ato de compaixão para com o cliente. Talvez seja mais benéfico tentarmos operacionalizar o conceito para utiliza-lo na literatura analítica-comportamental.

Tabela de análise do estudo de Catagnus et al (2021)

Referência	Catagnus, R.M., Griffith, A.K. & Umphrey, B.J. (2021). Anger, Fear, and Sadness: How Emotions Could Help Us End a Pandemic of Racism. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 14(2), 1-12.
Objetivo do trabalho	“understand the current experience and perception of practitioners in the field of behavior analysis, as they relate to emotion and racism” (p.1);

	<p>[“ Entender a experiência e percepção atual de praticantes no campo da análise do comportamento, no que se refere a emoção e racismo” (p.1)].</p>
Definição/Explicação	<p>[1] – “empathy is contacting the context and consequences that others may face and having that influence how one behaves toward others. It also requires active perspective taking and a desire to alleviate suffering” (p. 8)</p> <p>[“empatia é o contato com o contexto e consequências que outros podem enfrentar e ter essa influência na maneira em que se comporta com os outros. Também requer uma tomada de perspectiva ativa e um desejo de aliviar sofrimento” (p. 8)]</p> <p>[2] – “Empathy, which is different from sympathy or pity, is closely related to the affective experience of emotion. However, empathy includes more than just ‘feeling what others feel.’” (p. 8)</p> <p>[“empatia, que é diferente de simpatia ou pena, está fortemente relacionada à experiência afetiva da emoção. Entretanto, empatia inclui mais do que simplesmente ‘sentir o que os outros sentem’”. (p.8)].</p>
Tese tradicional	-
Crítica	-
Tese alternativa	-
Conclusão	<p>Parecem entender a empatia mais como uma emoção, uma vez que “entrar em contato” com o contexto parece sugerir que respostas emocionais do sujeito são esperadas e não, necessariamente, comportamentos.</p>
Comentários	<p>O artigo em questão utilizou-se de um questionário direcionado a praticantes da análise do comportamento para levantar opiniões e discussões sobre racismo e emoções. Após isso, foi feita uma discussão teórica entre os resultados do questionário e a literatura analítico-comportamental sobre os conceitos em questão.</p> <p>A definição [1] apresentada é retirada de outro texto que não foi recuperado nessa pesquisa. [Catagnus, R. M., & Rock, D. R.</p>

	<p>(2020). Perspective taking: The neuro- science of better workplace relationships. <i>NeuroLeadership Journal</i>, 9(2)].</p> <p>Tal entendimento parece se confirmar na segunda definição encontrada, já que os autores relacionam empatia à outras emoções e, apesar de pontuarem que é mais do que sentir, não apresentam comportamentos esperados e/ou similares.</p> <p>Eles até mencionam a empatia como comportamento, mas toda descrição e conceituação parece apontá-la como uma emoção.</p>
--	---

Tabela de análise do estudo de Rohrer et al (2021)

Referência	<p>Rohrer, J.L., Marshall, K.B., Suzio, C., & Weiss, M. J. (2021). Soft skills: the case for compassionate approaches or how behavior analysis keeps finding its heart. <i>Behavior Analysis in Practice</i>, 14, 1135–1143.</p>
Objetivo do trabalho	<p>“discusses the benefits of empathic and collaborative approaches in fields related to behavior analysis and provides suggestions for current behavior analysts to incorporate compassionate care into their practices” (p. 1135);</p> <p>[“discute os benefícios de abordagens empáticas e colaborativas nos campos relacionados à análise do comportamento e ofereceu sugestões aos atuais analistas do comportamento para incorporarem cuidado compassivo em suas práticas” (p. 1135)].</p>
Definição/Explicação	<p>[1] – “Empathy is related to perspective taking, whereas compassion “takes empathy a step further” and ‘converts empathy into an act aimed at the alleviation of suffering” (p. 1136);</p> <p>[“Empatia é relacionada à tomada de perspectiva, enquanto a compaixão leva a empatia um passo adiante” (p. 1136);</p> <p>[2] – “For example, if a patient said they were nervous about a procedure, the physician may recognize how they are feeling (empathy).” (p. 1136);</p>

	["Por exemplo, se um paciente disse que estava nervoso sobre um procedimento, o médico pode reconhecer como eles estão se sentindo (empatia)" (p. 1136)]
Tese tradicional	Empatia como um constructo
Crítica	Não descreve ou diferencia os componentes da empatia de maneira que possam ser traduzidos em comportamentos.
Tese alternativa	Empatia como habilidade necessária do repertório de um psicólogo clínico.
Conclusão	Os autores sugerem que uma operacionalização das habilidades mencionadas (empatia e cuidado compassivo) seja feita.
Comentários	O artigo coloca a empatia como um comportamento preliminar ao cuidado compassivo. Entretanto, não fazem uma descrição específica de antecedentes, respostas e consequências da empatia. Assim, entende-se que a empatia deveria ser um antecedente ao comportamento de cuidado compassivo. Assemelha-se, então como uma emoção.

Tabela de análise do estudo de Marques & Almeida (2021)

Referência	Marques, N.S., de Almeida, J.A.T. (2021). Brazilian Presidential Pronouncements in the Pandemic: Effectiveness in Crisis Communication and Rule Properties. <i>Behavior and Social Issues</i> , 30, 428–44.
Objetivo do trabalho	“to analyze the official statements of the president of the Federative Republic of Brazil, Jair Bolsonaro, during the COVID-19 pandemic in regard to efficacy of rules and the crisis communication” (p. 431); [“analisar os pronunciamentos oficiais do República Federativa do Brasil, Jair Bolsonaro, durante a pandemia do COVID-19 em relação à eficácia de regras e comunicação de crise” (p. 431)].
Definição/Explicação	[1] – “Excerpts that acknowledged what people are feeling” (p. 433); [“Trechos que reconheceram o que as pessoas estão sentindo”] (p. 433);

	<p>[2] – “In the category ‘expression of empathy,’ the excerpts referred to the following subjects: preservation of lives, preservation of jobs, solidarity regarding mourning families, and solidarity regarding health providers and/or other active workers” (p. 435);</p> <p>[“Na categoria ‘expressão de empatia’, os trechos se referiram aos seguintes assuntos: preservação de vidas, preservação de trabalhos, solidariedade em relação às famílias enlutadas, e solidariedade em relação aos servidores de saúde e/ou outros trabalhadores ativos”] (p. 435).</p>
Tese tradicional	-
Crítica	-
Tese alternativa	A empatia é apresentada como um comportamento, mais especificamente, respostas verbais.
Conclusão	A categoria de empatia foi quase que inexistente e, quando aconteceu, só estava relacionada aos empregos e oportunidades perdidas.
Comentários	O estudo em questão apresenta a empatia como uma categoria de respostas verbais. Por se tratar de uma pesquisa que analisou pronunciamentos oficiais do presidente do Brasil, eles, a definição [2] parece apontar para uma boa operacionalização do que estariam chamando de empatia. Apesar dessa categorização de respostas, os autores utilizam o termo “expressar” para se referir à empatia, ao falarem sobre o sentimento que o presidente não conseguiu passar por meio de seus pronunciamentos. Dito isso, parece uma definição um insuficiente, uma vez que se tratava de uma das questões principais do trabalho em questão.

Apêndice C

Tabelas de sistematização de estudos caracterizados como *aplicadas*.

Tabela referente à análise do estudo de Schrandt et. al. (2009)

Referência	Schrandt, J. A., Townsend, D. B., & Poulson, C. L. (2009). Teaching empathy skills to children with autism. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 42(1), 17–32
Objetivo do trabalho	<p>“ the purpose of the present study was to assess the extent to which a treatment package consisting of the presentation of affective discriminative stimulus compounds, prompt delay, modeling through auditory scripts, manual prompts, behavioral rehearsals, and reinforcement was effective in teaching empathy skills in a pretend-play setting to children with autisms” (p. 18)</p> <p>[“o propósito do estudo presente foi avaliar a extensão à qual o pacote de tratamento consistindo na apresentação de compostos de estímulos discriminativos afetivos, <i>prompt delay</i>, modelagem por roteiros auditivos, <i>prompts</i> manuais, ensaios comportamentais e reforçamento foi efetivo no ensino de habilidades empáticas em um ambiente imaginário para crianças com autismo” (p. 18).</p>
Participantes	Quatro crianças diagnosticadas com TEA.
Delineamento de pesquisa utilizado	Linha de base múltipla entre participantes. Uma segunda linha de base múltipla foi utilizada para avaliar a efetividade do pacote em ensinar entre três categorias de respostas (tristeza ou dor, felicidade ou excitação e frustração).
Procedimento	<p>No primeiro momento, houve a apresentação de vinhetas nas quais o instrutor simulava três diferentes categorias de respostas (i.e., tristeza ou dor, felicidade ou excitação e frustração) com uma boneca ou um fantoche (e.g., falar “Ai” e bater a perna na mesa; falar “Não me sinto bem” e sentar-se; falar “Machuquei meu cotovelo” e tocar o cotovelo).</p> <p>Foram ensinadas, uma resposta motora e três diferentes respostas vocais para cada uma das categorias.</p>

Uma tentativa tinha início quando o instrutor apresentasse a vinheta com uma boneca ou fantoche. A consequência era entregue pelo *prompter* após determinado intervalo de tempo. Antes de cada sessão os participantes escolhiam um conjunto de lanches e atividades pelas quais poderiam trocar após juntarem dez fichas durante a sessão.

Table 1
Training and Probe Discriminative Stimuli and Training Responses for the Sadness or Pain Category

Discriminative stimuli	Responses
Training	
"Ouch!" and bumping leg on table	"Are you okay?" and patting arm
"I don't feel good" and sitting down	"Are you alright?" and patting arm
"I hurt my elbow" and touching elbow	"It's okay" and patting arm
"My stomach hurts" and rubbing stomach	
"Oww!" and falling down	
"I'm so upset" and sniffing or crying	
"I burned my hand!" and grabbing toast and dropping it	
Generalization	
"Oh no!" and wiping eyes with tissue	
"I cut my finger!" and cutting with scissors	
"I have a headache" and holding forehead	

Linha de base

Uma ficha era dada ao participante por sentar direito e prestar atenção à vinheta. Outras fichas eram dadas de maneira aleatória entre as tentativas. Repostas corretas eram seguidas de um agradecimento por parte do instrutor, enquanto, para as repostas não corretas, não era dado um feedback.

Fase de intervenção

Consistiam em 30 tentativas nas quais vinhetas de diferentes categorias eram apresentadas de maneira aleatória. Conforme as repostas do participante, o intervalo de tempo entre a apresentação da vinheta e o limite para que o participante apresentasse a resposta correta aumentava ou diminuía.

Ainda na fase de intervenção, ocorreram duas etapas relacionadas à generalização do comportamento. Em uma delas, os *prompters* algumas tentativas assumiam o caráter da fase de linha de base (i.e., após repostas corretas dos participantes, os *prompters* apenas falavam "Obrigado" e, nas tentativas incorretas, não falavam nada). A outra etapa envolvia uma sessão

	semanal nas salas de aulas, na qual ocorriam sete tentativas para cada categoria, mas, dessa vez, deveriam ocorrer frente a demonstração do professor e, este, seguia os procedimentos da linha de base supracitados.
Instrumento de análise/Escala	
Variáveis independentes	Pacote de tratamento com múltiplas intervenções.
Variável dependente	Respostas empáticas.
Definição/Explicação do conceito	[1] – “Empathy was operationally defined as a contextually appropriate response to a display of affect by a doll, puppet, or person that contained motor and vocal components (in any order) and began within 3 s of the end of the display” (p. 20) [“Empatia foi operacionalmente definida como uma resposta contextualmente apropriada para demonstração de afeto por uma boneca, fantoche, ou pessoa que continha componentes vocais e motores (em qualquer ordem) e que começasse entre até 3 segundos depois do fim da demonstração)
Expressões relacionadas à empatia	“empathic and perspective-taking” (p. 17); “empathetic responding” (p. 18); “empathy skills” (p. 18); “empathy responses” (p. 19).
Resultados/Conclusão do estudo	O responder empático aumentou consideravelmente com a introdução do tratamento na categoria de tristeza ou dor para todos os participantes. A generalização do comportamento frente à boneca ou o fantoche também ocorreu para duas pessoas (professores) que participavam do estudo na etapa em um ambiente sem intervenção (i.e., “non-training”).
Comentários	Por se tratar de um estudo aplicado, o artigo em questão apresenta apenas a definição de empatia na operacionalização da resposta que deveria ser medida. Dessa forma, ao longo de todo o texto, não existem menções sobre a empatia como uma emoção, sendo, esta, apenas tratada como uma resposta compreendida na tríplice contingência. As autoras também mencionam a empatia como uma habilidade relevante para crianças com TEA por

	<p>fortalecer suas habilidades de se engajarem em outros comportamentos pró-sociais importantes.</p> <p>Parece importante destacar que a divisão em três categorias também sinaliza a empatia como uma habilidade necessária a ambientes inespecíficos e, apesar de não mencionarem exemplos específicos.</p>
--	---

Tabela de análise do estudo de Blell et al (2010)

Referência	Blell, D. Z., Alai-Rosales, & S., Rosales-Ruiz. (2010). The effects of a supportive communication training workshop on the verbal behavior of behavior analysts. <i>Behavior and Social Issues</i> , 19, 144-166.
Objetivo do trabalho	<p>“effectiveness of a workshop designed to train behavior analysts to use supportive verbal behavior during distressing situations” (p. 1);</p> <p>[“Avaliar a efetividade de uma oficina desenhada para treinar analistas do comportamento a usar comportamento verbal de apoio em situações de estresse” (p. 144)].</p>
Participantes	Quatro estudantes mulheres entre a idade de 20 e 33 anos que se voluntariaram para participar do estudo.
Delineamento de pesquisa utilizado	Avaliações pré e pós-tratamento.
Procedimento	<p>De maneira geral, o comportamento de apoio/suporte das participantes foi avaliado de três maneiras: comportamentos verbais; comportamentos não-verbais; comportamentos verbais escritos. Além disso, também foi avaliado em relação a uma hierarquia de comportamentos de suporte/apoio que continha três categorias (e.g., estratégias de suporte máximas, estratégias de suporte mínimas e nenhuma estratégia de suporte).</p> <p><i>Avaliações pré-treino</i></p> <p>Tanto para o comportamento verbal escrito quanto o vocal, as participantes deveriam imaginar cenários hipotéticos (preparados pelos autores do artigo) nos quais uma pessoa que lhe fosse importante passava por uma situação emocionalmente estressante.</p>

	<p>Após isso, elas deveriam escrever/falar como se estivessem frente à situação e de maneira a confortar a pessoa.</p> <p>Respostas corretas ou incorretas não eram seguidas de nenhum feedback por parte dos treinadores.</p> <p><i>Oficina de treino</i></p> <p>A oficina ocorreu individualmente para cada participante durou uma média de 3 horas cada. Nela, roteiros da oficina foram entregues e lidos e, após isso, o treinador apresentou os objetivos do treinamento e cada nível da hierarquia de afirmações de comunicação de suporte/apoio. Segue uma tabela retirada diretamente do artigo que resume o treinamento:</p>
--	--

Training Workshop	
Step 1: Pre-requisite behaviors	Identifying common emotional distress cues. Overview of common distress cues described & illustrated. Participants used picture examples to practice identifying cues. Pairing certain cues with their generally correlated emotion was described and praised. Incorrect answers discussed and correct pairing was described and praised.
Step 2: Assessing the situation	Brief lecture on guidelines for assessing situations using clarifying & open-ended questions. Participants given examples of how to ask & proceed if the individual wanted to talk about the incident or not. Examples were given & rationales described.
Step 3: Description statements	Brief lecture on definition, guidelines, rationale, & examples. Skill involved verbalizing the distressing incident & individual's feelings. Participants practiced generating description statements with trainer after viewing video clips of distressed individuals. Correct answers were described and praised, incorrect answers were corrected.
Step 4: Empathy statements	Brief lecture on definition, guidelines, rationale, & examples. Participants practiced generating empathy statements with trainer after reading scenarios involving an individual in a distressing situation. Correct answers were described and praised, incorrect answers were corrected.
Step 5: Hopeful statements	Brief lecture on definition, guidelines, rationale, & examples. After reading scenarios of individuals in distressing situations, participants practiced generating hopeful statements with trainer by thinking and describing similar personal experiences and their benefits. Correct answers were described and praised, incorrect answers were corrected.
Step 6: Non-verbal behaviors	Definitions, guidelines, rationale and examples given for eye contact, close proximity, body orientation, forward lean, and touch. Rationales were adapted from IFRC training manual.
Step 7: What to expect	Overview of behaviors one may receive from distressed persons when using target behaviors. Instructed not to expect anything specific from any distressed individual.

Pós-treino

Condições similares às de Pré-treinamento, com diferenças apenas nos ambientes físicos em que aconteceram e respostas corretas eram descritas e louvadas.

Instrumento de análise/Escala	Para medir os comportamentos verbais, foi utilizada uma versão adaptada do “ <i>Applegate’s nine-point coding system</i> ”.
Variáveis independentes	Uma oficina desenhada para treinar o comportamento verbal de apoio/suporte de analistas do comportamento.
Variável dependente	O comportamento verbal de apoio/suporte das participantes.

Definição/Explicação do conceito	<p>[1] – “In general, supportive communication refers to verbal behaviors such as describing the discomfort an individual is experiencing (e.g., ‘It must be heartbreaking to hear your child has been diagnosed with autism’), or empathizing with the individual (e.g., ‘I know how hard it is to accept your child has been diagnosed with autism; I still remember how crushed I felt when I learned my son’s diagnosis’)” (p. 145).</p> <p>[“Em geral, comunicação de apoio se refere a comportamentos verbais como descrever o desconforto que um indivíduo está experienciando (e.g., ‘Deve ser devastador escutar que sua criança foi diagnosticada com autismo’), ou empatizando com o indivíduo (e.g., ‘Eu sei o quão difícil é aceitar que sua criança foi diagnosticada com autismo; Eu ainda me lembro quão fragilizado me senti quando descobri o diagnóstico do meu filho’)” (p. 145)].</p>
Expressões relacionadas à empatia	<p>“empathetic statements” (p. 146); “empathy responses” (p. 148); “empathizing with the individual” (p. 145)</p>
Resultados/Conclusão do estudo	<p>Todas as participantes aumentaram seus níveis de comunicação de apoio/suporte para o nível de ‘estratégias máximas de suporte’ tanto nos resultados referentes aos comportamentos verbais vocais quanto nos verbais escritos.</p>
Comentários	<p>Apesar de apresentarem uma definição de empatia como um comportamento verbal que estaria relacionado à comportamentos verbais de suporte/apoio. Seria importante que algumas definições aparecessem registradas também no artigo, uma vez que as explicações sobre os comportamentos que foram ensinados não estavam apresentadas aos leitores.</p> <p>De toda forma, a empatia parece ser mais uma vez compreendida como uma habilidade necessária aos terapeutas e, apesar das diferenças registradas na história de vida de cada participante, os resultados indicam grande mudança no comportamento empático após realização da oficina.</p>

Tabela de análise do estudo de Verschuur et. al. (2015)

Referência	Verschuur, R., Huskens, B., & Didden, R. (2019). <i>Effectiveness of Parent Education in Pivotal Response Treatment on Pivotal and Collateral Responses. Journal of Autism and Developmental Disorders, 49(9), 3477-3493.</i>
Objetivo do trabalho	<p>“the objective of the present study was to investigate the effectiveness of parent education in PRT on parent-created opportunities and child initiations in two community-based treatment facilities for children with ASD in the Netherlands” (p. 3479).</p> <p>[“o objetivo do presente estudo foi investigar a efetividade da educação de pais no PRT nas oportunidades criadas pelos pais e nas iniciações da criança em duas instalações de tratamento baseado em comunidades para crianças com TEA na Holanda” (p. 3479)].</p>
Participantes	Pais de crianças diagnosticadas com TEA.
Delineamento de pesquisa utilizado	Dois estudos de caso único: o primeiro avaliou a efetividade de um programa de educação de pais em grupo; o segundo investigou a efetividade da educação individual de pais.
Procedimento	<p style="text-align: center;">Estudo 1</p> <p>Foi utilizada uma linha de base múltipla entre quatro grupos dos participantes. Os três primeiros grupos tiveram seus participantes distribuídos entre si aleatoriamente e a linha de base foi iniciada concomitantemente. Para o quarto grupo, os participantes não foram distribuídos aleatoriamente e a linha de base foi iniciada após a terceira semana de intervenção para os outros grupos.</p> <p><i>Participantes:</i> 13 pais de crianças diagnosticadas com TEA</p> <p><i>Linha de base:</i> De quatro a oito sessões de dez minutos.</p>

Conduzidas em casa ou na facilidade, de maneira que a criança deveria completar uma atividade diária e que demandasse interação. Os pais deveriam gravar as sessões de maneira que estivessem visíveis e audíveis. Nas últimas duas semanas de linha de base, os pais preencheram um questionário sobre estresse parental e autoeficácia.

Intervenção: Oito sessões de duas horas cada em grupo e duas sessões individuais de 60 minutos. As sessões foram conduzidas por dois psicólogos de crianças que trabalharam com treinamento especializado para crianças com TEA e eram certificadas no nível três de PRT. Da primeira até a quarta sessão, os pais receberam instruções nas técnicas PRT por meio de aulas, exemplos de modelo e *roleplaying*. Após cada sessão de intervenção, os pais deveriam aplicar as técnicas durante as atividades diárias e gravar um vídeo dessa aplicação. Os psicólogos treinadores do PRT deram feedback somente após a terceira sessão, seguindo um protocolo de fazer um comentário positivo caso o uso das técnicas de PRT estivesse de acordo com o previsto; para o uso incorreto ou não uso das técnicas, os treinadores questionavam os pais sobre como o PRT poderia ter ajudado ali. Os objetivos de cada criança eram determinados nas primeiras sessões e, após a quarta e sétima sessão de grupo, foram iniciadas as sessões individuais. Estas, com o objetivo de avaliar os objetivos e, se necessário, adaptá-los. A oitava sessão foi utilizada para avaliação do programa e para o preenchimento

de um questionário sobre a vaidade social do programa e do
PRT.

Pós-intervenção: Três sessões de dez minutos similares às de linha de base, durante a qual os pais eram instruídos para aplicarem as técnicas PRT mas não recebiam feedbacks dos treinadores.

Estudo 2

Foram utilizadas duas linhas de base múltiplas, uma para cada facilidade de tratamento no qual as intervenções ocorreram. Os participantes foram aleatoriamente selecionados para a duração da linha de base, variando entre quatro, seis ou oito semanas.

Participantes: 13 pais e crianças (seis em uma facilidade de tratamento e sete em outra).

Linha de base: Duraram de quatro a oito semanas, com os detalhes idênticos aos do primeiro estudo.

Intervenção: a intervenção aconteceu por quatro sessões de 90 minutos e seis sessões com 60 minutos de duração. Aconteciam semanalmente na facilidade ou na própria casa dos pais e da criança. Assim como no primeiro estudo, da primeira à quarta sessão, as técnicas e procedimentos do PRT foram instruídas aos pais. Os detalhes também são bem similares ao estudo 1, sendo que a grande diferença é que aqui, as sessões poderiam ser conduzidas por um psicólogo de crianças, um assistente social ou um membro de cuidado de uma das facilidades de tratamento.

	<p>Outra diferença é que as crianças participaram junto com os pais a partir da quinta sessão de intervenção.</p> <p><i>Pós-intervenção:</i> Três sessões de dez minutos idênticas a do estudo 1</p>
Instrumento de análise/Escala	-
Variáveis independentes	Programas de educação de pais de crianças diagnosticadas com TEA
Variável dependente	Criação de oportunidades por parte dos pais; Iniciações espontâneas da criança;
Definição/Explicação	<p>I - “An empathic social initiation was recorded if the child’s utterance had the purpose of initiating social conversation and indicated the child’s interest in the parent, for example seeking social information (e.g., ‘What movie did you see?’), or commenting (e.g., ‘That sounds great’)” (p. 3481);</p> <p>[“Uma iniciação social empática foi registrada se o enunciado da criança teve o propósito de iniciar conversação social e indicou o interesse da criança nos pais, por exemplo buscar informação social (e.g., ‘Que filme você viu?’), ou comentando (e.g., “Isso soa ótimo’)” (p. 3481)];</p> <p>II - “The child began or directed a social interaction to get a response from the parent, spontaneously or prompted, for example ‘Ball?’ or ‘Can you help me?’ or ‘What movie did you see?’”²¹</p>

²¹ Ainda que não contenha qualquer dos termos buscados neste estudo, considera-se relevante que este excerto retirado dos materiais complementares disponibilizados *online* seja considerado como uma das definições, pois se trata da operacionalização do que os autores consideram uma iniciação social empática. O trecho pôde ser encontrado no endereço eletrônico: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-019-04061-6#Sec41> na seção: “*Electronic supplementary material*”.

	[A criança começou ou direcionou uma interação social para conseguir uma resposta do pai, espontaneamente ou solicitada, por exemplo ‘Bola’ ou ‘Pode me ajudar?’ ou ‘Que filme você assistiu?’]
Expressões relacionadas à empatia	“empathic social initiation”;
Conclusão	Os resultados do estudo 1 apontaram uma mudança moderada na taxa de respostas média da linha de base para a fase de intervenção quanto às iniciações empáticas da criança (de 0.00 para 0.75). A mudança desse média no estudo 2 foi significativamente irrelevante, sendo apenas de 0.00 para 0.15. É importante mencionar que em ambos os estudos, essas médias foram, em grande parte, mantidas para a fase de pós-intervenção.
Comentários	<p>A definição/explicação I não traz muitos detalhes ou dicas contextuais que nos ajudam a compreender mais sobre a empatia.</p> <p>Além disso, “empática”, parece ser usada no sentido de um contato puramente social, uma vez que não faz menção sobre/não menciona os sentimentos ou emoções da outra pessoa e, também, não descreve elementos que facilitem a compreensão do que estão chamando de empatia.</p> <p>As definições, explicações ou até mesmo as operacionalizações utilizadas sobre iniciações sociais empáticas referem-se ao recorte escolhido para que se obtenha medidas e resultados.</p>

	<p>Os autores concluem que “measured different types of initiations (i.e., functional, early social, and empathic social), our definition of an initiation was relatively ‘broad’, which may have resulted in low levels of interobserver agreement in many videotapes” (p.3490). [“por conta de terem medido diferentes tipos de iniciação (i.e., funcional, pré-social e social empática), nossa definição de iniciação estava relativamente ‘ampla’, o que pode ter resultado em níveis baixos de acordo entre observadores em várias gravações” (p. 3490)]. Assim, questiona-se o pouco detalhamento da definição de iniciações sociais empáticas apresentada.</p>
--	--

Tabela de análise do estudo de Gouveia et. al., (2017)

Referência	Gouveia, M. de A., Porfirio, F., Silva, J. M. da, Ocalxuk, L., & Ingberman, Y. K. (2017). Procedimento de bloqueio de respostas de esquiva e aumento da tolerância emocional. <i>Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva</i> , 19(2), 24-41.
Objetivo do trabalho	Identificar e analisar os episódios verbais no decorrer de 21 sessões de terapia analítico-comportamental.
Participantes	Um cliente do sexo masculino com 44 anos de idade e formação superior completa.
Delineamento de pesquisa utilizado	-
Procedimento	A partir da gravação de 21 sessões de psicoterapia, foi realizada uma análise de episódios verbais que eram “comportamentos considerados esquivas do cliente e respostas da terapeuta consideradas bloqueios de esquivas” (p. 28). Para a identificação de tais episódios, algumas categorias em relação ao comportamento do cliente foram criadas.

	<p>Sobre as categorias de respostas consideradas como esquiva: (1) Relato de outros; (2) Autopromover; (3) Confrontar; (4) Racionalizar; (5) Dissociação.</p> <p>Sobre as categorias de respostas relacionadas à não esquiva do cliente: (1) Autorrelato; (2) Exposição de sentimentos; (3) Autopercepção; (4) Permissividade; (5) Verbalizações assertivas.</p> <p>Em relação à análise do comportamento do terapeuta, o estudo utilizou o <i>Sistema Multidimensional de Categorização de Habilidades Terapêuticas</i> (Zamignani, 2007), de maneira em que algumas categorias foram adaptadas. Sendo elas: (a) Solicitação de relato; (b) Solicitação de relato encoberto; (c) Solicitação de reflexão; (d) Interpretação; (e) Empatia; (f) Aprovação; (g) Facilitação.</p>
Instrumento de análise/Escala	Sistema Multidimensional de Categorização de Habilidades Terapêuticas (SiMCCIT).
Variáveis independentes	-
Variável dependente	-
Definição/Explicação do conceito	[1] – “e) Empatia: verbalizações que sugerem acolhimento, cuidado, validação da experiência ou sentimento do cliente e aceitação” (p. 31).
Expressões relacionadas à empatia	“verbalização empática” (p. 39).
Conclusão do estudo	Em relação à categoria de empatia, os autores apontam que houve um aumento de frequência no decorrer das sessões, saindo de nove ocorrências, entre as primeiras sessões (6ª a 9ª), para 28 nas três últimas sessões (18ª a 21ª). Esse aumento acompanhou o aumento das categorias de autorrelato e exposição de sentimentos. Assim, os autores propõem que o aumento da empatia representa um fortalecimento do vínculo terapêutico e, assim, contribui para a intervenção de bloqueio de esquiva na medida em que reduz a aversividade da relação.
Comentários	Considerando que a definição de empatia apresentada pelo texto diz respeito à uma categoria de comportamentos verbais do

	<p>terapeuta, faz sentido apontar que o texto parece compreender a empatia como um comportamento. Da forma como foi adaptada, a categoria de Empatia parece conter outras subcategorias que estão comumente listadas como comportamentos desejáveis de um terapeuta (e.g., “acolhimento, cuidado, validação da experiência ou sentimento do cliente e validação” p. 31). Ao inspecionar a versão completa do SiMCCIT, confirma-se essa inespecificidade da categoria de Empatia, uma vez existiriam outras dez subcategorias contidas pela Empatia.</p> <p>Em geral, parece que a Empatia estaria direcionada para a criação e manutenção de um ambiente com baixa probabilidade de punição ao comportamento do cliente.</p>
--	--

Tabela de análise do estudo de Sivaraman (2017)

Referência	Sivaraman, M. (2017). Using Multiple Exemplar Training to Teach Empathy Skills to Children with Autism. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 10(4), 337–346
Objetivo do trabalho	<p>“to use multiple exemplar training to teach empathetic responding to two children with autism” (p. 337);</p> <p>[“usar treino de múltiplos exemplares para ensinar responder empático à duas crianças com autismo”] (p. 337).</p>
Participantes	Duas crianças
Delineamento de pesquisa utilizado	Linha de base múltipla entre as categorias de resposta
Procedimento	O instrutor apresentava um evento com o estímulo discriminativo programado. O experimento teve linha de base, intervenção e um período de avaliação para a generalização de estímulos para além do experimento.
Instrumento de análise/Escala	-
Variáveis independentes	Validação e acesso aos brinquedos preferidos
Variável dependente	Comportamento empático

Definição/Explicação do conceito	[1] - “Empathy was operationally defined as a contextually appropriate response involving a vocal component (and a motor component, in the case of frustration) within 3 s of a display of affect by a person” (p. 339); [“Empatia foi operacionalmente definida como uma resposta contextualmente apropriada envolvendo um componente vocal (e um componente motor no caso de frustração) dentro de três segundos após a exibição de afeto de uma pessoa” (p. 339).
Expressões relacionadas à empatia	“empathetic responding” (p.342)
Resultados/Conclusão do estudo	Os resultados indicaram de que o responder empático pode ser ensinado para crianças com TEA.
Comentários	O estudo em questão parece tratar a empatia como um apenas como um comportamento. Fazem boa descrição das contingências envolvidas.

Tabela de análise do estudo de Richartz & Gon (2018)

Referência	Richartz, M., Zazula, R., & Gon, M. C. C. (2018). Avaliação comportamental de um caso de tricotilomania em uma adolescente. <i>Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva</i> , 20(2), 105-119.
Objetivo do trabalho	“Realizar uma avaliação comportamental em uma adolescente com tricotilomania” (p. 1).
Participantes	“uma adolescente de 12 anos de idade e sua mãe com 49 anos” (p. 109).
Delineamento de pesquisa utilizado	-
Procedimento	Após a seleção da participante, na triagem de uma clínica-escola de uma faculdade do Paraná, mediante os critérios de: “(a) apresentar como queixa principal tricotilomania;, (b) ter entre 12 e 18 anos e (c) não ter relato de dificuldades de desenvolvimento

	<p>(e.g., transtorno <i>déficit</i> de atenção ou hiperatividade)” (p. 111), ocorreu a sessão de avaliação. Nessa sessão, foi realizada, separadamente entre as participantes, uma coleta de dados por meio de entrevistas e preenchimento de inventários (e.g., YSR, IHSA-Del-Prette, CBCL/ 6-18) por parte da mãe e da cliente. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.</p> <p>Para a coleta de dados, os inventários foram corrigidos e as entrevistas analisadas de acordo com seu roteiro. Em seguida, foi feita uma avaliação qualitativa dos dados a partir de quatro perspectivas “(a) descrição do comportamento de arrancar cílios, (b) repertório de habilidades sociais, (c) outros problemas de comportamento e (d) estilos parentais” (p. 111).</p> <p>Por utilizarem o IHSA-Del-Prette, também foi feita uma avaliação de habilidades sociais. Sua análise foi “realizada a partir da frequência e dificuldade com que a adolescente reagia a diferentes situações de demanda social” (p. 111).</p>
Instrumento de análise/Escala	Inventário de habilidades sociais para adolescentes (<i>IHSA-Del-Prette</i>)
Variáveis independentes	-
Variável dependente	-
Definição/Explicação do conceito	[1] – “O repertório de empatia inclui comportamentos relacionados à sensibilidade ao outro (e.g., identificar sentimentos e problemas do outro, pedir apoio, negociar soluções em situação de conflito de interesse, preocupar-se com o bem-estar do outro, guardar segredos, elogiar e fazer amizades)” (p. 111)
Expressões relacionadas à empatia	“Repertório de empatia” (p. 111)
Resultados/Conclusão do estudo	A adolescente apresenta um repertório médio inferior de habilidades sociais (percentil 35), sendo que o de empatia ficou dentro da média (percentil 50).
Comentários	A definição de empatia apresentada no artigo parece ser uma adaptação da presente no inventário IHSA-Del-Prette, uma vez

	<p>que a própria a inclusão de repertório já sinaliza o entendimento da empatia como uma classe de comportamentos. Dos exemplos de comportamentos relacionados à sensibilidade que foram mencionados na explicação [1], identificar sentimentos e problemas dos outros parece ser o que mais conversa com o senso comum e a literatura até aqui analisada.</p> <p>Dito isso, os autores não apresentam mais detalhes de quais comportamentos fariam parte desta classe.</p> <p>Uma vez que o estudo é uma análise de conteúdo de uma sessão, seria interessante que houvesse algum complemento por meio do material coletado na entrevista com a cliente, de maneira que fosse possível apresentar comportamentos relacionados a empatia mais específicos.</p>
--	--

Tabela de análise do estudo de Argott et al (2017)

Referência	Argott, P. J., Townsend, D. B., & Poulson, C. L. (2017). Acquisition and Generalization of Complex Empathetic Responses Among Children with Autism. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 10(2), 107–117.
Objetivo do trabalho	<p>“(1) to extend the current research on empathy and affective responding by individuals with ASD by teaching the separate components of the empathetic response collectively as complex empathetic responses using proven behavioral procedures and (2) to promote generalization of the complex response to untaught stimuli within the same affective categories, untaught individuals, and across time by testing the presence of the response after a specific time interval”</p> <p>(p. 109);</p> <p>[“(1) estender a pesquisa atual sobre empatia e resposta afetiva por indivíduos com TEA, ensinando os componentes separados da resposta empática coletivamente como respostas empáticas complexas usando procedimentos comportamentais comprovados e (2) promover a generalização da resposta complexa a estímulos não</p>

	ensinados dentro das mesmas categorias afetivas, indivíduos não ensinados e ao longo do tempo, testando a presença da resposta após um intervalo de tempo específico”] (p. 109).																																																										
Participantes	quatro pré-adolescentes previamente diagnosticados com TEA.																																																										
Delineamento de pesquisa utilizado	Linha de base múltipla entre respostas.																																																										
Procedimento	<p>O experimentador apresentava algum estímulo afetivo (i.e., expressão facial, gesto e afirmação em uma entonação coerente com a categoria que estava aplicando) ao participante. A depender da etapa do estudo, existiam algumas diferenças entre o tempo de apresentação da consequência reforçadora após a resposta do participante.</p> <p>Cada sessão consistia em 36 tentativas, sendo divididas igualmente em três categorias dos estímulos afetivos, das quais 27 eram tentativas de treino e nove eram tentativas de generalização de estímulos.</p> <p>A seguir, os elementos do estudo são listados</p> <p>Table 1 Empathetic responses taught in response to affective stimuli</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Category of affect</th> <th>Statements of empathy</th> <th>Appropriate gesture</th> <th>Facial expression</th> <th>Appropriate intonation</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Joy</td> <td>That's great! That's awesome!</td> <td>Give a high five</td> <td>Smile</td> <td>High pitch Lively intonation</td> </tr> <tr> <td>Frustration</td> <td>Can I help you? Let me help?</td> <td>Place hand on chest with palm facing body</td> <td>Raised eyebrows</td> <td>Rising pitch</td> </tr> <tr> <td>Pain</td> <td>Can I get you something? Do you need anything?</td> <td>Hold one hand out with palm up</td> <td>Lowered (Derek & Janine) or Raised (Jared & George) eyebrows</td> <td>Low pitch Sad intonation</td> </tr> </tbody> </table> <p>Table 2 Sample affective stimuli presented by the instructor</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Category/facial expression</th> <th>Gesture</th> <th>Script</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td rowspan="4">Joy/smile</td> <td>-Hold up the puzzle</td> <td>-I finished my puzzle!</td> </tr> <tr> <td>-Raise arms above head</td> <td>-I won the game! (electronic card game)</td> </tr> <tr> <td>-Hold up the hot wheels</td> <td>-I found my toy</td> </tr> <tr> <td>-Hold up and point to play-do</td> <td>-Look what I made!</td> </tr> <tr> <td rowspan="5">Frustration/angry</td> <td>-Raise arms above head</td> <td>-I figured it out! (rubix cube)</td> </tr> <tr> <td>-Struggle with a bottle</td> <td>-I cannot open it</td> </tr> <tr> <td>-Bang fly wheels on table</td> <td>-This will not work</td> </tr> <tr> <td>-Struggle with k'nex</td> <td>-This will not fit</td> </tr> <tr> <td>-Point to the word 'the'</td> <td>-I cannot read the word</td> </tr> <tr> <td rowspan="6">Pain/sad</td> <td>-Try to remove Tupperware top</td> <td>-It is stuck</td> </tr> <tr> <td>-Right hand on right side of head</td> <td>-I have such a headache</td> </tr> <tr> <td></td> <td>-My back really hurts</td> </tr> <tr> <td>-Rub lower back</td> <td>-I have a toothache</td> </tr> <tr> <td>-Rub right cheek</td> <td>-My neck is so sore</td> </tr> <tr> <td>-Rub back of neck</td> <td>-Owww</td> </tr> <tr> <td></td> <td>-Bump knee on chair</td> </tr> </tbody> </table>	Category of affect	Statements of empathy	Appropriate gesture	Facial expression	Appropriate intonation	Joy	That's great! That's awesome!	Give a high five	Smile	High pitch Lively intonation	Frustration	Can I help you? Let me help?	Place hand on chest with palm facing body	Raised eyebrows	Rising pitch	Pain	Can I get you something? Do you need anything?	Hold one hand out with palm up	Lowered (Derek & Janine) or Raised (Jared & George) eyebrows	Low pitch Sad intonation	Category/facial expression	Gesture	Script	Joy/smile	-Hold up the puzzle	-I finished my puzzle!	-Raise arms above head	-I won the game! (electronic card game)	-Hold up the hot wheels	-I found my toy	-Hold up and point to play-do	-Look what I made!	Frustration/angry	-Raise arms above head	-I figured it out! (rubix cube)	-Struggle with a bottle	-I cannot open it	-Bang fly wheels on table	-This will not work	-Struggle with k'nex	-This will not fit	-Point to the word 'the'	-I cannot read the word	Pain/sad	-Try to remove Tupperware top	-It is stuck	-Right hand on right side of head	-I have such a headache		-My back really hurts	-Rub lower back	-I have a toothache	-Rub right cheek	-My neck is so sore	-Rub back of neck	-Owww		-Bump knee on chair
Category of affect	Statements of empathy	Appropriate gesture	Facial expression	Appropriate intonation																																																							
Joy	That's great! That's awesome!	Give a high five	Smile	High pitch Lively intonation																																																							
Frustration	Can I help you? Let me help?	Place hand on chest with palm facing body	Raised eyebrows	Rising pitch																																																							
Pain	Can I get you something? Do you need anything?	Hold one hand out with palm up	Lowered (Derek & Janine) or Raised (Jared & George) eyebrows	Low pitch Sad intonation																																																							
Category/facial expression	Gesture	Script																																																									
Joy/smile	-Hold up the puzzle	-I finished my puzzle!																																																									
	-Raise arms above head	-I won the game! (electronic card game)																																																									
	-Hold up the hot wheels	-I found my toy																																																									
	-Hold up and point to play-do	-Look what I made!																																																									
Frustration/angry	-Raise arms above head	-I figured it out! (rubix cube)																																																									
	-Struggle with a bottle	-I cannot open it																																																									
	-Bang fly wheels on table	-This will not work																																																									
	-Struggle with k'nex	-This will not fit																																																									
	-Point to the word 'the'	-I cannot read the word																																																									
Pain/sad	-Try to remove Tupperware top	-It is stuck																																																									
	-Right hand on right side of head	-I have such a headache																																																									
		-My back really hurts																																																									
	-Rub lower back	-I have a toothache																																																									
	-Rub right cheek	-My neck is so sore																																																									
	-Rub back of neck	-Owww																																																									
	-Bump knee on chair																																																										

Instrumento de análise/Escala	-
Variáveis independentes	Apresentação de consequências reforçadoras e compatíveis
Variável dependente	Emissão de comportamentos simpáticos
Definição/Explicação do conceito	<p>[1] – “Empathy can be defined as a social interaction skill that consists of four components: (1) a statement voiced in the (2) appropriate intonation, accompanied by a (3) facial expression and (4) gesture that correspond to the affect of another individual.”</p> <p>(p. 107);</p> <p>[“empatia pode ser definida como uma habilidade de interação social que consiste em quatro componentes: (1) uma afirmação vocalizada em uma entonação apropriada, acompanhada por uma expressão facial e gesticulação que correspondem ao afeto de outro indivíduo”]</p> <p>(p. 107)</p>
Expressões relacionadas à empatia	<p>“empathetic responding” (p. 107)</p> <p>“empathetic responses” (p. 107)</p>
Resultados/Conclusão do estudo	Em geral, os resultados apontaram para um aumento no número de respostas consideradas empáticas dos participantes do estudo. Em um trecho os autores mencionam que houve até uma generalização de estímulos para pessoas que não estavam nem participando do experimento, indicando uma consistência externa do estudo.
Comentários	O estudo em questão apresenta o termo empatia muitas vezes, então a definição sistematizada aqui foi escolhida por conter todos os elementos que os autores apresentam ao longo do artigo. A empatia não só é tratada como comportamento, mas tem seus antecedentes, respostas esperadas e consequências bem delimitadas dentro do estudo.

Apêndice D

As tabelas apresentadas a seguir contém os dados bibliométricos dos artigos internacionais selecionados e estão ordenadas crescentemente de acordo com o número de pesquisa utilizado na recuperação de cada artigo.

Referência	Argott, P. J., Townsend, D. B., & Poulson, C. L. (2017). <i>Acquisition and Generalization of Complex Empathetic Responses Among Children with Autism</i> . <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 10(2), 107–117.
Natureza do trabalho	Pesquisa aplicada
Ano de publicação	2017
Periódico	Behavior analysis in practice
Instituições vinculadas	University of North Florida; University of New York; The institute of Educational Archive.
Palavras-chaves descritas no artigo	Autism; Empathy; Social skills; Adolescents; Discrimination; Complex responding.
Combinação de palavras-chaves encontrada	<i>Empathy AND “Behavior Analysis”</i>
Número de pesquisa	19

Referência	Schrandt, J. A., Townsend, D. B., & Poulson, C. L. (2009). <i>Teaching Empathy Skills to Children With Autism</i> . <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 42(1), 17–32.
Natureza do trabalho	Pesquisa aplicada
Ano de publicação	2009
Periódico	Journal of Applied Behavior Analysis
Instituições vinculadas	University of New York; Institute for Educational Achievement.
Palavras-chaves	Autism; Empathy; Social skills.
Combinação de palavras-chaves encontradas	<i>Empathy AND “Behavior Analysis”</i>
Número de pesquisa	19

Referência	Sivaraman, M. (2017). <i>Using Multiple Exemplar Training to Teach Empathy Skills to Children with Autism. Behavior Analysis in Practice, 10(4), 337–346.</i>
Natureza do trabalho	Pesquisa aplicada
Ano de publicação	2017
Periódico	Behavior Analysis in Practice
Instituições vinculadas	Tendrils Centre for Autism Research and Intervention (Chennai, India)
Palavras-chaves	Autism; Empathy; Multiple exemplar training; Generalization.
Combinação de palavras-chaves encontradas	<i>Empathy AND “Behavior Analysis”</i>
Número de pesquisa	19

Referência	Taylor, B. A., LeBlanc, L. A., & Nosik, M. R. (2018). <i>Compassionate Care in Behavior Analytic Treatment: Can Outcomes be Enhanced by Attending to Relationships with Caregivers? Behavior Analysis in Practice, 12(3), 654-666</i>
Natureza do trabalho	Pesquisa aplicada
Ano de publicação	2018
Periódico	Behavior Analysis in Practice
Instituições vinculadas	Alpine Learning Group; LeBlanc Behavioral Consulting; Behavior Analyst Certification Board.
Palavras-chaves	Autism; Collaboration; Compassion; Empathy; Family; Parents; Perspective taking; Therapeutic relationship.
Combinação de palavras-chaves encontradas	<i>Empathy AND “Behavior Analysis”</i>
Número de pesquisa	19

Referência	Peláez, M. (2001). Morality as a system of rule-governed behavior and empathy. <i>Behavioral Development Bulletin</i> , 10(1), 8-14.
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2001
Periódico	Behavioral Development Bulletin
Instituições vinculadas	Florida International University
Palavras-chaves	-
Combinação de palavras-chaves encontradas	<i>Empathy AND "Behavior Analysis"</i>
Número de pesquisa	19
Referência	Montoya-Rodríguez, M. M., Molina, F. J., & McHugh, L. (2016). A Review of Relational Frame Theory Research Into Deictic Relational Responding. <i>The Psychological Record</i> , 67(4), 569–579.
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2016
Periódico	The Psychological Record
Instituições vinculadas	Universidad del Almeria
Palavras-chaves	Relational frame theory; Deictic relations; Review; Perspective taking.
Combinação de palavras-chaves encontradas	<i>Empathy AND "Behavior Analysis"</i>
Número de pesquisa	19

Referência	Diller, J. W., & Boornazian, E. S. (2015). <i>The Bonobo and the Behaviorist: Frans de Waal's Bottom-Up Morality. The Behavior Analyst</i> , 38(2), 293–307.
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2015
Periódico	The Behavior Analyst
Instituições vinculadas	Universidad del Almeria
Palavras-chaves	Altruism; Behaviorism; Morality; Pragmatism; Values.
Combinação de palavras-chaves encontradas	<i>Empathy AND "Behavior Analysis"</i>

Número de pesquisa	19
Referência	Fletcher, L. B., Schoendorff, B., & Hayes, S. C. (2010). <i>Searching for Mindfulness in the Brain: A Process-Oriented Approach to Examining the Neural Correlates of Mindfulness</i> . <i>Mindfulness</i> , 1(1), 41–63.
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2010
Periódico	Mindfulness
Instituições vinculadas	University of Nevada; Brain Dynamics and Cognition.
Palavras-chaves	Mindfulness; Functional contextualism; Neuroimaging; Meditation; Acceptance and commitment therapy.
Combinação de palavras-chaves encontradas	<i>Empathy</i> AND “ <i>Behavior Analysis</i> ”
Número de pesquisa	19

Referência	Marques, N.S., de Almeida, J.A.T. (2021). Brazilian Presidential Pronouncements in the Pandemic: Effectiveness in Crisis Communication and Rule Properties. <i>Behavior and Social Issues</i> , 30, 428–44.
Natureza do trabalho	Teórica
Ano de publicação	2021
Periódico	Behavio and Social Issues
Instituições vinculadas	Universidade Federal do Ceará; Universidade Federal do Pará.
Palavras-chaves	Pandemic; COVID-19; Effective crisis communication; Rule dimensions; Public policies.
Combinação de palavras-chaves encontradas	“ <i>Empathy</i> ” AND “ <i>Behavior Analysis</i> ”
Número de pesquisa	19

Referência	Catagnus, R.M., Griffith, A.K. & Umphrey, B.J. (2021). Anger, Fear, and Sadness: How Emotions Could Help Us End a Pandemic of Racism. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 14(2), 1-12.
------------	---

Natureza do trabalho	Teórica
Ano de publicação	2021
Periódico	Behavior Analysis in Practice
Instituições vinculadas	Applied Behavior Analysis Online Department
Palavras-chaves	Racism; Antiracism; Emotions; Behavior analysis; Social justice.
Combinação de palavras-chaves encontradas	“Empathy” AND “Behavior Analysis”
Número de pesquisa	19
Referência	Valentino, A. L., LeBlanc, L. A., & Sellers, T. P. (2016). <i>The Benefits of Group Supervision and a Recommended Structure for Implementation. Behavior Analysis in Practice, 9(4), 320–328.</i>
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2016
Periódico	Behavior Analysis in Practice
Instituições vinculadas	Trumpet Behavioral Health; Utah State University
Palavras-chaves	Certification; Fieldwork experience; Group supervision; Mentorship; Professional repertoires.
Combinação de palavras-chaves encontradas	<i>Empathy</i> AND “ <i>Behavior Analysis</i> ”
Número de pesquisa	19

Referência	Slim, L., Reuter-Yuill, L. M.(2021). A Behavior-Analytic Perspective on Interprofessional Collaboration . <i>Behavior Analysis in Practice, 14(4), p. 1238-1248.</i>
Natureza do trabalho	Teórica
Ano de publicação	2021
Periódico	Behavior Analysis in Practice
Instituições vinculadas	The Chicago School of Professional Psychology, Chicago; Department of Psychology, Western Michigan University, MI Kalamazoo, USA; Comprehensive Speech and Therapy Center, Jackson, MI, USA
Palavras-chaves	Collaboration . Interprofessionalism . Interprofessional education . Interprofessional practice . Interprofessional education

	collaborative . Interprofessional collaborative practice
Combinação de palavras-chaves encontradas	“Empathy” AND “Behavior Analysis”
Número de pesquisa	19

Referência	Rohrer, J.L., Marshall, K.B., Suzio, C., & Weiss, M. J. (2021). Soft skills: the case for compassionate approaches or how behavior analysis keeps finding its heart. <i>Behavior Analysis in Practice, 14</i> , 1135–1143.
Natureza do trabalho	Teórica
Ano de publicação	2021
Periódico	Behavior Analysis in Practice
Instituições vinculadas	Endicott College, Beverly, MA, USA
Palavras-chaves	Skills; Family centered; Behavior analysis; Collaboration.
Combinação de palavras-chaves encontradas	“Empathy” AND “Behavior Analysis”
Número de pesquisa	19

Referência	Hachiga, Y., Schwartz, L. P., Silberberg, A., Kearns, D. N., Gomez, M., & Slotnick, B. (2018). Does a rat free a trapped rat due to empathy or for sociality?. <i>Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 110</i> (2), 267-274.
Natureza do trabalho	Pesquisa experimental
Ano de publicação	2018
Periódico	Journal of the Experimental Analysis of Behavior
Instituições vinculadas	American University
Palavras-chaves	Rat empathy; Social-contact hypothesis; Restraint tube; Rats; Maze.
Combinação de palavras-chaves encontradas	Empathy AND “Analysis of Behavior”
Número de pesquisa	20

Referência	Silberberg, A., Allouch, C., Sandfort, S., Kearns, D., Karpel, H., & Slotnick, B. (2013). Desire for social contact, not empathy, may explain “rescue” behavior in rats. <i>Animal Cognition</i> , 17(3), 609–618.
Natureza do trabalho	Pesquisa experimental
Ano de publicação	2013
Periódico	Animal cognition
Instituições vinculadas	Department of Psychology - American University
Palavras-chaves	Empathy; Social contact; Altruism; Neophobia; Rats.
Combinação de palavras-chaves encontradas	<i>Empathy</i> AND “ <i>operant behavior</i> ”
Número de pesquisa	22

Referência	Watanabe, S., & Ono, K. (1986). An experimental analysis of “empathic” response: effects of pain reactions of pigeon upon other pigeon’s operant behavior. <i>Behavioural Processes</i> , 13, 269-277.
Natureza do trabalho	Pesquisa experimental
Ano de publicação	1986
Periódico	Behavioural Process
Instituições vinculadas	Keio University
Palavras-chaves	-
Combinação de palavras-chaves encontradas	<i>Empathy</i> AND “ <i>operant behavior</i> ”
Número de pesquisa	22

Referência	Verschuur, R., Huskens, B., & Didden, R. (2019). Effectiveness of Parent Education in Pivotal Response Treatment on Pivotal and Collateral Responses. <i>Journal of Autism and Developmental Disorders</i> , 49(9), 3477-3493.
Natureza do trabalho	Pesquisa aplicada
Ano de publicação	2019
Periódico	Journal of Autism and Developmental Disorders
Instituições vinculadas	Behavioural Science Institute, Radboud University;

	Seyscentra
Palavras-chaves	Autism spectrum disorder; Pivotal response treatment; Parent education; Parent-created opportunities; Child initiations.
Combinação de palavras-chaves encontradas	<i>Empathic AND "Behavior Analysis"</i>
Número de pesquisa	25

Referência	Blell, Z. D., Alai-Rosales, S., & Rosales-Ruiz, J. (2018). The effects of a supportive communication training workshop on the verbal behavior analysis. <i>Behavior and Social Issues</i> , 19(1), 144-166.
Natureza do trabalho	Pesquisa Aplicada
Ano de publicação	2018
Periódico	Behavior and Social Issues
Instituições vinculadas	University of North Texas
Palavras-chaves	Supportive communication; Comforting communication; Person-centered communication; Communication training.
Combinação de palavras-chaves encontradas	<i>Empathetic AND "Behavior Analysis"</i>
Número de pesquisa	31

Apêndice E

As tabelas apresentadas a seguir contém os dados bibliométricos dos artigos nacionais selecionados e estão ordenadas de acordo com o periódico no qual foram publicados.

Referência	Zamignani, D., & Meyer, S. B. (2011). Comportamentos verbais do terapeuta no Sistema Multidimensional para a Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica*(SiMCCIT). <i>Perspectivas em análise do comportamento</i> , 2(1), 25-45.
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2011
Periódico	Perspectivas em Análise do Comportamento
Instituições vinculadas	Núcleo Paradigma de Análise do Comportamento
Palavras-chaves	pesquisa de processo em psicoterapia; categorização de comportamentos; interação terapeuta-cliente; terapia analítico-comportamental.

Referência	Kanamota, P. F. de C., Oliveira, A. C. F., Morais, W. L. da S., Zamignani, D. R., de Almeida, R. B. M., Ramos, A. C., Pantet, A., de Oliveira, A. D., de Andrade, L. M., Hayamizu, N., & Rodrigues, B. D. (2019). O conceito de responsividade na Terapia Analítico Comportamental e suas implicações para a pesquisa de processo-resultado. <i>Perspectivas Em Análise Do Comportamento</i> , 10(1), 114-128.
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2019
Periódico	Perspectivas em Análise do Comportamento
Instituições vinculadas	Faculdade Aldete Maria Alves (FAMA); Paradigma – Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento; Universidade Federal do Tocantins (UFT).
Palavras-chaves	Responsividade; Análise do comportamento; Psicoterapia analítico-comportamental; Pesquisa em psicoterapia.

Referência	Falcone, E. (1999). A avaliação de um programa de treinamento de empatia com universitários.
------------	--

	<i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 1(1), 23-32</i>
Natureza do trabalho	Pesquisa aplicada
Ano de publicação	1999
Periódico	Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva
Instituições vinculadas	Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
Palavras-chaves	Treinamento de empatia; Empatia e comunicação; Habilidades sociais; empatia.

Referência	Haber, G. M., & Carmo, J. S. (2007). O fantasiar como recurso na clínica comportamental infantil. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 9(1), 45-61.</i>
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2007
Periódico	Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva
Instituições vinculadas	Universidade Federal do Pará (UFPA)
Palavras-chaves	Intervenção comportamental; Fantasiar; Comportamento verbal; Crianças.

Referência	Gouveia, M. de A., Porfirio, F., Silva, J. M. da, Ocalxuk, L., & Ingberman, Y. K. (2017). Procedimento de bloqueio de respostas de esquiva e aumento da tolerância emocional. <i>Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva, 19(2), 24-41.</i>
Natureza do trabalho	Pesquisa Teórica
Ano de publicação	2017
Periódico	Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva
Instituições vinculadas	Instituto de Estudo e Psicoterapia Analítico-Comportamental (IEPAC)
Palavras-chaves	Bloqueio de esquiva; Exposição ao aversivo; Habilidades terapêuticas; Tolerância emocional; Autorrelato.

Referência	Richartz, M., Zazula, R., & Gon, M. C. C. (2018). Avaliação comportamental de um caso de tricotilomania em uma adolescente. <i>Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva</i> , 20(2), 105-119.
Natureza do trabalho	Pesquisa aplicada
Ano de publicação	2018
Periódico	Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva
Instituições vinculadas	Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA); Universidade Estadual de Londrina (UEL).
Palavras-chaves	Tricotilomania; Avaliação comportamental; Habilidades sociais; Práticas parentais.

Referência	Fogaça, F. F. S., Tatmatsu, D., Comodo, C. N., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2019). O desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência como ápice comportamental. <i>Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva</i> , 21(2), 217-231.
Natureza do trabalho	Pesquisa teórica
Ano de publicação	2019
Periódico	Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva
Instituições vinculadas	Universidade de Taubaté (Unitau); Universidade Federal do Ceará (UFC); Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento (ITCR) - Campinas; Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).
Palavras-chaves	Habilidades sociais; Ápice comportamental; Adolescência.

Apêndice F

Modelos de tabelas utilizadas na análise bibliométrica

Análise bibliométrica dos artigos selecionados internacionais

Referência	
Natureza do trabalho	
Ano de publicação	
Periódico	
Instituição vinculada	
Palavras-chaves	
Combinação de palavras encontrada	

Análise bibliométrica dos artigos selecionados nacionais

Referência	
Natureza do trabalho	
Ano de publicação	
Periódico	
Instituição vinculada	
Palavras-chaves	

Análise de pesquisa experimental

Referência	
Objetivo do trabalho	
Participantes	
Condições de habitação	
Definição/Explicação	
Variáveis independentes	
Variável dependente	
Conclusão	
Comentários	

Análise de pesquisa aplicada

Referência	
Objetivo do trabalho	
Participantes	
Definição/Explicação	
Instrumentou de análise/Escala	
Variáveis independentes	
Variável dependente	
Conclusão	
Comentários	

Análise de pesquisa teórica

Referência	
Objetivo do trabalho	
Definição/Explicação	
Tese tradicional	
Crítica	
Tese alternativa	
Conclusão	
Comentários	